

LINGUÍSTICA LETRAS e ARTES

A Sociedade e a Cultura

Jader Silveira / Resiane Silveira (Org.)

v. 4 | 2023

LINGUÍSTICA LETRAS e ARTES

A Sociedade e a Cultura

Jader Silveira / Resiane Silveira (Org.)

v. 4 | 2023

© 2023 – Editora Union

www.editoraunion.com.br

editoraunion@gmail.com

Organizadores

Jader Luís da Silveira

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Union

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silveira, Jader Luís da
S5871 Linguística, Letras e Artes: A Sociedade e a Cultura - Volume 4 /
Jader Luís da Silveira, Resiane Paula da Silveira (organizadores).
– Formiga (MG): Editora Union, 2023. 111 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84885-30-1
DOI: 10.5281/zenodo.10246920

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. 4. Sociedade e Cultura. I. Silveira,
Resiane Paula da. II. Título.

CDD: 410
CDU: 80

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Union
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoraunion.com.br
editoraunion@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoraunion.com.br/2023/12/linguistica-letras-e-artes-sociedade-e.html>





AUTORES

**ADNA JESUS CHAVES
CARLOS EDUARDO ALBUQUERQUE FERNANDES
CECILIA MARIA MOURÃO CARVALHO
DANIEL MOREIRA DA SILVA
FERNANDO MENDES BARCELOS SEGUNDO
JESSIKA KÉTULA RODRIGUES VILELA
LARISSA CAMARGO CASTRO ALVES MURANAKA
MADIELLE FIGUEIREDO DA SILVA
MÁRCIA A. G. MOLINA
MARIANA BRITO RIBEIRO
MARIELI ROSA
MICHELI ROSA
RAINE OLIVEIRA SILVA**

APRESENTAÇÃO

A obra "Linguística, Letras e Artes: A Sociedade e a Cultura" representa um esforço coletivo de pesquisadores, acadêmicos e apaixonados pelas ciências linguísticas, literárias e artísticas, que buscam desvendar os intrincados laços entre a sociedade e a cultura que nos cercam.

Desde tempos imemoriais, a humanidade tem se dedicado a compreender e explorar a complexidade da linguagem, a riqueza das letras e a expressividade das artes. Essas áreas do conhecimento não são apenas instrumentos de comunicação e expressão, mas também espelhos que refletem as crenças, valores, ideias e emoções de uma sociedade em constante evolução.

Neste livro, os leitores serão levados a uma jornada fascinante através dos intrincados caminhos da linguística, das letras e das inúmeras facetas das artes. Os capítulos aqui reunidos abrangem uma ampla gama de temas, desde estudos fonéticos e morfológicos até análises literárias de grandes obras clássicas e contemporâneas, bem como reflexões sobre a influência das artes na identidade cultural.

Ao mergulharmos nesse oceano de conhecimento, percebemos a importância de entendermos a interdependência entre linguagem, literatura e arte, e como elas se entrelaçam para moldar e moldar-nos como indivíduos e como sociedade. Com cada página virada, novas descobertas e compreensões emergirão, desafiando nossas perspectivas e estimulando nossa curiosidade intelectual.

Acreditamos firmemente que este livro servirá como uma fonte valiosa de aprendizado e inspiração para estudantes, professores, pesquisadores e entusiastas dessas áreas do saber. É nossa esperança que os leitores encontrem nestas páginas um convite para explorar, questionar e expandir seus horizontes cognitivos, abraçando o potencial transformador das linguísticas, letras e artes em suas vidas e em suas sociedades.

Portanto, convidamos você, caro leitor, a embarcar nesta jornada intelectual conosco, explorando as ricas conexões entre Linguística, Letras e Artes com a Sociedade e a Cultura. Que este livro seja um farol de sabedoria, iluminando os caminhos da compreensão e da apreciação das complexidades que permeiam o mundo que nos cerca.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Capítulo 1 GRAMÁTICAS: ANÁLISE CRÍTICA DAS DIFICULDADES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO <i>Micheli Rosa; Marieli Rosa</i>	8
Capítulo 2 A VIOLÊNCIA COMO VÁLVULA DE ESCAPE: UMA LEITURA DOS CONTOS PASSEIOS NOTURNOS DE RUBEM FONSECA <i>Larissa Camargo Castro Alves Muranaka</i>	24
Capítulo 3 ANÁLISE DOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO DIÁRIO DE OBRA <i>Márcia A. G. Molina; Fernando Mendes Barcelos Segundo; Daniel Moreira da Silva; Mariana Brito Ribeiro</i>	44
Capítulo 4 CORPO, MUHERES E DECADENTISMO: UMA ANÁLISE DE PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA O CORTIÇO <i>Jessika Kétula Rodrigues Vilela; Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes</i>	64
Capítulo 5 ENTRELUGAR DA LITERATURA INFANTIL NA POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO: DESVELANDO INTENCIONALIDADES <i>Adna Jesus Chaves; Cecília Maria Mourão Carvalho; Madielle Figueiredo Da Silva; Raine Oliveira Silva</i>	91
AUTORES	108



Capítulo 1
GRAMÁTICAS: ANÁLISE CRÍTICA DAS
DIFICULDADES DE ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO

Micheli Rosa
Marieli Rosa

GRAMÁTICAS: ANÁLISE CRÍTICA DAS DIFICULDADES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Micheli Rosa

*Pesquisadora na área de Linguística Crítica, Doutoranda em Linguística pela UnB, e-mail:
michelly.hist@gmail.com*

Marieli Rosa

*Pesquisadora na área de Linguística Crítica, Mestre em História pela Uepg, e-mail:
marielly_rosa@yahoo.com.br*

RESUMO

Este trabalho é resultado de reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem de Língua portuguesa nas escolas brasileiras no que tange a gramática normativa. Observamos em nossas vivências nas escolas que esse conteúdo ainda é apresentado como um conjunto de prescrições e descrições. Para pensarmos sobre as dificuldades dos estudantes em relação a esse aspecto utilizamos os dados obtidos durante a execução do cursinho pré-vestibular, denominado Lado B, com sede em Florianópolis, advinda da seguinte pergunta: “Quais tópicos da gramática normativa você tem dificuldade em aprender ou não compreende?”. Com as respostas conseguimos construir um panorama geral dos tópicos concernentes ao ensino de gramática apontados pelos estudantes. Constatamos como assuntos principais ligados às adversidades: sintaxe, concordância verbal e pontuações. A partir disso, deparamo-nos com a questão: como desenvolver as habilidades com relação à gramática? Nesse sentido, pontuamos a importância do uso de diferentes tipos de gramática e gêneros discursivos na construção das aulas de Língua Portuguesa para que haja um aprendizado crítico. Por isso, respaldamos o nosso trabalho nos estudos do campo da Análise Linguística, Ensino de língua portuguesa e as discussões sobre Gramática e ensino: GERALDI (1997), TRAVAGLIA (1996), MENDONÇA (2006) POSSENTI (1997).

Palavras-chave: Ensino; Gramática; Linguística.

ABSTRACT

This work is the result of reflections on the teaching-learning process of portuguese Language in Brazilian schools as far as normative grammar is concerned. We observed in our experiences in schools that this content is still presented as a set of prescriptions and descriptions. To think about the difficulties of students in relation to this aspect, we used the

data obtained during the execution of the pre-vestibular course, called Lado B, based in Florianópolis, from the following question: "What topics in normative grammar do you have difficulty learning or don't understand?" With the answers we were able to build an overview of the topics concerning the teaching of grammar pointed out by the students. We found as main subjects related to adversity: syntax, verbal agreement and punctuation. From this, we are faced with the question: how to develop skills in relation to grammar? In this sense, we point out the importance of the use of different types of grammar and discursive genres in this sense, we point out the importance of the use of different types of grammar and discursive genres in the construction of Portuguese Language classes so that there is a critical learning. Therefore, we support our work in the studies of the field of Linguistic Analysis, Portuguese Language Teaching and the discussions on Grammar and teaching: GERALDI (1997), TRAVAGLIA (1996), MENDONÇA (2006) POSSENTI (1997).

Keywords: Teaching; Grammar; Linguistics.

Introdução

Ouvimos, em algum momento de nossas vidas, várias frases a respeito do ensino de Língua Portuguesa e a eficácia dos estudos gramaticais nos bancos escolares. Entretanto, sem sombra de dúvida, em relação aos "bordões", a mais célebre sentença é: "estudamos gramática por mais de dez anos e saímos das escolas sem entender suas aplicações". Isso deve-se pelo fato de que em alguns contextos educacionais a gramática é sinônimo de Língua Portuguesa. A partir desse equívoco, constatamos outras declarações emitidas por estudantes acerca das aulas: "não gosto"; "é chato"; "não entendo".

Embora as diretrizes educacionais forneçam possibilidades de novas abordagens, na prática ainda observamos alguns planos de aulas construídos por docentes no qual a gramática tem como base as prescrições e descrições. Entretanto, é necessário não nos aprisionarmos em uma única perspectiva de gramática (TRAVAGLIA, 1996). As representações acerca da Língua portuguesa, dentro da trajetória das pessoas no âmbito educacional pautadas em regras fez com que houvesse um distanciamento da compreensão dos fenômenos da linguagem no cotidiano delas. Um exemplo disso é que nossos alunos e alunas desconhecem que possuem, através da aquisição intuitiva e inconsciente, as regras da gramática internalizada, ou seja, eles fazem uso dela nas situações de interação, mas, não a nomeiam com tal. Isso deve-se pelo fato de que a

gramática tradicional se sobrepõe a qualquer outra forma de ensinar o funcionamento da Língua.

Nesse sentido, as aulas na disciplina de Língua Portuguesa devem voltar-se para “significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas” (BRASIL, 1997, p. 20). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em Língua Portuguesa, a questão não é falar errado ou certo, mas, ter o conhecimento sobre como a fala tem impacto e aspectos diferentes em contextos de comunicação diversos. Nesse documento há questões que versam sobre as situações comunicativas e, portanto, a adequação da linguagem às circunstâncias de uso (BRASIL, 1997). Desse modo, as abordagens em sala de aula precisam deslocar a atenção para o desenvolvimento de análises de situações concretas.

Ademais, a linguagem enquanto interação está prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “Se a linguagem é comunicação, pressupõe interação entre as pessoas que participam do ato comunicativo com e pela linguagem” (BRASIL, 2018, p. 59). Aulas centralizadas em nomenclaturas e regras não melhoram o desempenho dos alunos e das alunas, visto que o conhecimento sobre a Língua está distante das práticas e usos dela na vida cotidiana. Portanto, o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa dentro das abordagens expostas pelos Parâmetros Curriculares e pela Base Nacional Comum Curricular apresentam caminhos para propiciar competências comunicativas.

Para João Wanderley Geraldi (1997, p. 43), “a língua só tem sentido no jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. Vivemos numa sociedade no qual a linguagem constitui as relações humanas e o contexto cultural. Por isso, é preciso construir aulas com base nos significados culturais da linguagem e o modo pelos quais as pessoas interpretam a realidade.

Diversas práticas comunicativas relacionam-se à configuração das interações. Dessa forma, o uso de práticas comunicativas implica pensarmos na interação como espaço para analisarmos a Língua (gem) dentro das práticas sociais e culturais dos estudantes. Assim, em paralelo aos assuntos relacionados às dificuldades concernentes à gramática, aplicamos um formulário/pesquisa sobre as redes sociais utilizadas pelos alunos e pelas alunas do curso pré-vestibular, denominado Projeto Lado B, com sede em Florianópolis, para entendermos tais aspectos para a construção de aulas mais significativas.

Os usos das redes sociais como espaço de construção do conhecimento

O mundo virtual tornou-se um instrumento utilizado para vários fins. Obviamente, existe o impacto dos aspectos socioeconômicos quando o assunto se refere à esfera educacional e as tecnologias. Entretanto, sem dúvida, as redes sociais são meios que estão na “palma das mãos” das pessoas, principalmente, dos adolescentes. Portanto, a presença das tecnologias no cotidiano de alunos (as) já é uma realidade e os (as) professores (as) precisam assumir uma postura crítica.

De acordo com Francineide Sales da Silva e Maria Lúcia Serafim (2016, p. 67), apesar das redes sociais serem cada vez mais presentes na vida de discentes e docentes elas são pouco exploradas. Isso advém do fato que na “maioria dos casos, as escolas não permitem o acesso a esse tipo de rede social em função do ‘medo’ de que o aluno se interesse por assuntos que não estejam diretamente ligados aos estudos de sala de aula”.

De fato, não podemos negar que a *internet* provocou e continua provocando mudanças nas esferas sociais e culturais. As profundas transformações advindas da formação e expansão de tecnologias de informação também constroem novas maneiras de interação. Além disso, permitem aos alunos e alunas acesso a informações sobre diversos assuntos. Contudo, a acessibilidade de conteúdos não equivale a qualidade de interpretá-los. Portanto, como aponta Bencini (2002), os docentes têm o papel de desenvolver a criticidade dos estudantes, ou seja, transformar conteúdo da *web* em conhecimento.

Dentre as redes sociais mais famosas e usadas no cotidiano estão: *Facebook*, *Instagram*, *Tiktok*, *WhatsApp* e *Youtube*. Cada uma dessas redes possui funcionalidades e dinamicidades diferentes como, por exemplo, *Youtube* e *Instagram*. No caso dessa rede social, observamos uma certa limitação em sua plataforma, pois conseguimos depositar apenas vídeos (curtos), fotos e comentários. Já naquela temos como principal foco a fixação de vídeos mais longos. Nesse sentido, as redes possuem suas próprias interfaces, mas, a composição delas tem como finalidade a interação e a troca discursiva.

Afinal, o que é uma rede social? De acordo com Pierre Musso (2006, p.34), é “uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos, interações profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos”. A participação ativa em redes sociais e o compartilhamento das mais diferentes intenções são mediadas por meio de trocas discursivas que permitem executar ações como criar, enviar e receber

mensagens. Esses recursos disponibilizados por essas plataformas digitais fazem com que seus membros se relacionem uns com os outros a partir de interesses comuns.

As redes sociais baseiam-se em informações e conteúdos que circulam e são repassados, por meio de perfis, atingindo percepções advindas de vários grupos sociais e, assim, transformando-se em novas formas de conversação e organização. Essas interações em ambientes virtuais ocorrem através de interfaces como computadores, celulares, *tablets*, etc. Desse modo, a conexão de *logins* constitui a ligação entre os usuários, bem como, a construção de comunidades específicas em torno de afinidades. Com isso, a interação humana adquiriu em larga escala a quebra de fronteiras no qual indivíduos de vários lugares do mundo podem compartilhar ideias, intenções e posicionamentos ideológicos. Portanto, a expansão da *internet* e das tecnologias viabilizaram o rompimento de barreiras geográficas e temporais.

A partir de Piérre Levy (1999), compreendemos o virtual como “toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. Esta “desterritorialização” manifesta inovações na forma como interagimos – percebemos, sentimos e recebemos informações. O ciberespaço é um ambiente onde há vários dispositivos e interfaces conectados que permitem construções como: correio eletrônico, conferências, compartilhamentos de documentos e imagens, entre outros. Desta forma, o autor define como sendo um

[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso. (LÉVY, 1999, p.92).

O desenvolvimento dessas interações possibilita aos seus usuários construir opiniões e relações sociais sobre determinados assuntos. Além disso, a construção de sentidos morais e valores pelo grupo engloba aspectos culturais dentro da esfera digital. Essa nova relação é um grande desafio para a escola, já que as informações disponíveis na *internet* são muito maiores do que as que se tem acesso a partir dos (as) professores (as) na sala de aula. A escola entendida como espaço de produção e transmissão do conhecimento precisa abrir-se às novas e diferentes formas de comunicação. Essa

afirmação parte da necessidade da inserção positiva da tecnologia na sala de aula e na vida de discentes e docentes.

Essa troca discursiva constante entre os usuários das redes sociais colabora para pensarmos como os estudantes interagem e constroem saberes no âmbito virtual. A interatividade ocorre por meio de diversas formas, como, por exemplo, textos, vídeos, músicas, chamadas e gravação de áudio, envio de figurinhas e *emojis*, etc. Vale ressaltar que os criadores de conteúdos e os usuários não estão em uma relação estática e homogênea. Pelo contrário, as práticas discursivas nessas plataformas influenciam outras práticas e saberes que precisam ser diagnosticadas, estudadas e transformadas em conhecimento crítico para as aulas de Língua portuguesa.

Gramática normativa em sala de aula: um caminho para novas práticas e aprendizagem crítica da língua (gem)

a) Projeto Lado B: conexões e interação social para além das fronteiras

O projeto social denominado Pré-Vestibular Comunitário Lado B, sediado na EEF Júlio da Costa Neves, Florianópolis/SC, foi constituído por professores (as), coordenadores (as) e voluntários (as). Os cursos apresentados pelo projeto têm como objetivo promover aulas preparatórias para a prova de ingresso nas Universidades. Iniciativas como essa são comuns em vários lugares do Brasil para que mais estudantes advindos de escolas públicas possam adentrar nos espaços universitários. Além disso, nota-se o caráter socioeconômico que empreendimentos e organizações nesse nível têm na vida de inúmeros brasileiros e brasileiras que não possuem condições financeiras para adquirir esses cursos em instituições privadas.

Para o ingresso como professora voluntária, a autora Micheli Rosa preencheu, em 2020, um formulário correspondente à vaga para ministrar aulas de Língua Portuguesa e, em seguida, houve entrevistas com os (as) candidatos (as). Após a aprovação, iniciou-se às aulas em março, sendo finalizadas em novembro. Dentro da disciplina de Língua portuguesa, a esfera selecionada para lecionar as aulas foi Literatura no qual a ementa segue com as seguintes informações:

Literatura e Cultura Escrita. Leitura e Produção de Sentidos: Narrativa, Discurso e Símbolos. Interpretação de Textos e processos de significação.

Relações intertextuais e intratextuais. A escrita literária - Oralidade, Narrativa, Discurso e Representação. Gramática: Morfologia e Semântica. Gêneros textuais literários: Crônica, Conto, Fábula, Poesia, Narrativa, Teatro, Música, Imagens. Escolas Literárias Europeias e Brasileiras pré-românticas. O romantismo e a identidade nacional. Parnasianismo e Simbolismo. O movimento pré-modernista, o modernismo e a literatura contemporânea. Figuras de Linguagem. As obras do vestibular da UFSC e da UDESC (PROJETO LADO B, 2020)

A partir da ementa fornecida pelo projeto cada professor (a) construía seus planos de aula. Na ementa da disciplina de Literatura, notamos a presença de conteúdos pertencentes à gramática. A programação visava ministrar aulas entre os anos de 2020 e 2021, no qual cada período correspondia a grupos de ingressantes diferentes. No primeiro ano letivo, as aulas de gramática e literatura foram alternadas. Já no segundo ano, com uma nova turma, a professora da disciplina optou por um caminho diferente para o planejamento das aulas. Primeiramente, buscou conhecer os educandos. Para isso, aplicou um formulário/pesquisa para gerar informações e dados pertinentes para a construção das aulas. A ideia central era compreender os interesses, as dificuldades na disciplina de Língua portuguesa, os usos das redes sociais no dia a dia, as práticas de leituras, etc.

Os estudantes responderam às perguntas, mas, a prática docente no cursinho no ano de 2021 não se deu de forma continuada. Pois, a professora da disciplina, infelizmente, saiu do projeto. Entretanto, os dados obtidos fornecem reflexões sobre o ensino de língua portuguesa e o ensino de gramática nas escolas. Esses tipos de mecanismos para identificar as expectativas ou problemas enfrentados pelos discentes são importantes tanto na modalidade de ensino presencial quanto virtual e auxiliam na construção dos planos de aula.

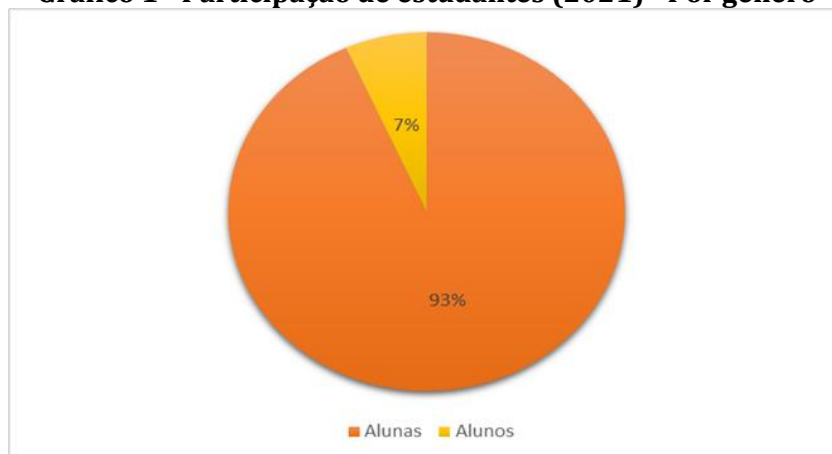
Ressaltamos que alguns educandos dessa turma frequentavam as aulas do Ensino Médio no período matutino ou vespertino e outros, além de estudarem, trabalhavam. Além disso, eles participavam de várias disciplinas ministradas no Projeto Lado B. Diante das dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelos estudantes, o formulário também possibilita identificarmos aspectos que aproximam as aulas dos temas de interesse dos educandos. A partir dos dados coletados obtivemos informações pertinentes sobre os usos das redes sociais pelos estudantes. Antes, porém, apontamos alguns aspectos relevantes sobre os educandos do Projeto Lado B (2021).

Sobre a seleção de estudantes, os critérios socioeconômicos foram fatores preponderantes para o preenchimento das vagas. As aulas são em nível presencial, porém,

em 2020 foi decretado, pela Organização Mundial da Saúde, a pandemia pela Sars-Covid-19. Assim, as aulas foram ministradas em formato virtual. O coronavírus afetou a sociedade em várias esferas do cotidiano – modo de interagir, sentir, vivenciar – de inúmeras pessoas. Em nível educacional não foi diferente, visto que tanto alunos (as) quanto professores (as) foram expostos a diversas mudanças em relação ao ensino-aprendizagem. Dessa forma, a pandemia também modificou a realidade dos inscritos no projeto, pois alunos (as) de outros estados brasileiros se inscreveram e foram selecionados para participar do cursinho que possuíam interesse em ingressar na Universidade através do vestibular ou do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A atuação feminina foi expressiva e predominante. Isso demonstra que as transformações sociais, políticas e culturais aproximaram as mulheres dos espaços universitários. Como aponta Moema de Castro Guedes, a expansão da escolarização em diversos contextos através de legislações e de políticas públicas consolidaram a retirada das mulheres de uma educação predominantemente familiar para uma educação voltada para o mundo público. Obviamente, essa abertura para os cursos universitários é reflexo de mudanças históricas e culturais que fortaleceram novos códigos e práticas sociais que resultaram na ascensão feminina nesses espaços (GUEDES, 2018).

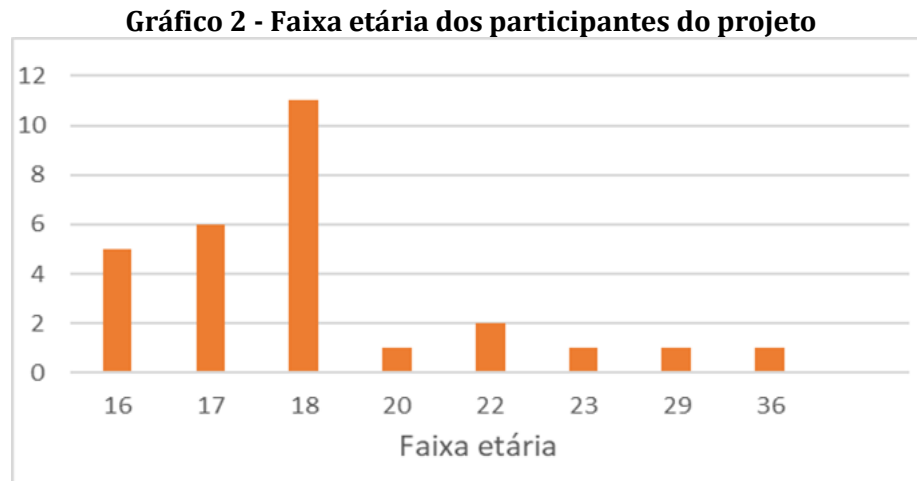
Gráfico 1 - Participação de estudantes (2021) - Por gênero



Fonte: Autoras, 2023

Em relação à faixa etária das (os) participantes do Projeto, observamos um grupo com idades variadas, mas, os estudantes de 18 anos, advindos do Ensino Médio, tornaram-se maioria. Isso indica a preocupação dos jovens em dar continuidade aos estudos. Cabe pontuar a presença de um estudante na faixa etária dos 30 anos. Para alguns estudantes, o retorno ao universo educacional, depois de anos de afastamento, apresenta-se como um

desafio em vários sentidos. Por isso, é importante conhecermos nossos alunos (as) e compreendermos a geração em que eles (as) estão inseridos (as), pois, possibilita pensarmos também na construção das aulas.



Fonte: Autoras, 2023

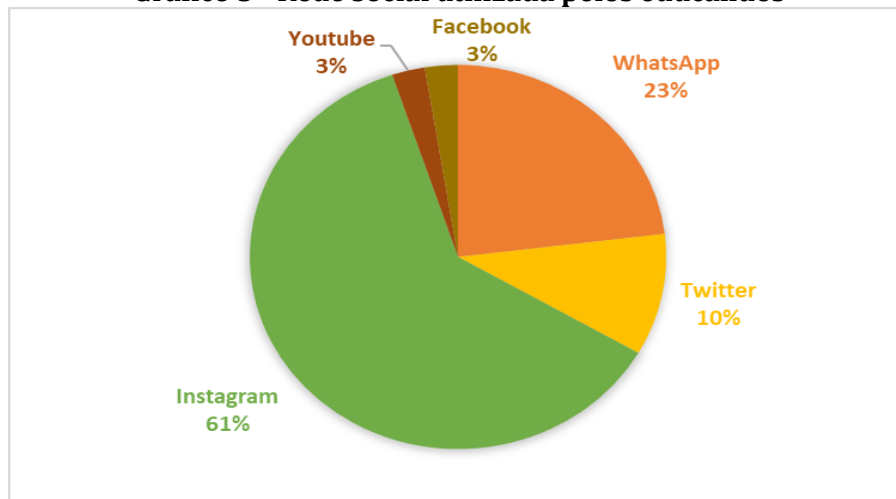
Dentre as várias perguntas contidas no formulário, interessa-nos na presente pesquisa as que dizem respeito às redes sociais: “Quais redes sociais vocês utilizam no cotidiano?” e “quais conteúdos vocês acessam?”. Também direcionamos perguntas acerca dos conteúdos que eles e elas mais “curtem” e “compartilham” nessas plataformas de interação social. Dos assuntos mencionados pelos estudantes temos notícias, esportes, artes, dança, games, celebridades, músicas, cinema, idiomas, fotografia, viagens, maquiagens, receitas, etc. Os jovens cada vez mais estão imersos nesses espaços virtuais, visto que com celulares estão conectados quase em tempo integral. Desse modo, adentramos a seguir nas escolhas executadas pelos participantes do Projeto Lado B quando o assunto é interação virtual.

b) As redes sociais e as atividades relacionadas ao ensino de gramática

Dos dados obtidos a partir da pesquisa com os estudantes sobre quais redes sociais eles utilizam em seu dia a dia, vislumbramos que houve mais de uma opção selecionada por eles. O gráfico 3 apresenta a quantidade de vezes em que uma plataforma virtual foi escolhida pelos participantes do Projeto. Alguns optaram por uma rede social, enquanto outros duas ou três.

Assim, 61% selecionaram o *Instagram* como o espaço virtual mais utilizado para interação social na *internet*. Em seguida, temos o *WhatsApp* que possui uma função muito diferente daquela. Sua finalidade é uma comunicação mais restrita e focalizada, visto que está conectada à rede de contatos telefônicos. Já o *Facebook*, o *Twitter* e o *YouTube* tornaram-se opções secundárias. Podemos inferir que cada uma delas são utilizadas em contextos diferentes pelos participantes e dentro de conexões culturais e temporais específicas. Salientamos que as redes sociais, em certa medida, conectam-se umas às outras. Por exemplo, uma música adicionada no *Instagram* fará com que o usuário a procure no *YouTube* ou em outra plataforma.

Gráfico 3 - Rede social utilizada pelos educandos



Fonte: Autoras, 2023.

Portanto, a partir do gráfico 3, constatamos que o *Instagram* foi apontado com uma frequência maior que outras plataformas. De forma breve, retomamos a conceituação e o percurso histórico dessa rede social:

O *Instagram* é uma rede social de partilha de vídeos e fotografias. Foi lançada em 2010 como uma aplicação para dispositivos móveis e foi adquirida pelo *Facebook* dois anos mais tarde. Destacou-se principalmente pelo facto de limitar as fotografias a uma forma quadrada e incluir filtros. No entanto, a rede evoluiu desde o seu lançamento inicial. Os utilizadores já não se limitam apenas a imagens quadradas, mas também a clips de vídeo, que estão disponíveis desde 2013. Também existe agora uma funcionalidade *Stories*, uma funcionalidade *Reels* e uma funcionalidade *Live*¹.

¹ O que é o Instagram. Disponível em: <https://www.pocket-lint.com/pt-br/aplicativos/noticias/instagram/133957-como-o-instagram-funciona-mais-dicas-e-truques/>. Acesso em: 08 de julho de 2023.

Anteriormente apontamos os resultados para a pergunta “quais conteúdos vocês acessam?” e obtivemos respostas como, por exemplo, notícias, esportes, artes, dança, games, celebridades, músicas, cinema, idiomas, fotografia, viagens, maquiagens, receitas, etc. Desse modo, a partir dos conteúdos descritos pelos estudantes visualizamos essas plataformas como “arquivos *on-line*” para identificarmos *corpus* para os estudos na disciplina de Língua Portuguesa. Nesse caso, o *Instagram* torna-se um espaço para a busca de temáticas e para configuração de abordagens para o ensino de Gramática é necessário entendermos as dificuldades dos (as) alunos (as).

Quadro 1 - Panorama sobre as dificuldades acerca da gramática

Números de estudantes	Principais dificuldades comentadas	Classificação/ Unidade da Gramática
9	Alguns alunos especificaram o conteúdo dentro da sintaxe que possuem dificuldade como, por exemplo: oração subordinada e adjunto	Sintaxe
5	relacionado aos pronomes, pontuações.	Morfologia
3	Significados de palavras	Semântica
4	Nenhuma dificuldade/Não tem dificuldade	De forma geral, sobre a gramática – aspecto positivo
7	Tudo; não entendo; não sei os princípios básicos	De forma geral, sobre a gramática – aspecto negativo
1	Não sinto muita dificuldade, tenho mais facilidade de aprender, mas como esses dois últimos anos foram bem atípico, sinto a necessidade de aprender conteúdo do primeiro e segundo ano do Ensino médio. Um assunto que eu gostaria muito de ver, é a colocação pronominal	Contexto social

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023

No quadro 1, verificamos, com maior relevância, que o problema na visão dos alunos e alunas se encontra na sintaxe. Ao refletir sobre o percurso das crianças e jovens na Educação, compreendemos que ainda o ensino pauta-se em uma gramática prescritiva em que o “importante é apresentar as regras”, sem uma reflexão acerca do funcionamento da língua. Como menciona Ferreira (2009).

Na metodologia do ensino da língua tem sido a análise sintática — impropriamente chamada análise lógica — um cavalo-de-batalha para alunos e professores. Creio que noventa e nove por cento dos estudantes de escola secundária saem desconhecendo redondamente essa sutil arte e, por isso mesmo, a renegam com toda a energia de suas vontades e inteligências indignadas. Por outro lado, é certo que boa parte dos professores realmente não sabe analisar, e que ainda maior número desconhece a natureza e a utilidade ou inutilidade da análise sintática (FERREIRA, 2009).

Posto isto, entendemos que as práticas discursivas advindas do meio virtual possibilitam construirmos aulas que se aproximam dos contextos de vivências das aulas e, inclusive, transformar conteúdos da *internet* em conhecimento crítico. O professor ao utilizar as redes sociais precisa ter consciência que a língua é um sistema dinâmico – “aberta, fluida, cheia de indeterminação e polissemias, porque é atravessada justamente por nossa condição de seres históricos” (FARACO, 2005, p.64). Portanto, quando o assunto é ensino de gramática, não é se esquecer que existem regras e nomenclaturas, mas que existem outras variações. Para sustentar a ideia da utilização das redes sociais, apontamos o texto de Travaglia (1996), no qual consta a existência de vários motivos para o ensino de línguas como, por exemplo, usar a língua (gem) em diversas situações comunicativas.

No caso da gramática normativa em sala de aula precisamos demonstrar para os estudantes que essa temática na disciplina de Língua portuguesa não é algo estranho, distante e difícil, mas, que ao estudar as regras gramaticais, as variações linguísticas e seus usos também estamos abordando sobre contextos sociais e culturais. Ademais, não são as regras normativas que regem a interação social, por exemplo, se alguém pronunciar “Nois vai alí” tanto o enunciador quanto o destinatário compreendem o sentido, assim como “Nós vamos, alí”. Então, é necessário refletir o uso e funcionamento da língua e, em especial, os momentos que ocorrem essas transições entre uma variação e outra.

O sentido do formulário online foi, como dito, verificar os interesses e dificuldades, visto que, o professor (a) consegue visualizar e construir aulas atrativas atreladas aos estudos gramaticais levando em consideração os conteúdos e as redes sociais que os alunos mencionaram. Assim como em várias esferas sociais, na *internet* percebemos a circulação de diferentes gêneros textuais. O professor (a), deve tratar esse ambiente virtual como um espaço interativo por meio de gêneros textuais, ou seja, nessas plataformas existem comunicação e interação em textos e contextos. Conforme Bakhtin (1997, p. 284),

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Dentre os conteúdos que são curtidos e visualizados pelos estudantes do Projeto Lado B citamos alguns: notícias, *memes*, conteúdos sobre dança e arte, política, culturas, Enem, moda, religião, receitas, entre outros. Desta maneira, é possível a partir de tais conteúdos/temas trabalhar em sala de aula acerca do gênero textual, a temática, a circularidade do vídeo/foto no Instagram, as marcas linguísticas, as funcionalidades determinadas sentenças, etc. Agrega-se a isso, as questões gramaticais como, por exemplo, a sintaxe. Nesta perspectiva, ao pensar em vídeo, na descrição e nos comentários dos usuários visualizamos a possibilidade em estudar a língua em uso e a aplicabilidade da gramática normativa. Isso significa não diminuir as variações populares, pelo contrário, outras formas precisam ser mencionadas e distinguidas a partir de debates sobre suas funções sociais, culturais e políticas. As aulas tornam-se mais interessantes quando novos elementos são inseridos. Sendo assim, a rede social não é mera distração, mas um objeto para estudar a língua em uso e a variação padrão diante da variação que é usada na internet. Apresentar determinados conteúdos, selecionados pelo (a) professor (a) advindo de uma rede social corrobora para despertar o interesse dos alunos para o debate sobre gramática.

Considerações finais

A prática docente ao longo do tempo demonstrou, primeiramente, que existem perspectivas de língua e ensino que influenciam a forma como se ensina e se aprende a língua portuguesa. Ademais, é necessário acompanhar as transformações tecnológicas para aproximar os alunos dos estudos linguísticos, ou seja, da análise da língua como objeto de estudo e não como um produto que possui várias regras.

Neste sentido, o projeto Lado B, em um contexto pandêmico, possibilitou também experiências e práticas docentes no formato virtual, bem como, identificou o quanto a busca pelo ingresso em uma Universidade se faz presente entre as classes populares. Outro ponto é o fato da gramática normativa ainda ser considerada algo distante e difícil. Como pontuado, ela representa uma variação da língua portuguesa e é requisitada em

diversas situações e lugares. Por isso, encontramos na rede social um caminho fértil para a construção de aulas sobre assuntos do cotidiano dos estudantes e o ensino de gramática.

Os problemas advindos dos usos da *internet* ou de plataformas digitais no ambiente escolar possuem diversos aspectos que merecem aprofundamento, estudos e políticas públicas. Não podemos ser ingênuos em falarmos sobre tecnologias, inovação e educação sem abordarmos questões sociais e econômicas. Entretanto, no presente estudo analisamos e refletimos como as redes sociais podem contribuir para o desenvolvimento das aulas de Língua portuguesa e para o pensamento crítico dos estudantes. Uma vez que não podemos ignorar a interação e as trocas discursivas nesses ambientes virtuais pelos alunos e alunas. Essas interações através de recursos digitais são propícias para que as (os) professoras (es) e estudantes possam criar e construir pontes.

Referências

AZAMBUJA, Jorcelina Queiroz de (Org.) **O Ensino de língua portuguesa para o 2º grau**. Uberlândia: Editora da UFU, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

BENCINI, Roberta. **Da informação ao conhecimento**. Revista Nova Escola, jun./jul., 2002.

FARACO, Carlos Alberto. In: XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana (orgs.). **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da Linguística**. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum**. Revista Retratos da Escola. Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “Ensino de Gramática numa Perspectiva Textual Interativa” In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Franciele Sales; SERAFIM, Maria Lúcia. Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente. In: SOUSA, Rodrigo Pequeno de; BEZERRA, Carolina Cavalcanti; SILVA, Eliane de Moura; et al. (orgs.). **Teorias e práticas em tecnologias educacionais [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 67-98.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. **Sintaxe**. Belém: EDUFPA, 2009. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/850/1/Livro_Sintaxe.pdf. Acesso em: 20 de Julho de 2023.



Capítulo 2
A VIOLÊNCIA COMO VÁLVULA DE ESCAPE: UMA
LEITURA DOS CONTOS PASSEIOS NOTURNOS DE
RUBEM FONSECA
Larissa Camargo Castro Alves Muranaka

A VIOLÊNCIA COMO VÁLVULA DE ESCAPE: UMA LEITURA DOS CONTOS PASSEIOS NOTURNOS DE RUBEM FONSECA

Larissa Camargo Castro Alves Muranaka

Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Mestre em Historiografia literária pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

(UEMS). Graduada em Direito pela Universidade para o Desenvolvimento da região e do

Estado do Pantanal (UNIDERP) (2006). Graduada em Letras pela Universidade Estadual

de Mato Grosso do Sul (UEMS).

RESUMO

Quando se viola algo ou alguém, ocorre a violência. Pode ser desde a depredação de prédios públicos até a violência gratuita contra outrem, como é o caso de nosso *corpus*. A válvula de escape, por sua vez, é uma expressão utilizada para referir-se a atitudes que dão evasão ao seu autor, ou seja, lhe dão prazer em meio a uma rotina estressante. Nos contos “Passeio noturno parte I” e “Passeio noturno parte II”, temos um narrador-protagonista que é um executivo de alto escalão cuja evasão, ou seja, a válvula de escape é justamente uma violência gratuita: atropelar desconhecidos nas ruas desertas dos subúrbios. Nosso objetivo é apropriar-se da Estética da Imitação para averiguar essa violência como válvula de escape nos contos referidos por intermédio das narrativas. Para tanto, contamos com Auerbach, Candido, Coutinho, Garver, Gaspari, Ipiranga, Perrone-Moisés, Schollhammer, Schwarz e Viegas.

Palavras-chave: Rubem Fonseca; Violência; Válvula de escape.

ABSTRACT

When something or someone is violated, violence occurs. It can range from the depredation of public buildings to gratuitous violence against others, as is the case in our *corpus*. The escape valve, in turn, is an expression used to refer to attitudes that give the perpetrator evasion, that is, they give him pleasure in the midst of a stressful routine. In the short stories “Passeio noturno parte I” and “Passeio noturno parte II”, we have a narrator-protagonist who is a high-ranking executive whose evasion, that is, the escape valve is precisely gratuitous violence: running over strangers in the deserted streets of the suburbs. Our objective is to investigate this violence as an escape valve in the aforementioned tales. For that, we have Auerbach, Candido, Coutinho, Garver, Gaspari, Ipiranga, Perrone-Moisés, Schollhammer, Schwarz and Viegas.

Keywords: Rubem Fonseca; Violence; Exhaust valve.

INTRODUÇÃO

A violência se dá quando algo ou alguém é violado por outrem. Essa concepção se aplica desde a depredação de prédios públicos até uma violência doméstica, um estupro ou um assassinato. A válvula de escape, por sua vez, é uma expressão simbólica que busca ser significante de evasão, ou seja, necessidade de extravasar em meio a uma rotina repetitiva ou cansativa.

Em nosso *corpus*, os contos “Passeio noturno parte I” e “Passeio noturno parte II”, de Rubem Fonseca, temos um narrador-protagonista que é um executivo de alto escalão. Em meio a rotina estressante e cansativa, sua evasão – válvula de escape – é atropelar desconhecidos nas ruas desertas dos subúrbios. Essa é sua fonte de prazer para extravasar.

Nosso objetivo nesse artigo é investigar a violência como válvula de escape nos contos referidos. Para tanto, utilizamo-nos da seguinte baliza teórica: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, de Auerbach; *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de Candido; *O erotismo na literatura: o caso Rubem Fonseca*, de Coutinho; “What Violence Is”, de Garver; *A ditadura escancarada*, de Gaspari; *O mal da língua: a violência como linguagem nos contos de Rubem Fonseca*, de Ipiranga; “Um suplemento de cultura”, de Perrone-Moisés; “Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira”, de Schollhammer; *Ao vencedor as batatas* e *Os Pobres na Literatura Brasileira*, de Schwarz; e “Rubem Fonseca e a difícil arte de criar leitores”, de Viegas.

DEFINIÇÕES DE VIOLÊNCIA

A definição da palavra violência inspira-se etimologicamente ao ato de “violar” e, portanto, é sugestivo de danos e destruição que caracterizaria uma tempestade violenta ou uma experiência traumática, como estupro, terrorismo ou guerra. Em seu sentido primário, portanto, a violência denota lesão e violação envolvendo pessoas ou propriedade.

Embora o conceito de violência tenha sofrido consideráveis análises filosóficas desde os tempos antigos, até agora não houve consenso sobre seu caráter preciso. Simplificando, a violência é a manifestação física de força sobre indivíduos, grupos ou nações. As posições filosóficas que racionalizam a violência tendem a se concentrar em

fins que superam os males da lesão ou violação envolvidos. Por outro lado, os defensores da não-violência desafiam as reivindicações dos defensores da violência, citando a miséria e o caos que ela traz.

Com base nas noções de poder desenvolvidas pelo filósofo francês Michel Foucault, o ensaio de Newton Garver, "What Violence Is" (1975), contribui para os conceitos de violência por incluir formas deste comportamento encobertas, psicológicas e institucionais ao declarar que "Qualquer instituição que rouba sistematicamente certas pessoas de opções legítimas geralmente acessíveis a outros faz violência a essas pessoas" (GARVER, 1975, p. 420).

Para alguns escritores como Rubem Fonseca, a violência forneceu uma fonte irônica de criatividade e mudança e uma visão articulada. Os críticos geralmente atribuem o predomínio da violência na literatura moderna tanto ao seu apelo sensacionalista quanto ao seu potencial de chocar os leitores, levando-os a questionar suas crenças.

A VIOLÊNCIA COMO LINGUAGEM

De acordo com o período histórico em que fora escrito *Feliz Ano Novo*, anos 1970, é possível perceber que a linguagem das narrativas fonsequianas detém marcas específicas capazes de provocar no leitor um sentimento de incomodidade e, em diversos contos, pode culminar em repulsa. A brutalidade explícita através da violência, a linguagem de baixo calão, e a banalização do sexo, configuram o grande espetáculo. Segundo Ipiranga:

Aquela ligação espiritual e enlevadora, marcada pela absorção dos conteúdos artísticos da obra, transforma-se em uma leitura pontuada pela respiração ofegante, pelas expressões faciais de repulsa e pelos gestos bruscos da mão que está a segurar a história, ou seja, a movimentação corporal característica dos personagens estende-se ao leitor. (IPIRANGA, 1997, p.14)

As cenas não são bonitas e nem um pouco recomendáveis. A violência da linguagem causa vertigens e é um dos procedimentos utilizados pelos narradores fonsequianos na construção desse mundo ficcional, fragmentado e degenerado: a violência, polifônica e compulsiva, é recuperada em sua força e estilo ficcionalmente elaborados por uma prosa concisa, depurada e pulsante.

Porém, é importante ressaltar que todos os atos de violência dispostos em seus contos não necessitavam de censura, pois tudo o que estava em seu livro não era sua invenção, mas a representação real do nosso cotidiano, como afirma Coutinho: o erotismo e a pornografia abordados por Fonseca, não foram criados por ele, pois pertencem à vida que o cerca e a todos nós.

A violência e o erotismo fonssequianos seriam formas de inconformismo e denúncia de tantas injustiças sociais. Vista sob esse prisma, a ficção fonssequiana poderia ser compreendida como um espelho da nossa realidade, a mais crua, sem perspectivas e desumana possível.

O objeto estilístico dos seus narradores é aqui de mais degradante, feio, que causa repugnância, aquilo que ninguém almeja, o brutal, violento e cruel. A linguagem é marcada pelo estilo do autor, e serve à urdidura de histórias que não poderiam ser contadas de outra maneira, com outra linguagem. Os narradores criados por Fonseca apresentam personagens marginais que se desviam da ética e da moralidade.

Apesar de uma mínima incidência de metáforas, e a presença maciça de uma linguagem violenta e perversa, que deslegitima em certo sentido, do discurso literário canonizado, a linguagem fonssequiana obtém valor estético por ser um trabalho artesanal bem cuidado e bem elaborado sobre determinado tema e sobre determinada época, como uma pesquisa bem empreendida, para dar às tramas ficcionais um efeito de discurso verdadeiro.

Há em sua obra descrições de trajetórias de seres comuns, que vivem no anonimato, que habitam um mundo poluído, mau e deteriorado, trazendo, para a cena da escrita, personagens marginais, a corrupção dos sistemas político e religioso, a violência e o erotismo exacerbados, além da total descrença no ser humano.

A linguagem de Fonseca representa o real, aquilo que se vivencia diariamente, representando essa realidade, através da descrição minuciosa e nem um pouco metafórica desses seres marginais, construindo personagens esvaziadas de significados, caracterizando a crise do homem contemporâneo, num processo que parece indicar a degeneração da espécie humana; assim, suas narrativas violentam o discurso legitimado e o próprio leitor.

A violência, praticada e proferida pelos personagens fonssequianos, é uma forma que esse homem contemporâneo encontrou de aliviar-se de suas estafas, tensões e excessivos compromissos. A prática da violência funciona como um esvaziamento, uma

válvula de escape para as neuroses e insatisfações do homem moderno representado na ficção. A representação do real se dá através da linguagem objetiva e crua que Fonseca tenta apreender o real, tecendo as teias da sua rede textual com elementos humanamente frágeis, complexos, mas possíveis de existência.

Segundo Coutinho (1979, pág. 26), “A literatura reflete o meio social em que surge.” Fonseca, então, se debruça sobre a realidade contemporânea, representando-a através da descrição minuciosa, às vezes erudita, às vezes violenta, às vezes erótica, às vezes científica, produzindo cenas de caráter pictórico, com grande poder de visualização.

A literatura representa o a realidade vivenciada no mundo com o fim de expressar o indivíduo em seus momentos de prazer ou de insatisfação. A literatura, segundo Leyla Perrone Moisés, “parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar, diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer” (Perrone-Moisés, 1997, pág.102).

A insatisfação causada pela dor, pelo sofrimento e pelas dúvidas é revelada principalmente na literatura contemporânea. Rubem Fonseca reencena, em seus contos e romances, essa crise da contemporaneidade: consumismo, violências, injustiças, sexualidade exacerbada, através de uma rede artilhosamente tramada, a qual coloca em estado de perda o leitor.

A descrição da realidade, nas obras de Fonseca, será sempre em profundidade, hiper-realista e dolorida, sofrível até, não apenas como moldura dos quadros historicamente possíveis e “reais”, mas como elemento estruturador da narrativa, desarticulador da norma vigente, da clareza e da linearidade.

Nas narrativas fonsequianas, não há espaço para a representação do sorriso, do amor puro, das belezas naturais e do maravilhoso. Haverá sempre um crime bárbaro para macular o texto e atingir a nossa sensibilidade com o estigma da violência, deixando impresso o estilo do grande articulador dessa linguagem do desvario, que tenta, a todo custo, representar o real, da maneira mais objetiva possível.

Rubem Fonseca representa o que uma infinidade de discursos literários não considerou como expressivos para serem representado, retratando e evidenciando àqueles que estão à margem da sociedade. A estética de Fonseca, portanto, é a estética do feio, do grotesco e da violência, tudo aquilo que, segundo a estética clássica, seria considerado indigno de representação.

Há em suas narrativas uma detenção minuciosa da realidade vivida pelos personagens, objetivando e clareando a sua intenção, para que não haja dúvidas ao leitor na interpretação. Fonseca se detém nos mínimos detalhes da vida íntima de suas personagens, descrevendo seus desejos, ações e pensamentos mais íntimos, fotografando cada espaço de suas vidas de uma forma pormenorizadamente realista, causando a impressão no leitor de que o que está sendo narrado é a nossa verdade cotidiana, o nosso mundo real imediato.

O homem comum, cheio de defeitos, inconformidades e desconfortos, é o objeto central de análise de Fonseca, configurando uma metonímia do desviado da ética, da moral e da sociedade, um anti-herói, gente miúda que não mereceria atenção por parte da História oficial.

Ipiranga diz que “somente enquanto reinvenção podemos compreender a prosa de Rubem Fonseca; prosa que se esmera em esconder, pela perspectiva “hiper-realista”, a reelaboração ficcionalizante do real.” (IPIRANGA, 1997, p. 10). Isto ocorre porque os seus textos são construídos com elementos reconhecíveis e identificáveis no nosso mundo real; os atos violentos e transgressores representados em cada conto ou romance fazem parte do nosso cotidiano.

CONTOS “PASSEIO NOTURNO PARTE I” E “PASSEIO NOTURNO PARTE II”

Os contos “Passeio noturno parte I” e “Passeio noturno parte II”, se inscrevem no conjunto das narrativas fonssequianas que representam alguma situação relativa àqueles indivíduos que possuem maior poder aquisitivo e pertencem, portanto, à elite econômica. Por outro lado, percebemos que a fortuna crítica fonssequiana não tem voltado sua atenção para o procedimento de composição diegética desses dois textos literários, buscando, desse modo, compreender a configuração da relação entre forma e conteúdo existente entre as duas tramas.

No decorrer das narrativas, em ambos os contos, o princípio da não causalidade aparece configurado que, do ponto de vista formal, são distintas, mas que não evidenciam uma relação de continuidade e, conseqüentemente, de causalidade entre a primeira e a segunda parte dos acontecimentos relativos ao mesmo narrador: um executivo entediado para quem a única forma de conseguir sentir algum tipo de prazer, embora precário, é provocando o atropelamento de pessoas, geralmente escolhidas em bairros suburbanos

mal iluminados e pouco ou nada movimentados, de modo surpreendente, sem permitir a elas qualquer oportunidade de conseguirem se defender desse ataque.

Assim, “Passeio noturno parte I” surge dentro de um contexto familiar que o narrador descreve ao chegar à sua casa depois de um dia atribulado de trabalho: portando uma pasta abarrotada de um conjunto de documentos relativos a suas atividades na empresa onde trabalha (papéis em geral, relatórios, estudos, pesquisas, propostas e contratos), ele vê sua esposa jogando paciência no quarto do casal, em cima da cama, com um copo de uísque a acompanhando sobre a mesa de cabeceira; enquanto isso, nos respectivos quartos, a filha treina impostação de voz e o filho ouve música quadrifônica.

Nesse primeiro momento, já se nota a caracterização do isolamento existente entre todos os membros dessa família, incluindo-se aí quem nos relata a história, pois este, logo a seguir, encaminha-se à biblioteca e, fingindo estar estudando um volume de pesquisas posto sobre a mesa, apenas faz hora antes de o jantar ser servido, como forma de abreviar ao máximo o contato com seus familiares.

A hora do jantar é um momento em que essa família aparenta possuir um vínculo emocional, porém logo nas próximas narrativas do conto, já tem-se a percepção que os familiares somente se encontram ali fisicamente próximos, cada qual esperando o momento propício, pouco antes do final daquela refeição ou após o término dela, para conseguir realizar suas conveniências: os filhos pedirem dinheiro ao pai (o filho na hora do cafezinho e a filha na hora do licor); a esposa assistir à novela na televisão; e o narrador estar liberado para o seu ‘passeio noturno’, o qual consiste em sair com seu carro possante, de para-choques salientes e dotados de reforço especial duplo de aço cromado, à procura de algum transeunte que possa ser morto por atropelamento, pois apenas esse tipo de iniciativa é capaz de proporcionar alguma sensação de prazer momentâneo àquele executivo.

Após descrever a situação enervante de precisar retirar os carros dos filhos da frente do seu carro e os recolocar a seguir na posição anterior antes de finalmente poder sair para seu passeio habitual, o narrador argumenta sobre a necessidade de aquela sua diversão acontecer não em um lugar com grande fluxo de pessoas, mas sim em uma rua deserta.

Ao chegar a uma rua mal iluminada, repleta de árvores escuras e com muros baixos, só resta àquele executivo escolher sua vítima, a qual poderia ser tanto homem quanto mulher, embora ele alegue que essa lhe proporcionaria menos emoção decorrente

do gesto homicida. Não demora muito até seu alvo ser escolhido: uma mulher, de saia e blusa, andando apressadamente enquanto carregava um embrulho de papel ordinário. Pouco depois, ela é atingida no meio das pernas por aquele veículo possante, de para-choques reforçados, sendo seu corpo arremessado em direção a um muro, onde acaba permanecendo todo desconjuntado e ensanguentado.

Ao chegar à sua casa, o narrador ainda examina o carro na garagem, passando a mão, orgulhosamente, pelos para-lamas e para-choques sem qualquer marca. Na sala, encontra a família vendo televisão, estando sua esposa deitada no sofá e olhando fixamente para a tela do aparelho quando ela pergunta para o marido, sem se importar realmente com sua resposta, se ele estaria mais calmo após ter dado sua 'voltinha'. Este apenas responde dizendo que irá dormir, desejando boa noite para todos, pois terá um dia terrível na companhia no dia seguinte. Essa última afirmação acaba se tornando uma frase de efeito, um mote utilizado como encerramento tanto em "Passeio noturno Parte I" quanto em "Passeio noturno Parte II".

O conto "Passeio noturno Parte II", tem início de forma atípica, pois o mesmo narrador não relata ali uma situação semelhante àquela encontrada na primeira parte. Assim, a trama é iniciada com a seguinte situação: ao voltar para casa em um dia qualquer, aquele executivo é abordado por uma mulher quando ambos estão em seus respectivos carros na Avenida Atlântica, talvez aguardando o sinal abrir, embora nenhuma circunstância a esse respeito seja especificada nesse relato.

Quem toma a iniciativa da abordagem aparenta já conhecer seu alvo de outro lugar, como podemos perceber a partir da pergunta inicial 'Não está conhecendo mais os outros?'. Entretanto, tal indagação nos parece ter sido apenas um pretexto no sentido de se conseguir o contato pretendido, uma vez que o distanciamento demonstrado pelos dois durante a conversa no restaurante acaba problematizando, posteriormente, essa primeira indicação.

Esse inusitado encontro no meio da rua termina quando Ângela, a nova personagem, estica o braço direito e entrega, de dentro do carro, um papel contendo seu nome e telefone ao narrador. Depois de entregar o bilhete, aquela motorista vai embora arrancando com o carro e soltando uma gargalhada. Em relação à noite desse mesmo dia, o executivo apenas comenta, de passagem, ter saído como sempre faz, sem apresentar qualquer detalhe a respeito dessa atividade rotineira.

Por outro lado, já conhecemos as circunstâncias a ela relacionadas, uma vez que elas foram relatadas no conto anteriormente comentado, “Passeio noturno Parte I”. No dia seguinte à surpreendente abordagem no meio da rua, o narrador telefona para Ângela, mas quem atende à ligação é outra mulher, talvez alguém que desempenhasse serviços domésticos na casa daquela, pois a primeira havia ido à aula. Diante dessa informação, o executivo pergunta se a suposta patroa de sua interlocutora seria estudante, obtendo a informação de que ela seria uma atriz.

Mais tarde, ele consegue entrar em contato com esta por telefone e, sem maiores dificuldades, descobre não somente o endereço onde ela mora (Lagoa Rodrigo de Freitas) como também consegue combinar um jantar às nove horas daquele mesmo dia. O diálogo entre ambos, no restaurante, torna-se progressivamente mais tenso, pois o narrador não demora muito para dirigir insinuações grosseiras contra sua convidada, deixando-a, assim, emocionalmente abalada. Frente a essa fragilização emocional, aquela mulher passa a beber rapidamente e, conseqüentemente, torna-se uma vítima potencialmente mais vulnerável para o executivo.

Algum tempo depois, eles vão embora dali e, pouco antes de chegar até o prédio onde mora Ângela, o narrador pede para que ela desça do carro naquele local, sob a alegação de ser casado e não desejar correr o risco de o irmão de sua esposa, o qual moraria no mesmo condomínio da atriz, poder vê-lo ali.

Uma vez fora do carro, esta caminha lentamente pela calçada, tornando-se um alvo fácil daquele homicida, que passa as duas rodas do lado esquerdo do veículo sobre o corpo arremessado um pouco adiante em consequência de uma primeira colisão.

Depois de consumada a execução, o executivo chega à sua casa e encontra a esposa vendo algum filme colorido, dublado, na televisão, situação não muito diferente daquela no final de “Passeio noturno Parte I”, incluindo-se aí a pergunta feita por ela protocolarmente ao marido, sem estar, de fato, interessada em saber sobre seu real estado de espírito. Após ouvir a indagação, o narrador responde que teria ficado mais nervoso naquele dia, mas que esse nervosismo já haveria passado, restando-lhe agora apenas dormir, pois teria uma jornada terrível na empresa no dia seguinte.

A VIOLÊNCIA COMO VÁLVULA DE ESCAPE NOS PASSEIOS NOTURNOS DE RUBEM FONSECA – ESTÉTICA DA IMITAÇÃO

Apresenta-se essa explanação sobre os dois contos analisados, visando averiguar, com mais clareza, algumas questões não contempladas pela fortuna crítica fonsequiana relativas à Estética da Imitação.

No século XIX, a arte como imitação da realidade também se pode notar como diretriz em diferentes poéticas realistas, ressurgindo com força nas críticas que se apoiam nas ideias de Marx e Engels, autores nos quais alguns filósofos modernos se fundamentam para constituir o que poderíamos denominar de novas estéticas da imitação, as quais se servem de disciplinas originadas no século XIX e começo do XX, tais como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia e a História.

Logo, já podemos abordar um primeiro aspecto sobre a relação entre forma e conteúdo nesses dois casos: essa reversibilidade configurada formalmente relaciona-se à realidade do estado emocional do protagonista, pois ele parece estar condenado a permanecer indefinidamente circunscrito a uma existência insatisfatória que alterna duas facetas diametralmente opostas, mas inseparáveis uma da outra porque complementares entre si, quais sejam: a representação de um alto executivo, papel social mais representativo do elevado nível de modernidade alcançado por determinada sociedade, e a representação de assassino impelido pela necessidade de eliminar pessoas indefesas na rua, a fim de obter uma sensação de satisfação interna.

Nesse sentido, questiona-se se as situações de violência encontradas nas duas narrativas seriam apenas representações imitativas de um psicopata, que precisa encontrar prazer na morte em razão de possuir uma personalidade perversa, independentemente de considerarmos determinadas particularidades relacionadas ao contexto social no qual o sujeito encontra-se inserido.

A partir dessa vertente, convém salientar que o contexto social relacionado ao comportamento do personagem em ambos os contos, entretanto, não inviabiliza a possibilidade, e mesmo a necessidade, de procurarmos compreender as questões ali configuradas a partir de uma abordagem processual, que contemple as raízes históricas das contradições sociais representadas esteticamente nas produções literárias.

O narrador, ao se apresentar como executivo bem-sucedido financeiramente, está representando um período histórico no qual o Brasil já havia atingido um estágio

avançado, embora tardio, de industrialização, cujo desenvolvimento ocorreu de modo mais acentuado a partir dos anos 1950 e foi aprofundado durante a ditadura militar, por meio do incentivo da participação do capital estrangeiro no país.

De acordo com Gaspari (2002), especialmente a partir de 1968, ano do chamado milagre econômico, os militares alardeavam o crescimento econômico brasileiro e a ‘corrida ao consumo’ das classes média e média alta, construindo a imagem de que viveríamos na mais plena democracia, sob o comando de um governo responsável por garantir os interesses do conjunto da população brasileira; quem não amasse a pátria, deveria abandoná-la, como anunciava o conhecido slogan da gestão do general Médici, pois quem não a amasse era considerado um não patriota, desmerecedor de toda grandeza da nação.

Por outro lado, Gaspari afirma que esse salto econômico foi conquistado à custa de um alto preço, caracterizado pelo aumento da dívida externa brasileira, pela expansão da desigualdade social e pela prisão, tortura, morte ou exílio daqueles considerados opositores do regime político de então.

Assim, a figura do narrador representa a dualidade de um país que, embora tenha alcançado características de uma “alta modernidade”, ilustrada pela profissão de executivo exercida pelo protagonista, não consegue ocultar, por muito tempo e de forma minimamente convincente, seu autoritarismo estrutural.

Nesse sentido, como destaca Schwarz (2000) a respeito de suas reflexões sobre a importação do modelo de romance europeu configurada na produção literária de José de Alencar, não devemos entender esse aproveitamento de um arquétipo ou paradigma consagrado pela tradição de outra cultura de forma mecânica e unilateral, sem atentarmos para o mais importante: as particularidades decorrentes desse processo de ‘aclimatação’ à determinada formação social, a serem apreendidas por meio da análise da singularidade das obras literárias originadas nesse contexto.

Analisa-se que essas alegações do narrador referentes ao gênero de suas vítimas sejam uma racionalização, para não dizer um engodo, passível de ser problematizado, pois, não obstante essa argumentação, somente nos deparamos com mulheres como vítimas do executivo e, além disso, as mortes destas são descritas de modo a destacar a intensa, embora fugaz, sensação de prazer advinda daqueles assassinatos, conforme podemos observar nas transcrições das respectivas passagens de “Passeio Noturno Parte I” e “Passeio Noturno Parte II”.

Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio. (FONSECA, 2005, p. 397) Bati em Ângela com o lado esquerdo do pára-lama, jogando o seu corpo um pouco adiante, e passei, primeiro com a roda da frente – e senti o som surdo da frágil estrutura do corpo se esmigalhando – e logo atropelei com a roda traseira, um golpe de misericórdia, pois ela já estava liquidada, apenas talvez ainda sentisse um distante resto de dor e perplexidade. (FONSECA, 2005, p. 402)

As vítimas do executivo parecem ser geralmente originárias de regiões suburbanas, à exceção de Ângela, personagem de “Passeio Noturno Parte II”, a qual, embora demonstre possuir uma vida materialmente mais favorável em comparação àquelas mulheres, ainda assim pertence a uma classe social menos favorecida em relação ao padrão material exibido pelo narrador.

No final do conto, o protagonista decide deixar sua convidada não defronte ao prédio onde mora, mas sim há poucos metros do local, sob a alegação de que o irmão da esposa moraria naquele mesmo condomínio e poderia flagrá-lo na companhia de outra mulher, não havendo aí, portanto, nenhuma descrição ou comentário relativo à preocupação de o assassinato acontecer em alguma “rua deserta” ou mal iluminada.

Com base em Auerbach (1976), o narrador representaria o autoritarismo estrutural da sociedade brasileira, o qual, embora estivesse sendo exercido como política de Estado no período histórico em que as duas partes de “Passeio noturno” foram produzidas, caracteriza a nossa formação social desde as suas origens, sem haver, nesse processo, como assinala Schwarz (1992), nenhuma preocupação em corresponder, sequer nas aparências, aos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade defendidos pela ideologia burguesa, de modo semelhante ao que ocorreu na Europa, onde a máscara começou a se tornar insustentável somente a partir da Revolução de 1848, quando a população parisiense foi às ruas reivindicar as promessas não cumpridas pela burguesia.

Assim, quando analisamos as duas partes de “Passeio Noturno” conjuntamente, entendemos que o narrador comete frequentemente os assassinatos em ruas mal iluminadas e com pouco movimento de pessoas não para diminuir o risco de ter suas condutas perversas descobertas por alguém e, assim, poder consumir seus crimes mais

tranquilamente, como o executivo nos quer fazer acreditar, mas sim porque as mulheres que habitam aquelas áreas suburbanas, pertencentes a uma classe social economicamente desfavorecida, são suas vítimas preferenciais.

Desse modo, além de a afirmação do narrador a respeito da escolha do gênero de suas vítimas ser passível de questionamento, conforme comentamos pouco antes, há esse outro argumento que se mostra questionável, pois, ao assassinar Ângela em “Passeio Noturno Parte II”, o executivo não demonstra nenhuma preocupação em eliminá-la em algum lugar ermo e mal iluminado, nem sequer a uma distância significativa do prédio onde ela morava.

Nesse sentido, o protagonista teria todas as condições de matar essa personagem, uma vez que ela se encontrava bêbada e na condição de passageira deste, em outra localidade mais favorável para a consumação do ato perverso, sem maiores riscos de acabar sendo flagrado por alguém em um dos mais nobres bairros do Rio de Janeiro, a Lagoa Rodrigo de Freitas, o qual, em razão disso, tenderia a dispor, com maior probabilidade, tanto de um melhor sistema de iluminação quanto de um fluxo mais intenso de carros e/ou pessoas, o que é próprio, especialmente nesse último caso, de áreas dessa natureza nas grandes cidades.

Essas problematizações reforçam ainda mais a incapacidade de o narrador sustentar qualquer aparência de refinamento ou civilidade, mesmo a mais elementar, representando ele a desfaçatez de classe que, segundo Schwarz (1992), caracteriza a formação social brasileira, ostentada, sem nenhum disfarce, por uma elite responsável pelo aviltamento de segmentos sociais mais desfavorecidos economicamente.

De acordo com os indícios encontrados nas duas narrativas ora analisadas, percebemos que as vítimas preferenciais do executivo pertencem à classe social menos favorecida economicamente, habitante dos bairros suburbanos das grandes cidades, e se caracterizariam por serem mulheres.

O conto “Passeio Noturno Parte II”, ao relatar um contexto excepcional na rotina de assassinatos do protagonista, não somente reforçaria essa questão de gênero, mas também indica outro aspecto revelador relacionado à vítima dessa narrativa: o fato de a personagem em questão se apresentar como atriz. Essa preferência do executivo em assassinar mulheres economicamente mais desfavorecidas não nos parece um aspecto gratuito nas duas narrativas de “Passeio Noturno” estando relacionada a questões presentes na formação da sociedade brasileira.

Durante o período da escravidão, as negras costumavam ter seus corpos explorados sexualmente, constituindo isso uma forma de exploração a mais em relação aos sofrimentos infligidos aos negros escravizados nesse mesmo contexto. Como destaca Viegas (1996), a literatura brasileira do período romântico recorrentemente camuflava a violência existente nessas relações de dominação dos brancos sobre as escravizadas mediante a difusão da figura da mulata 'brejeira' e 'faceira' nos poemas daquele período literário, atribuindo a esta a pecha de sedutora responsável por despertar o fascínio de todos os homens ao seu redor.

Apesar de o personagem principal não aparecer atacando seus alvos mediante uma violência sexual de caráter manifesto, como usualmente faziam seus antepassados com as escravizadas de então, o possante carro utilizado pelo personagem principal, ao evidenciar o status e o prestígio socioeconômico de quem o detém, pode ser considerado, do ponto de vista simbólico, como uma representação fálica cuja utilização visa a propiciar para o proprietário daquele bem de consumo instrumentalizado uma sensação de prazer intenso, não obstante efêmero, decorrente dos ataques letais desferidos contra os corpos daquelas mulheres.

Assim, segundo a lógica encontrada nas duas partes de "Passeio noturno", se o fato de alguém pertencer a mais economicamente desfavorecida das classes sociais o torna, historicamente, mais vulnerável às investidas supressivas de uma sociedade autoritária, essa situação de vulnerabilidade se potencializaria no caso de o indivíduo ser considerado do gênero feminino. Esse fator relacionado ao gênero, por sua vez, também contribuiria para potencializar a vulnerabilidade de outros grupos sociais marginalizados, a exemplo dos estudantes e artistas em geral. Esse fator enfatiza questões de ordem sexual promovida pela ditadura brasileira contra a literatura produzida naquele período.

Ao finalizar o conto, o autor deixa para futuros analistas o desenvolvimento de uma explicação acerca dessa hipótese, a qual pode ser, inclusive, explicada segundo abordagem diversa da sua. Essa lógica repressiva apontada por Candido (2000), representa um fator externo relacionado ao momento histórico no qual as duas partes de "Passeio noturno" foram produzidas e que ajuda a compreender o real motivo das ações letais realizadas pelo executivo, pois tal motivação configura uma representação simbólica de questões relativas à formação social brasileira encontradas naquele período.

Por outro lado, no contexto de ambas as narrativas, a própria inexistência de características que permitam uma identificação e, conseqüentemente, individualização do

protagonista nos parecem apontar para dois sentidos: aquelas condutas perversas, bem como suas motivações, não são exclusividade de um ou alguns casos patológicos, podendo qualquer outro indivíduo daquela classe social, com vida e rotina semelhantes, realizar todas aquelas atrocidades.

Essa inautenticidade das ações do narrador, as quais estão destinadas a somente repetirem um autoritarismo estrutural incessantemente, repercutem no modo de articulação entre as duas partes de “Passeio noturno”. Assim, se as realizações do executivo não apresentam uma distinção substancial entre si, reiterando apenas uma estrutura social vigente, as narrativas podem ser dispostas em qualquer sequência, segundo uma relação de não causalidade, daí decorrendo, conseqüentemente, a possibilidade de a posição delas ser reversível ou intercambiável.

O esvaziamento da subjetividade que atinge o protagonista, bem como sua família e suas vítimas (todos os personagens desses dois grupos também não têm nome, à exceção de Ângela, cujo prenome, além da veracidade passível de questionamento e do sentido irônico existente no contexto do respectivo conto, surge por contingência de uma situação específica, o flerte no meio da Avenida Atlântica), representa a própria impotência de todos eles, e, extensivamente, de qualquer um de seus semelhantes, a de conseguirem sair da situação de aporia na qual se encontram.

Nos dois contos de “Passeio Noturno”, a forma e o conteúdo literários evidenciam a falta de perspectiva de o executivo alcançar algum tipo de satisfação realmente duradoura para sua vida, por mais que continue perpetrando assassinatos durante seus passeios noturnos, estando condenado a repetir indefinidamente suas tentativas frustradas nesse sentido.

Há uma representação simbólica acerca dos problemas existentes em nosso país que é revelada através da frustração do narrador, que, ansiando e mesmo conquistando certas características de modernidade, podendo usufruir do conforto proporcionado pelo consumo de bens tecnologicamente avançados, não consegue deixar de carregar consigo a angústia vivida naquele momento.

Vale dizer que em “Passeio Noturno” I e II, o cenário urbano é envolvido pela narrativa. Ademais, no personagem principal dos contos “Passeio noturno Parte I” e “Passeio noturno Parte II”, é evidenciado no protagonista, o papel do burguês e do criminoso, que se vê sempre cercado e atarefado em sua companhia, na cidade do Rio de Janeiro.

Os dias são sempre descritos como “terríveis” e estressantes. Porém, as noites, após o jantar e durante a novela que sua esposa sempre assiste, costumam ser relaxantes, com pitadas de emoção, pois o empresário narrador passeia pelas ruas do Rio de Janeiro com o intuito de atropelar pessoas que, de acordo com a descrição, são consideradas indefesas.

O ápice do prazer é realizado quando se ouve os estilhaços dos corpos ao serem esmagados. O fator mais intrigante do conto é que as pessoas ao redor do empresário jamais desconfiam de seu perfil assassino, familiares, sócios e até mesmo as vítimas, pois o seu semblante nada revela sobre sua real personalidade.

Apresenta um perfil de homem de negócios já no início, apresentando características comum à sua profissão: “Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos.” (FONSECA, 2005, p.61).

Chega a ser inimaginável que este mesmo perfil de empresário ocupado, estressado, dê voz ao assassino que age às sombras da noite urbana, que planeja tudo de maneira fria, eficaz, ao mesmo tempo em que vive momentos de grande tensão e conseqüente “alívio” após cada assassinato: “Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior.” (FONSECA, 2005, p.62).

Dessa forma, a retratação e reflexão da violência foi tratada na estética da obra de Fonseca, permanecendo seu traço cotidiano, mas instalando uma posição axiológica de desacordo, sobremaneira na forma escolhida para representar a mesma. Em suma, a narrativa procura chocar e instigar à reflexão precisamente através da forma com que apresenta o conteúdo, construindo então uma posição de contestação ao senso comum.

Evidentemente, o autor labora em sua criação artística com objetos-signo que o circundam, como a violência gratuita, ou seja, com o meio ideológico. Com efeito, nota-se o desregramento de violências e barbaridades que degeneram dentro da obra, deixando indefinidos suas fronteiras e limites na perversidade sem princípio, afastada da razão, em uma condição pura, na qual converte-se em secundário tanto o sujeito como seu o objeto: “É tão fácil matar uma ou duas pessoas. Principalmente se você não tem motivo para isso” (FONSECA, 2005, p.159).

O perfil do empresário em “Passeio Noturno”, nos revela que há uma ligação que conduz a justificativa de cometer atrocidades nas ruas cariocas: O papel que exerce na

companhia, ou seja, o infrator é provocado de forma diária devido ao trabalho árduo que desempenha dentro da empresa.

Há também na narrativa a consciência do personagem de que sua força provém do carro, que o protege, é uma representação de poder. É algo que o complementa, deste modo, a aliviar toda sua tensão, ao mesmo tempo em que se sente orgulhoso da máquina:

(...) ao ver os para-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença(...). (FONSECA, 1990, p. 62)

Por outro lado, analisando o modelo de instituição familiar do personagem assassino, Rubem Fonseca, ao traçar o perfil dessa família nos guias ao passado, por mostrar um modelo de família “tipicamente perfeito” aos olhos da sociedade, representadas pelo sucesso e poder. O casamento ainda faz parte dela, mas é quase sempre considerado como uma instituição obsoleta e antinatural, sustentada por normas sociais e fins materiais.

Na narrativa, Fonseca nos expõe inúmeras alterações negativas e indignas que decorreram ao longo dos tempos, tendo como exemplo a fragmentação do indivíduo e da família, tornando-os massificados e apartados. O desencantamento com o mundo contemporâneo, bem como a formação familiar, é retratado.

O relacionamento entre os membros foge aos padrões convencionais de envolvimento sentimental, retratando, assim, algo frio e comercial, com atitudes mecânicas, repetitivas: “Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta.” (FONSECA, 2005, p. 59). Nos contos “Passeio Noturno” I e II as cenas são repletas de hiper-realismo, ao mesmo tempo em que possui um toque requintado e poético.

Neste cenário urbano, são também expressas a ironia, a linguagem seca, cortante. Schollhammer (2007) argumenta que a cidade é interpretada como expressão material de dessimbolização da violência fundadora e produz a violência anárquica e horizontal, sempre mais contagiosa. Os escritores afirmam que a cidade se forma como um sistema

de códigos, que reflete a ordem da sociedade racionalista, mas também que se aqui vive em situações extremas.

Embora essa violência seja altamente específica do contexto em termos de suas manifestações, níveis relativos e os atores envolvidos, o que é consistente é a importância das estruturas sociais, políticas e econômicas de nível macro na criação, fomento e transformação da violência. E, por conseguinte, segue-se também que a sociedade que passa por uma transição político, social ou econômica, acabam por terem as suas estruturas até então inabaláveis, perturbadas ou enfraquecidas, o que conseqüentemente gera insatisfação, revolta, crueldade, motivando a violência reacional.

Por fim insta salientar que essas transições convergem de formas muito particulares em diferentes contextos e se cruzam com as condições locais para produzir violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar a violência como válvula de escape – como evasão – nos contos investigados de Rubem Fonseca. O narrador-protagonista tem duas facetas: a do executivo sempre ocupado e a do assassino frio e calculista que mata pro próprio prazer e evasão.

Concluimos que através da Estética da Imitação, esse narrador protagonista representa as facetas da ditadura militar brasileira (1964-1985): de um lado, o milagre econômico e a promessa de uma pátria democrática; de outro, o descaso com os mais pobres, com os subúrbios e a violência em forma de tortura e morte para com aqueles que não estavam satisfeitos com o regime.

Portanto, simbolicamente, Rubem Fonseca constrói uma crítica à ditadura militar em um livro de contos publicado em 1975 e que, claramente, fora censurado em 1976 após a venda de mais de 30 mil cópias. A realidade é que a violência de Fonseca em sua literatura nunca é gratuita: é mimética, representa o real e simboliza, nesse caso, um regime que, enquanto operava um milagre econômico na mídia, torturava e assassinava inocentes que ousavam não estar de acordo com o sistema.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de Editorial Perspectiva. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- COUTINHO, A. *O erotismo na literatura: o caso Rubem Fonseca*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1979.
- FONSECA, R. *Feliz Ano Novo*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2005.
- GARVER, N. What Violence Is. *The Nation*, 1975.
- GASPARI, E. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- IPIRANGA, S. D. da S. *O mal da língua: a violência como linguagem nos contos de Rubem Fonseca*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1997. (Dissertação de mestrado).
- PERRONE-MOISÉS, L. Um suplemento de cultura. In: FARIA, J. R. et al. (Org.). *Décio de Almeida Prado: um homem de teatro*. São Paulo: 1997.
- SCHOLLHAMMER, K. E. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, C. A. M. (Org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades, Edição 34, 2000.
- _____. (Org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense: 1992.
- VIEGAS, A. C. C. Rubem Fonseca e a difícil arte de criar leitores. *Terceira Margem Revista da Pós-graduação em Letras*. Rio de Janeiro: UFRJ, ano IV, n. 4, 1996.



Capítulo 3
ANÁLISE DOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO
GÊNERO DIÁRIO DE OBRA

Márcia A. G. Molina

Fernando Mendes Barcelos Segundo

Daniel Moreira da Silva

Mariana Brito Ribeiro

ANÁLISE DOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO DIÁRIO DE OBRA

Márcia A. G. Molina

Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão (BICT-UFMA)

Fernando Mendes Barcelos Segundo

Aluno do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT-UFMA)

Daniel Moreira da Silva

Aluno do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT-UFMA)

Mariana Brito Ribeiro

Aluna do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT-UFMA)

RESUMO

Todo engenheiro civil, ao fiscalizar uma obra deve, ou pelo menos deveria, ao final da vistoria preencher um "Relatório Diário de Obra" (RDO). Trata-se de um documento em que se registram todos acontecimentos e fatos importantes verificados a cada dia, como situação climática e falta ou atrasos de materiais, falta ou atrasos de funcionários, etc. de um empreendimento. Ele pode ser usado, se contiver todos os dados do "Livro de Ordem", tornado obrigatório pela Resolução 1.024/08/09. Dada sua importância e a frequência com que inúmeras empresas utilizam o Diário de Obra no lugar de Livro de Ordem é que se propõe este trabalho, analisando-se 09 diários de obra, disponibilizados na internet, verificando se, de fato, atendem ao determinado por aquela Resolução. Dado o número vultoso de material, a escolha foi às cegas, portanto aleatória. O método de análise adotado o da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Trata-se de um trabalho interdisciplinar já que objetiva avaliar o gênero "Diário de Obra", destacando-se estrutura, estilo e conteúdo, buscando os elementos menos estáveis desse documento (Bakhtin, 2010), tomando como objeto, como já dito, documentos da área de Engenharia Civil.

Palavras-chave: Diário de Obra - Análise Interdisciplinar - Estudos de Gênero do discurso.

ABSTRACT

Every civil engineer, when inspecting a work, must, or at least should, at the end of the inspection fill out a "Daily Work Report" (RDO). It is a document in which all important events and facts verified each day are recorded, such as the weather situation and lack or delays of materials, lack or delays of employees, etc. of an enterprise. It can be used if it contains all the data from the "Order Book", made mandatory by Resolution 1,024/08/09. Given its importance and the frequency with which numerous companies use the Work Diary instead of the Order Book, this work is proposed, analyzing 09 work diaries, available on the internet, verifying if, in fact, they meet the determined by that Resolution. Due to the large the large number of material, the choice was blind, therefore random. The analysis method adopted is Content Analysis (BARDIN, 2011). It is an interdisciplinary work since it aims to evaluate the genre "Journal of Work", highlighting structure, style and content, seeking the less stable elements of this document (Bakhtin, 2010), taking as object, as already said, documents of the field of Civil Engineering.

Keywords: Work Diary - Interdisciplinary Analysis - Discourse Gender Studies.

1.Considerações Iniciais

A interação é um elemento essencial na comunicação humana, interagir é, de acordo com Kock e Elias (2006), promover uma atividade responsiva, sendo essencial para transmitir informações, ideias e experiências entre indivíduos.

No contexto da construção civil, a comunicação efetiva, com interação eficaz, desempenha um papel fundamental para o sucesso de um projeto, garantindo a coordenação adequada entre os membros da equipe e a compreensão das atividades desenvolvidas.

No caso da construção civil, o Relatório Diário de Obra (RDO) representa um exemplo de texto, por meio qual efetiva-se o gênero Relatório, dada sua estrutura, além disso, trata-se de uma ferramenta amplamente utilizada para documentar e relatar as atividades diárias e os eventos relevantes durante a execução de um projeto.

A importância de estabelecer um padrão para o RDO é evidente quando consideramos a diversidade de modelos e formatos empregados atualmente. A falta de uniformidade na estrutura, no estilo e no conteúdo desses relatórios pode dificultar a interação entre os membros da equipe e a compreensão dos dados registrados, podendo levar a falhas de coordenação, retrabalho e atrasos no cronograma.

Visando amenizar essa problemática, a Resolução Confea 1.024 de 21/08/2009 estabeleceu o uso de um Livro de Ordem (LO) em todos os projetos da construção civil, mas dada a não aplicabilidade dessa, ocorreu sua revogação por meio da Resolução 1.094/2017, sob a seguinte justificativa: “É grande a insatisfação dos profissionais com a obrigatoriedade da adoção do Livro de Ordem para efeito de solicitação de Certidão de Acervo Técnico (CAT)”² e o que se vê, no dia a dia das construções, é a adoção, pela maioria das construtoras, do RDO. A primeira Resolução já preconizava essa possibilidade, desde que o RDO fornecesse todas as informações constantes no LO³.

Este trabalho tem o objetivo de analisar 09 (nove) RDO, sob a perspectiva de gênero, observando sua estrutura, estilo e conteúdo e verificando quais os itens que apresentam instabilidade e se faz importante por dois motivos: primeiramente, porque não foram encontrados artigos sob essa perspectiva na rede; e, finalmente, porque os integrantes do grupo pretendem seguir sua vida profissional na área de Engenharia Civil, logo, tomar contato com este tipo de documento é, de certa forma, já coloca-los em contato com a profissão.

Esclarecemos que os relatórios pesquisados foram obtidos na internet, por meio de escolha aleatória. Sublinhamos que não adotaremos os RDO digitais, visto que a realidade em nosso Estado é do uso do instrumento em forma física.

Como o trabalho executa uma análise linguística de um objeto da Engenharia, tem ele vocação interdisciplinar, lembrando com Sommerman e Paul (2012)⁴, que essa palavra “interdisciplinar” teve sua primeira ocorrência em 1885, mas seu sentido apenas consolidou-se nos anos 90 do século XX e foi ganhando força na literatura a partir dos anos 2000.

De maneira geral, os autores compreendem a interdisciplinaridade como uma interação prolongada e coordenada entre disciplinas acadêmicas levadas à integração de diferentes áreas.

O método adotado para estudo do material é o da Análise de Conteúdo, amparados em Bardin (2011), cujo processo compreende três etapas:

² <https://www.confea.org.br/plenario-do-confea-revoga-livro-de-ordem-de-obras-e-servicos> - acesso em 22.06.2023

³ Esse conteúdo será tratado à frente.

⁴ Palestra proferida pelos autores no Ministério de Educação e Cultura (MEC) por ocasião de um encontro sobre Interdisciplinaridade.

- a) **Fase da análise de conteúdo:** momento em que se deu a seleção do material pelo critério aleatório, já que abundante o número de RDO constantes na rede.
- b) **Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes:** momento em que foram avaliados os itens comuns a todos os RDO.
- c) **Processo de categorização e subcategorização:** momento em que o material foi analisado, seguindo-se os pressupostos de Bakhtin (opus cit.) relativamente aos estudos de gênero: estrutura, estilo e conteúdo.

Além de Bakhtin (2010) e demais autores de seu Círculo⁵, o trabalho será iluminado por estudiosos da Linguística Textual dedicados aos estudos de gênero, como Kock e Elias (2006) e Marcuschi (2010).

2. Estudos de gênero

Para Marcuschi (2010), os estudos de gênero não são novos, remontam a à Grécia antiga, principalmente na figura de Aristóteles, mas vêm sofrendo modificação a partir do advento da Linguística Textual. Para ele, em sua "Arte Poética" os gêneros se dividiam em três categorias básicas: o épico, o lírico e o dramático. Atualmente, a Literatura segue organizando os textos literários em três gêneros, sendo esses o narrativo, o lírico e o dramático.

A partir da década de 60 do século XX, esses estudos foram ganhando outra perspectiva, ampliando seu domínio e chegando à análise dos textos do cotidiano. Hoje, o que se vê é a existência, paralelamente à noção de gênero abordada pela Literatura, e outra, pela Linguística.

Na Linguística coexistem quatro linhas de estudos do gênero: uma que segue a orientação socioconstrutivista, de Vygotsky (2001), cujo principal nome é Bakhtin, de vertente interacionista; outra, preocupada com processos de aquisição da Língua; uma terceira, iluminada Bronckart (2003), mas de origem bakhtiniana, cujos estudos além de fornecerem subsídios para estudo do gênero propõem uma metodologia para tal. Finalmente, há ainda uma quarta linha, de origem americana, representada por Bazerman e Miller (2011) principalmente.

Dada a especificidade do objeto de estudo, o trabalho pretende avaliar a questão

⁵ É importante destacarmos que os principais nomes representantes das ideias linguísticas do Círculo eram Mikhail Bakhtin, o líder, Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev (FARACO, 2009).

de gênero, adotando os pressupostos, como já falado, da primeira linha, sobre a qual discutiremos a seguir.

2.1 Gênero para Bakhtin e o Círculo Bakhtiniano

Essa abordagem destaca o signo (menor simbologia da língua) numa perspectiva ideológica e não somente numa visão linguística, ou seja, seu uso está carregado de sentidos e significados, variando de acordo com a posição social de quem diz, estando associado à história e à cultura dos indivíduos que produzem o texto.

Bakhtin e os demais estudiosos (sobretudo aqueles do que hoje se costuma chamar de Círculo bakhtiniano, como Paschoal et al.) ampliam sua análise e a articulam no âmbito da diversidade linguística e da heterogeneidade dos gêneros, levando-os a uma interação com seu viés ideológico e a diferentes esferas sociais de comunicação. Portanto e desse modo, a partir de Bakhtin (2010), os gêneros do discurso ganham uma nova compreensão quanto à sua natureza conceitual. E sob essa nova perspectiva, o autor ressignifica os termos língua e texto, por discurso e enunciado.

O enunciado por ele conceituado, é aquele que integra o ato concreto das comunicações, ou seja, é aquele que unifica os processos material e verbal, bem como, imagens e palavras, e o contexto de produção, circulação e recepção do discurso.

É importante frisar que sua metodologia sobre o assunto investiga e interpreta o processo em que se dá o enunciado e o alcance dessa enunciação dentro da esfera da interação, assim, Bakhtin (opus cit) questiona alguns aspectos importantes nesta análise: primeiro; qual o objetivo do enunciado? Segundo; para qual situação o gênero se articula? Terceiro: a quem se refere, qual finalidade ideológica-discursiva? E, por fim; qual o ambiente em que está sendo reproduzida aquela fala?

Assim sendo, a situação de interação determinará os critérios e as práticas de discursos em que os gêneros serão empregados

Os textos e enunciados estão ligados a uma atividade humana, em que há uma relação do sujeito na história e no tempo, ou seja, é o diálogo do sujeito com determinado indivíduo mediante um contexto. Dentro deste contexto entra a língua (ou discurso) utilizada pelos indivíduos e, por meio deles, o sujeito desnuda as ideias, comportamentos e códigos de conduta que revelam os conflitos e a diversidade cultural e de pensamentos.

Para ele, os gêneros são um fenômeno social que se modifica, se transforma, e se

amplia ao decorrer do tempo. Possuem algumas características que permitem que classifiquemos os textos como pertencentes a um ou outro determinado gênero. como: tema principal, conteúdo, estrutura composicional e estilo (modo de dizer/recurso das palavras).

Sua classificação é conforme seu uso interativo, podendo ser primário e secundário. O gênero primário está ligado ao uso da linguagem cotidiana, de maneira simples, informal e espontânea da língua, exemplo; receita culinária, bilhete, conversa entre indivíduos, enfim. O gênero secundário é aquele mais elaborado, de um preparo prévio e formal da língua, exemplo; edital de concurso, tese de doutorado, romances, relatórios e laudos etc.

Resumindo, na avaliação categórica do gênero, Bakhtin busca identificar a diversidade e finalidade desse discurso, ou seja, em qual esfera o discurso se situa, em que situação ele está, com quem ele se comunica, para qual objetivo ele busca, quais os processos que influenciam seu percurso, qual a visão de mundo que seu receptor possui, e se o discurso consegue alcançar sua finalidade ideológico-discursiva na dimensão social em que ela se articula.

Bakhtin (opus cit.) prossegue esclarecendo que, dentro do modo de linguagem de uma determinada sociedade, existirão diferentes textos, ou melhor, discursos, e cada um refletirá a camada social na qual o gênero está inserido, adotando, para isso a expressão "estratificação da língua", apontando que a linguagem está vinculada a uma ação social na esfera sociocultural dos sujeitos nela envolvidos.

Para Bakhtin (opus cit.), a língua é um constante processo de interação mediado pelo diálogo, e ela só existe pelo uso que dela fazemos, por situações formais ou informais de comunicação, uma vez que os participantes estão inseridos no mesmo contexto.

Destaca que o modo de linguagem de uma sociedade está associado às transformações que ocorrem dentro das interações sociais, às quais refletem comportamentos, ideias e códigos de conduta que moldam os diferentes tipos de relações entre as pessoas, e que esta, é concebida, regimentada, e adequada conforme a determinação do Sistema (concepção ideológica). Segundo ele, dentro desta dimensão sócio-histórica da língua, à medida que as interações do gênero mudam, a linguagem deve mudar.

Como a linha americana de estudos de gêneros traz alguns pontos específicos que vêm diferenciá-la das de Bakhtin, ou iluminadas por ele, apresentaremos, em linhas

gerais, seus pressupostos.

2.2. Gênero para Bazerman e Miller.

Para Carolyn Miller (2011), o conceito de gênero apresenta-se como numa ação retórica tipificada baseada em situações recorrentes, destacando a importância tanto da produção quanto da recepção na compreensão dos gêneros como ação. Na mesma obra, Bazerman (2011) complementa, enfatizando que o gênero é uma categoria de reconhecimento psicossocial e de enunciados, que emergem historicamente e são praticados socialmente.

Os professores discutem a diferença entre as noções de texto e gênero. Bazerman aponta que o gênero pode ser aplicado a qualquer tipo de artefato ou declaração significativa, enquanto o texto se refere a uma materialização específica de um enunciado. Miller concorda com a distinção e ressalta que o gênero é uma questão de acordo social, enquanto o texto é um material determinado.

Ambos pontuam a questão da relevância da linguagem verbal e da escrita na teoria dos gêneros. Miller e Bazerman (2011) reconhecem que a teoria dos gêneros se desenvolveu no contexto do ensino de escrita, mas afirmam que ela não se restringe apenas à linguagem verbal.

Destacam também a importância de considerar as múltiplas formas de semioses e a crescente multimodalidade do ambiente atual na análise dos gêneros.

Em relação ao papel do sujeito cognitivo na construção dos gêneros, Bazerman enfatiza que os sentidos e as categorias de reconhecimento psicossocial emergem das mentes das pessoas, sendo influenciados pela interação social e pelos processos cognitivos individuais.

Miller complementa, destacando que o sujeito cognitivo é socialmente moldado e ressalta a importância de considerar os padrões perceptíveis e determinados na análise dos gêneros.

Bazerman sublinha que, no processo de transição para uma nova mídia, as pessoas inicialmente transpõem os gêneros existentes para a nova plataforma, mas posteriormente descobrem novas possibilidades e criam convenções.

Os professores também compartilham as influências teóricas em seu pensamento sobre gêneros. Bazerman menciona a influência de psicólogos russos, pragmatistas

americanos, sociologia e obras sobre letramento e oralidade. Miller destaca a importância dos estudos retóricos clássicos e contemporâneos, citando Aristóteles, a nova retórica representada por Kenneth Burke, Chaim Perelman e Stephen Toulmin, além da teoria dos atos de fala e fenomenologia, para argumentar a favor de seu posicionamento teórico.

Quanto ao papel da cultura na teoria dos gêneros como ação social, Miller, tal qual o fizera Bakhtin (opus cit), enfatiza que a compreensão dos gêneros requer uma análise do contexto cultural em que estão inseridos, incluindo conceitos, valores, interesses, gêneros anteriores, histórias e tradições. Bazerman argumenta que os gêneros são parte integrante da cultura, sendo ferramentas disponíveis historicamente para a interação social, e podem ser vistos como geradores de disposições e orientações para eventos.

3. Diário de Obra: o que é e suas características

O Relatório Diário de Obra (RDO) é um Instrumento essencial para o acompanhamento e registro das atividades de uma obra e é também um documento fundamental na gestão de projetos e construções. Trata-se de um documento em que devem ser registradas detalhadamente as atividades realizadas em um empreendimento, incluindo o progresso das atividades, o uso de materiais, as interferências encontradas, as decisões tomadas e qualquer outra informação relevante, servindo como fonte de informações e evidências ao longo do processo de uma obra.

O diário de obra tem diversas finalidades, sendo a principal delas o acompanhamento e controle do andamento do projeto, possibilitando a identificação de eventuais atrasos, a verificação da conformidade com o planejamento, oportunizando a solução de problemas previamente, devendo, pois ser utilizado em todas as fases de um empreendimento, desde a de projeto até a entrega da obra, auxiliando na gestão do percurso.

Contudo, de acordo com a Resolução Nº 1.024, de 21 de agosto de 2009, o Relatório Diário de Obra poderia ser substituído na administração de um trabalho pelo Livro de Ordem (LO), contanto que este tivesse os mesmos itens constantes naquele. Tornaram-se, então, obrigatórios por um tempo, para as atividades relacionadas às áreas de Engenharia,

Arquitetura, Agronomia, Geografia, Geologia, Meteorologia e outras profissões ligadas ao Sistema Confea/Crea⁶.

A legislação reforçava essa exigência no Art. 1º, afirmando que o uso do Livro de Ordem seria obrigatório em obras e serviços dessas áreas. No entanto, a Resolução 1094 do CONFEA, em seu Art. 5º, determinou que o Diário de Obras poderia ser utilizado como substituto do Livro de Ordem. Isso significa que os modelos existentes, sejam físicos ou eletrônicos, como Boletim Diário, Livro de Ocorrências Diárias, Diário de Obras, Cadernetas de Obras, entre outros, ainda em uso por empresas privadas, órgãos públicos ou profissionais autônomos, poderiam ser aceitos como Livro de Ordem, desde que cumprissem os requisitos estabelecidos pela resolução e teriam validade jurídica, isto é, poderiam ser utilizados em processos em que estivessem envolvidos a empresa ou clientes. Contudo, dada a não adoção do Livro de Ordem, a lei foi revogada em 2017 (como já dito) e, na prática, em nosso Estado, principalmente, consolidou-se o Diário de Obra.

Resumindo, o diário de obra é, pois, um recurso essencial para a gestão eficiente de projetos e construções. Sua utilização permite um controle mais preciso e detalhado das atividades, facilitando a tomada de decisões, a solução de problemas e a documentação de evidências. Embora possa haver situações em que o Livro de Ordem seja suficiente, o diário de obra deve ser adotado sempre que possível, garantindo um registro mais completo e abrangente das informações. Vale esclarecer que a não utilização da RDO ou de outro documento similar poderá ensejar infração à lei 5194 de dezembro de 1966⁷.

Portanto, é imprescindível que profissionais da área da construção civil estejam familiarizados com a importância e o uso adequado desse instrumento, suas especificidades e características para o sucesso de seus empreendimentos. É disso que trataremos na sequência.

4. O Gênero Relatório Diário de Obras (RDO)

Como já falado anteriormente, de acordo com Bakhtin (2010) e o Círculo Bakhtiniano, Paschoal et al. (2020), os gêneros são identificados por meio de sua

⁶ Uma pesquisa rápida efetuada pelos integrantes do grupo mostrou que, quando usados, o Diário de Obra é o que se vê. Poucas das obras visitadas utilizavam o Livro de Ordem. Questionados, os responsáveis nos dias das visitas alegaram o uso predominante do RDO por tradição.

⁷ Vale registrar, porém, que a realidade em nosso Estado nem sempre é de uso desse documento.

estrutura composicional, estilo e conteúdo, entendendo gênero como enunciados mais ou menos estáveis pertencentes a um domínio específico.

Assim, visto que o Diário de Obra é um tipo de relatório técnico, portanto deve ser um texto de organização lógica, contendo em sua estrutura composicional⁸ um Introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Na introdução, devem vir os dados da obra, da empresa executora, da empresa contratante e do responsável técnico pela obra, data de início e previsão de seu término.

No desenvolvimento, seguindo a legislação vigente, deve conter todos os elementos de um Livro de Ordem, a saber: posição física, acidentes, períodos de interrupção da obra, com os motivos que levaram a isso, clima e outros dados relevantes que se julgarem necessários. Esta é a parte menos estável do Relatório, porque irá depender das observações dos responsáveis pelo empreendimento.

Na conclusão, deve constar o fechamento dos trabalhos data e assinatura do responsável técnico.

Quanto ao estilo⁹, o RDO ,não deve apresentar linguagem prolixa, ser bastante objetivo, para que tanto pessoas da área quanto as não entendam a totalidade do documento. É imprescindível ainda que seja conclusivo. já que poderá ser utilizado judicialmente.

Em relação ao conteúdo, neste caso específico, obviamente, todos os itens devem se referir à obra em questão, descrevendo minuciosamente os dados relativos ao empreendimento.

Nesse tipo de Relatório, o conteúdo apresenta o corpo e parte principal do documento, por isso, na sequência, apresentaremos uma síntese (em forma de tabela) do conteúdo os documentos.

Esclarecemos, finalmente, que, para facilitar a leitura, os RDO foram enumerados de 1 a 9 (conforme anexo).

⁸ Como foi observado que a estrutura composicional apresenta variação nos relatórios e será ela analisada na sequência.

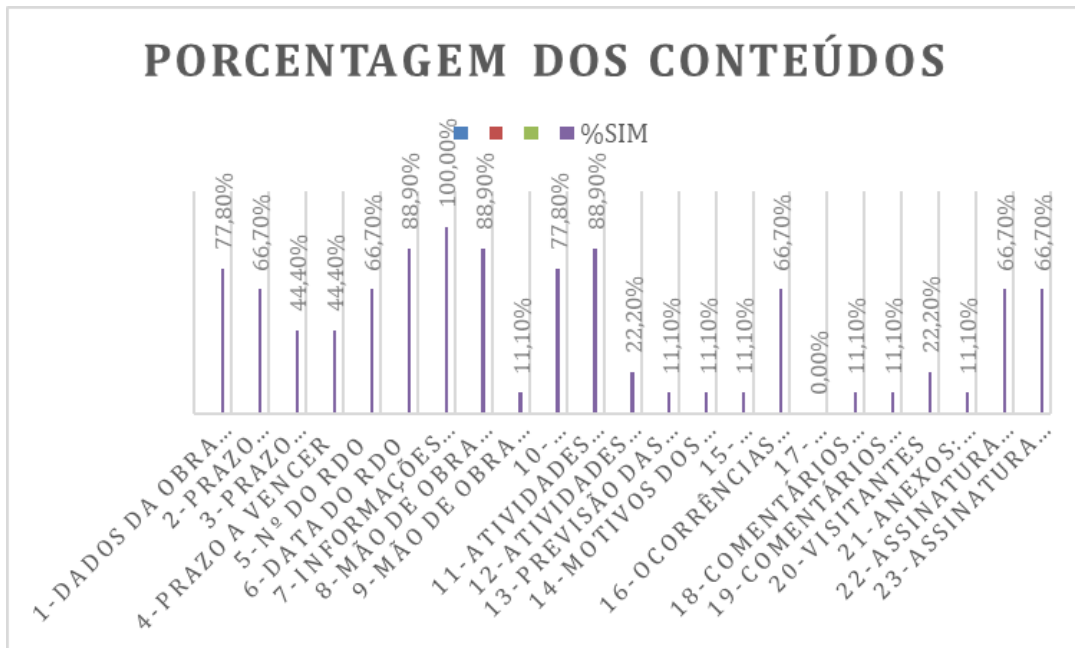
⁹ Adoramos aqui a definição de Guiraud (1970, p. 25), "(...) é o conjunto objetivo de características formais oferecidas por um texto como resultado da adaptação do instrumento linguístico às finalidades do ato específico em que foi produzido"

4.1 Tabelas da estrutura e conteúdo dos RDO

Tabela 01 – Existência dos conteúdos – Elaborado pelos pesquisadores

UESTRUTURA	CONTEÚDO	RDO 1	RDO 2	RDO 3	RDO 4	RDO 5	RDO 6	RDO 7	RDO 8	RDO 9	%SIM
Introdução	1-DADOS DA OBRA (ENDEREÇO)	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	77,80%
	2-PRAZO CONTRATUAL	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	66,70%
	3-PRAZO DECORRIDO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	44,40%
	4-PRAZO A VENCER	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	44,40%
	5-Nº DO RDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	66,70%
Desenvolvimento	6-DATA DO RDO	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	88,90%
	7-INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	100,00%
	8-MÃO DE OBRA PRESENTE	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	88,90%
	9-MÃO DE OBRA AUSENTE	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	11,10%
	10-EQUIPAMENTOS UTILIZADOS NO DIA	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	77,80%
	11-ATIVIDADES EXECUTADAS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	88,90%
	12-ATIVIDADES PREVISTAS E NÃO REALIZADAS	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	22,20%
	13-PREVISÃO DAS ATIVIDADES NÃO REALIZADAS	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	11,10%
	14-MOTIVOS DOS SERVIÇOS PARALISADOS	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	11,10%
	15-COND. IMPREVISTAS/ACIDENTES/FALTA DE MATERIAL	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	11,10%
	16-OCORRÊNCIAS NA OBRA	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	66,70%
	17-TERCEIRIZADOS DO DIA	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	0,00%
	Conclusão	18-COMENTÁRIOS DO CONTRATANTE	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
19-COMENTÁRIOS DO CONTRATADO		NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	11,10%
20-VISITANTES		NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	22,20%
21-ANEXOS: FOTOS, DOCUMENTOS, NOTAS FISCAIS		NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	11,10%
22-ASSINATURA DO ENGENHEIRO		NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	66,70%
23-ASSINATURA DO CLIENTE		NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	66,70%

Tabela 02 – Gráfico de porcentagem dos conteúdos - Elaborada pelos pesquisadores



5. Discussão dos dados

Bakhtin (2010), como visto, determina que o gênero é identificado por meio de sua estrutura composicional, estilo e conteúdo, observando seu caráter interativo: quem

fala, para quem fala. Neste caso específico, trata-se de um Relatório produzido pelo responsável por uma obra, para a administradora, mas que pode vir a ser utilizado juridicamente, É um documento elaborado, caracterizando o gênero secundário.

Os dados obtidos dos 9 RDOs analisados e escolhidos aleatoriamente, mostram, algumas vezes, pouco comprometimento por parte de quem os idealiza, visto que itens primordiais como: “Mão de obra ausente”, “Previsão de atividades não realizadas”, “Motivos de serviços paralisados”, “Condições imprevistas/acidentes/falta de material”, “Comentários do contratante”, “Comentário do contratado”, apresentaram baixo índice de presença, uma média de 14%, apenas. O mesmo ocorreu com o item “Anexo: fotos/documentos/notas fiscais”, que apresentou apenas 11,1% de incidência.

Vale apontar que a falta do preenchimento desses itens pode gerar uma desorganização no ritmo dos acontecimentos, ruídos de comunicação entre os colaboradores e, até má gestão da obra.

O item “Terceirizados do dia”, apresentou-se com 0,0%, ou seja, nenhum dos RDO pesquisados apontaram sua existência, indicando a possibilidade de não se sentirem responsáveis por eles, pois é muito improvável que um empreendimento da construção civil não tenha a utilização de mão de obra de terceiros.

Os itens para os quais os autores dos RDOs deram mais relevância foram: “Data do RDO”, “Mão de obra presente”, “Atividades executadas”, com uma média de mais de 80% de incidência. Já o item, “Informação climática” foi o único com 100% de ocorrência, mostrando com esse item impacta o andamento de um empreendimento.

Já os itens: Dados da obra(endereço), Prazo contratual, Prazo decorrido, Prazo a vencer, Nº da RDO, Equipamentos utilizados no dia, Ocorrências na obra, Visitantes, Assinatura do engenheiro e Assinatura do cliente, tiveram pouca ocorrência, o que pode apontar para um possível distanciamento do responsável, como se temesse comprometer-se.

Outros dois itens de fácil verificação e que seria muito importante estar tanto nos RDOs quanto expostos na própria obra: Prazos decorridos e a vencer, mas infelizmente não constam em 55,6%, dos RDOs verificados.

Vale ressaltar que todos os itens do RDO são de grande importância para constarem no documento, pois além de servirem como norte para os funcionários diretos, funcionam como uma excelente ferramenta de fiscalização e controle tanto da eficiência

com o labor dos operários, como para expor o modelo construtivo adotado no empreendimento.

6. Considerações finais

Ao abordarmos o diário de obra sob a perspectiva de Bakhtin (opus cit), tendo o mesmo como objeto de análise linguística, torna-se evidente que esse gênero textual se configura como um discurso secundário, logo, diferente do gênero primário que, como já vimos, possui uma linguagem do cotidiano, a exemplo de uma receita, um diálogo ,etc.

Seus objetivos comunicativos estão ligados à dimensão social em que estão inseridos, ou seja, circular entre pessoas ligadas à área de construção, com a função de auxiliar a gestão do empreendimento imobiliário..

Trata-se de um instrumento essencial para registrar informações sobre o desenvolvimento de uma construção ou projeto, sendo frequentemente exigido por questões legais e normativas. Nesse contexto, ele se insere na esfera técnico-administrativa, na qual engenheiros, arquitetos, mestres de obras e outros profissionais da construção comunicam-se e compartilham informações relevantes.

No entanto, é importante ressaltar que, apesar da existência de legislação que regulamenta a elaboração e o conteúdo do diário de obra, muitas vezes observa-se uma falta de cumprimento dos dispositivos legais e muitos dos relatórios nem sempre atendem aos requisitos estabelecidos, comprometendo sua função de documentação precisa e detalhada do processo construtivo.

Nesse sentido, comunga com o preceituado por Bakhtin: gênero é um enunciado mais ou menos estável, pois, como vimos, relativamente ao conteúdo, alguns itens dos documentos analisados não foram observados.

Quanto ao estilo, a linguagem observada nos documentos é desenhada para dialogar com seus destinatários.

Aponte-se que a visão de mundo do receptor desse discurso é moldada por sua formação profissional e sua compreensão dos requisitos legais, bem como sua postura ética em relação à execução do trabalho. Assim, de uma forma ou de outra, de forma detalhada ou mais geral, esse relatório pode vir a garantir a transparência, a rastreabilidade e a conformidade com normas e regulamentos, contribuindo para a segurança e a qualidade das construções e, nessa toada, urge uma uniformização desses

documentos.

Perspectivas futuras

Apresentaremos este trabalho ao CREA/MA e sugeriremos uma normatização deste documento.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. SP: Martins Fontes, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70. 2011.

BAZERMAN, C. & MILLER, C. **Bate Papo Acadêmico**. Núcleo Sobre Investigação de Gêneros Textuais. Recife, 2011.

FARACO, C.A. **Linguagem e Diálogo**. Rio de Janeiro, Parábola, 2009.

GUIRAUD, P. **A Estilística**, São Paulo: Mestre Jou, 1970

KOCK, I.V. e ELIAS, V. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. Contexto. 2006

MARCUSCHI, B. Escrevendo na escola para a vida. In: Língua portuguesa: ensino fundamental. Brasília: Ministério da educação, secretaria da educação básica. Vol 19. Coleção: Explorando o ensino, 2010.

PASCHOAL, C. (et.al.) **Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética [livro eletrônico]** / [et al.] - Dados eletrônicos. - Porto Alegre: Polifonia, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA – CONFEA. Plenário do Confea revoga Livro de Ordem de obras e serviços. Disponível em: <https://www.confea.org.br/plenario-do-confea-revoga-livro-de-ordem-de-obras-e-servicos>. Acesso em 04, jun, 2023.

_____. RESOLUÇÃO Nº 1.094, DE 31 DE OUTUBRO DE 2017. Dispõe sobre a adoção do Livro de Ordem de obras e serviços das profissões abrangidas pelo Sistema Confea/Crea. Disponível em: <https://normativos.confea.org.br/Ementas/Visualizar?id=64183>. Acesso em 10, maio, 2023.

Sites pesquisados:

<https://smartplanilhas.com.br/planilha-gratuita/relatorio-diario-de-obra-em->

excel/?eael-register=1#download

<https://planilhadeobra.com.br/blog/2020/11/08/modelo-de-diario-de-obra/>

https://www.graficapex.com.br/imgs/modelo-de-rdo-revc_302f5e34.pdf

<https://pt.scribd.com/document/57385678/Modelo-Diario-de-Obra>

<https://pt.scribd.com/document/126934052/Diario-de-Obra-MODELO>

<https://www.docsity.com/pt/cadtec-relatorio-diario-de-obra/4869839/>

<https://imgv22f.scribdassets.com/img/document/344027454/original/3338521a60/1618703038?v=1>

<https://img.document.onl/img/1200x630/reader015/image/20170731/5571f1d549795947648bbb06.png?t=1621515006>

<https://i.pinimg.com/736x/3e/ab/00/3eab00340b01dfe9430fbe8290ea935e.jpg>

ANEXOS - Relatórios diários de obra (RDO) utilizados na pesquisa

MODELO 01 RDO

J	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q								
1	INSIRA A LOGOMARCA DE SUA EMPRESA AQUI													RDO nº:										
2														Contrato:										
3														Prazo Contratual:										
4	Relatório Diário de Obra (RDO)													Prazo Decorrido:										
5	Obra:												Prazo a Vencer:											
6	Local:												Data do Relatório:											
7	Cliente:												Dia da Semana:											
8																								
9	Tempo						Condição																	
10	Manhã			Claro			Manhã			Praticavel														
11	Tarde			Claro			Tarde			Praticavel														
12																								
13	Mão de Obra (40)																							
14	Mestre de Obra				Pedreiro				Ajudante Geral				Servente				Engenheiro				Estagiário			
15																								
16																								
17	Equipamentos (46)																							
18	Caminhão Basculante				Betoneira				Caminho de Mão				Martelo				Andaime				Containers			
19																								
20	Furadeira																							
21																								
22																								
23	Atividades / Tarefas (0)																							
24																								
25	Ocorrências / Observações (2)																							
26																								
27																								

fonte: <https://smartplanilhas.com.br/planilha-gratuita/relatorio-diario-de-obra-em-excel/?eael-register=1#download>

MODELO 02 RDO

PLANILHA DE OBRA ENGENHARIA LTDA.
Endereço: XXXXXXX

RELATÓRIO DIÁRIO DE OBRA (RDO) Nº XXX

OBRA: ENDEREÇO: RESP TÉCNICO: NUM. CREA: CONTRATO: INÍCIO: PRAZO: NUM. DA ART:

MANHÃ
TARDE
NOITE

MÃO DE OBRA INDIRETA FUNÇÃO / CARGO	QTDE	MÃO DE OBRA DIRETA FUNÇÃO / CARGO	QTDE	EQUIPAMENTOS DESCRIÇÃO	QTDE
GERENTE DE CONTRATO	-	AJUDANTE GERAL	22	ESCAVADEIRA HIDRÁULICA	1
ENGENHEIRO DE PRODUÇÃO	2	ARMADOR	4	RETRO ESCAVADEIRA	1
TÉCNICO DE SEGURANÇA	-	CARPINTEIRO	6	CAMINHÃO BASCULANTE	-
AUXILIAR ADMINISTRATIVO	-	PEDREIRO	2	CAMINHÃO MUNCK	-
COMPRAADOR	1	SOLDADOR	1	GUINDASTE	-
ORÇAMENTISTA	1				

TAREFAS REALIZADAS

1) _____
2) _____
3) _____
4) _____
5) _____

OCORRÊNCIAS

1) _____
2) _____

ASSINATURAS

RESPONSÁVEL TÉCNICO: _____ CONTRATADA: _____ CONTRATANTE: _____

fonte: <https://planilhadeobra.com.br/blog/2020/11/08/modelo-de-diario-de-obra/>

MODELO 03 RDO

TRIÂNGULO LTDA.
ENGENHARIA E SERVIÇOS DE
TRANSFORMAÇÃO DE CEBIX UNICOM
PARA FOMENTO DAS REGIÕES DE
ALBUQUERQUE

RELATÓRIO DIÁRIO DE OBRA (RDO)

DATA DO RDO: ____/____/____ TEMPO: M | Y | D
DATA DE INÍCIO: ____/____/____ ANOS | DIAS | HORAS
RESPONSÁVEL: _____ CHUVA: | | |
FORMA: | | | INEFETIVO: | | |

CONTRATANTE: TBG - TRANSPORTADORA BRASILEIRA GASODUTO BOLÍVIA - BRASIL CONTRATO Nº: 450004677

REGISTRO DA CONTRATADA

ORDEM N°	DATA INÍCIO	HORÁRIOS	TEMPO TOTAL
NUMERO INVENTÁRIO:	INÍCIO DESLOCAMENTO:	INÍCIO SERVIÇO:	DESLOCAMENTO:
KMS:	FIM DO SERVIÇO:	FIM DO DESLOCAMENTO:	TRABALHO (1h):

DESCRIÇÃO DETALHADA DOS SERVIÇOS

DIÁRIO DIÁRIO DE SEGURANÇA (DDS)

TERÇA:

EQUIP. (NOME E FUNÇÃO):	EQUIPAMENTOS E VEÍCULOS	QUANTID.

REGISTRO DA FISCALIZAÇÃO

ASSINATURA ENCARREGADO DA CONTRATADA: _____ ASSINATURA DA FISCALIZAÇÃO: _____

fonte: https://www.graficapex.com.br/imgs/modelo-de-rdo-revc_302f5e34.pdf

MODELO 04 RDO

DIÁRIO DE OBRA			
OBRA:	LOCAL:	DATA:	FOLHA N°:
CONTRATADA:	DECORRIDO:		RESTANTE:
FISCAL:	TEMPO:		TEMPO:
PESSOAL DE OBRA		SERVIÇOS INICIADOS:	
Mestre	_____	_____	
Pedreiro	_____	_____	
Carpinteiro	_____	_____	
Armador	_____	_____	
Eletricista	_____	_____	
Encanador	_____	_____	
Pintor	_____	_____	
Servente	_____	_____	
_____	_____	_____	
_____	_____	_____	
_____	_____	_____	
TOTAL	_____	SERVIÇOS CONCLUÍDOS:	
_____	_____	_____	
OCORRÊNCIAS DIÁRIAS			

OBSERVAÇÕES E RECOMENDAÇÕES			

FISCALIZAÇÃO	DATA	CONTRATADA	DATA
_____	____/____/____	_____	____/____/____

Fonte: <https://pt.scribd.com/document/57385678/Modelo-Diario-de-Obra>

MODELO 05 RDO

RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO DIÁRIO			OSMSRS
			RDACOM
Local de execução: _____			
STATUS		Data: ____/____/____	
<input type="checkbox"/> Obra em andamento <input type="checkbox"/> Obra paralisada		<input type="checkbox"/> Chuvisco <input type="checkbox"/> Engenheiro(s) <input type="checkbox"/> Mestre de Obras	
TEMPO	<input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Instável	EFETIVO	
EQUIPAMENTOS ALOCADOS	MÁQUINAS ALOCADAS		
<input type="checkbox"/> BOMBA <input type="checkbox"/> GERADOR <input type="checkbox"/> MOTOR <input type="checkbox"/> VIBRADOR <input type="checkbox"/> BETONEIRA <input type="checkbox"/> COMPRESSOR <input type="checkbox"/> BOMBAS	<input type="checkbox"/> RETROSCAVADEIRA <input type="checkbox"/> C. BASCULANTE <input type="checkbox"/> C. MUNCK <input type="checkbox"/> ESCAVADEIRA <input type="checkbox"/> ROLO DE PATAS <input type="checkbox"/> ROLO LISO <input type="checkbox"/> COMPACTADOR	<input type="checkbox"/> Técn. Segurança <input type="checkbox"/> Mont. AndAIMES <input type="checkbox"/> Rigger <input type="checkbox"/> Pintor <input type="checkbox"/> Aux. Carregam. <input type="checkbox"/> Pedreiros <input type="checkbox"/> Eletricista <input type="checkbox"/> Meio Oficial <input type="checkbox"/> Lider.	
MEDICINA REALIZADA: <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim RETRABALHO: <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim		TOTAL DE HOMENS: _____	
PROBLEMAS (Mód. Equip): DESCRIÇÃO: _____ PROBLEMA DETECTADO: _____ STATUS: <input type="checkbox"/> operando <input type="checkbox"/> paralisada		SEGURANÇA / MEIO AMBIENTE: <input type="checkbox"/> ACIDENTES: _____ <input type="checkbox"/> INCIDENTES: _____ <input type="checkbox"/> DEVIOS: _____ <input type="checkbox"/> Não conformidades: _____	
RECEBIMENTO DE MATERIAS		VISITANTES (quid):	
Houve entrega de materiais? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Tipo de material: _____ NF: _____ Fornecedor: _____		<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim RECLAMAÇÕES: <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim Assunto: _____	
ATIVIDADES REALIZADAS			

PREENCHIMENTO			
Nome:	Função:	Assinatura	
ANÁLISE E APROVAÇÃO		RECLAMAÇÕES	
Nome:	Ass. Resp.:	Assunto:	
_____	_____	_____	

Quando o espaço de qualquer campo não for suficiente usar o: verso

Fonte: <https://pt.scribd.com/document/126934052/Diario-de-Obra-MODELO>

Linguística, Letras e Artes: A Sociedade e a Cultura

MODELO 08 RDO

			RDO Nº:
Relatório Diário de Obra			DATA:
OBRA:		Código:	
Prazo:		Contrato Nº:	
Data início:	Data término:	Dias decorridos:	Condições Climáticas:
Serviços executados:		Observações da fiscalização:	
Executado escavação das sapatas;		Entregue na obra detalhes da escada	
Executado armação das sapatas e pilares.			
Equipamentos utilizados:	Quantidade	Valor	Mão-de-obra: Ocupação Nome Horas trabalhadas
			Pedreiro
			Servente
			Servente
			Servente
			Servente
RESPONSÁVEL: Engenheiro Civil Nilson Fulber		FISCAL: Engenheiro Civil Nilson Fulber	
DATA:			

Fonte: <https://img.document.onl/img/1200x630/reader015/image/20170731/5571f1d549795947648bbb06.png?t=1621515006>

Modelo RDO 09

LOGO DA EMPRESA		RELATÓRIO DIÁRIO DE OBRA - RDO															
Data:																	
CONDIÇÕES:	Paralá	() Bom	() Médio	() Ruim	() Muito Ruim	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço			
RE:	Tempo	() Bom	() Médio	() Ruim	() Muito Ruim	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço			
TIPO:	Seca	() Bom	() Médio	() Ruim	() Muito Ruim	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço	() Sem Serviço			
QUADRO DE FISCALIZAÇÃO	CATEGORIA	FIS.	AMB.	TOT.	OUTROS	FIS.	AMB.	TOT.									
	MESTRE																
	ADMINISTRATIVO																
	ALMOXARIFE																
	ENCARREGADO																
	EL. CIVIL																
	EL. PNEUMÁTICA																
	EL. HIDRÁULICA																
	EL. ELÉTRICA																
	EL. SANEAMENTO																
	EL. SINALIZAÇÃO																
	EL. SINALIZAÇÃO																
	EL. SINALIZAÇÃO																
	EL. SINALIZAÇÃO																
SUB-EMPRESAS E EQUIPAMENTOS		SERVIÇOS				MATERIAL				SERVIÇOS				MATERIAL			
		TOTAL EMPRESAS															
		TOTAL GERAL															
OCCORRÊNCIAS, REATOS E OBSERVAÇÕES IMPORTANTES																	
ENGENHEIRO RESPONSÁVEL				MESTRE DE OBRAS				ADM.									

<https://i.pinimg.com/736x/3e/ab/00/3eab00340b01dfe9430f8e8290ea935e.jpg>



Capítulo 4
CORPO, MUHERES E DECADENTISMO: UMA
ANÁLISE DE PERSONAGENS FEMININAS NA
OBRA O CORTIÇO

Jessika Kétula Rodrigues Vilela
Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes

CORPO, MUHERES E DECADENTISMO: UMA ANÁLISE DE PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA *O CORTIÇO*

Jessika Kétula Rodrigues Vilela

Licenciada em Letras – Português/Inglês (UFRPE). Email: Jessika.rvilela@gmail.com

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes

Orientador. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade

Estadual da Paraíba, graduado em Letras pela mesma instituição. Email:

eduardo.fernandes@ufape.edu.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as personagens femininas: Bertoleza, Rita Baiana, Piedade, Pombinha, Leónie, Florinda (Marciana) e por fim, Dona Estela, na obra *O Cortiço* de Aluísio Azevedo (2019). Diante da representação da imagem da mulher na literatura brasileira, levando em consideração o contexto histórico da época, século XIX, em que já havia ocorrido a abolição. Cada personagem tem sua respectiva característica, a qual será disposto o embasamento para traduzi-las à luz dos estudos de Xavier (2006) identificando seus corpos como *disciplinados, subalterno, refletido, violento, degradado, envelhecido erotizado e liberado*, analisando a condição da mulher na referida obra, e indo além, mostrando a opressão das relações de poder sobre os corpos dessas personagens que agravam fatos de uniformização socioculturais, fazendo com que houvesse um silêncio para manter uma ideologia de uma mulher ideal. Nessa obra, as personagens femininas, representam uma idealização de um padrão de comportamento, como veremos em Matos; Soihet (2003), e em Del Priore (2011). Nisso, será observado a sexualidade, beleza, animalização, tom de pele e a categorização dos corpos dessas personagens femininas d'O cortiço que refletem, por um lado uma postura individualizada, firme e por outro, todo peso do patriarcado no julgamento que o narrador faz de suas atitudes e desejos. **Palavras-chave:** Mulher. Corpo. Literatura brasileira. Naturalismo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the female characters: Bertoleza, Rita Baiana, Piedade, Dona Isabel, Pombinha, Leónie, Florinda (Marciana) Dona Estela, finally, Isaura and Leonor, in the work *O Cortiço* by Aluísio Azevedo (2019). Faced with the representation of the image of women

in Brazilian literature, taking into account the historical context of the time, the 19th century, in which abolition had already occurred. Each character has its respective characteristic, which will be laid out the foundation to translate them in the light of Xavier's studies (2006) identifying their bodies as disciplined, subaltern, reflected, violent, degraded, aged, eroticized and liberated, analyzing the condition of women in that work, and going beyond, showing the oppression of power relations over the bodies of these characters that aggravate facts of sociocultural uniformity, causing there to be silence to maintain an ideology of an ideal woman. In this work, the female characters represent an idealization of a pattern of behavior, as we will see in Matos; Soihet (2003), and in Del Priore (2011). In this, the sexuality, beauty, animalization, skin tone and the categorization of the bodies of these female characters from *O cortiço* will be observed, which reflect, on the one hand, an individualized, firm posture and, on the other, all the weight of patriarchy in the judgment that the narrator make your attitudes and desires.

Keywords: Woman. Body. Brazilian literature. Naturalism

1. INTRODUÇÃO

Diante das transformações que ocorriam no Rio de Janeiro do século XIX, marcada pela chegada da Família Real e assim, deixando de ser oficialmente uma colônia de exploração, passou a causar um processo de urbanização gradual, impulsionando o declino do abolicionismo, provocando uma retirada em massa de pessoas de classe baixa dos centros da cidade, para a moradia da própria corte e pensando em seu embelezamento focado nos turista e investidores, conseqüentemente, essas pessoas se refugiam em cortiços, habitações coletivas, etc. O autor, Aluísio Azevedo, então, enfoca nas pessoas que habitavam nesses cortiços, trazendo à tona como o meio também mudaria suas vidas.

Aluísio Azevedo tencionou reproduzir e interpretar, sob a ótica do Naturalismo, a realidade que estava ao seu redor, nisso ele utiliza como cenário, na obra *O Cortiço*, uma realidade social e natural da época, como enfatiza Candido (2004) O fato de ser brasileiro levou Azevedo a interpor uma camada mediadora de sentido entre o fato particular (cortiço) e o significado humano geral (pobreza, exploração).

É onde apresenta o próprio cortiço como grande personagem do Romance, por ter vida própria e ser um espaço degradante que traz a visão do homem como superior e dominador e a mulher que deveria ser padronizada, retrato da sociedade da época:

Nesse discurso, identidade e diferenciação são faces de um mesmo processo permeado pelo poder, recuperando o arquétipo feminino e masculino: o homem urbano, imbuído de poder, deve civilizar e impor uma nova ordem, enquanto à mulher caberia outro perfil - passiva, submissa, recolhida à família e à maternidade, mas modelo de moralidade e dedicação. (MATOS; SOIHET, 2003, p. 125).

Em *O Cortiço*, obra de Aluísio de Azevedo e pertencente ao Naturalismo brasileiro, o escritor ao tratar da visão que tinha dentro do contexto do século pertencente, recria a realidade dos cortiços, onde registra um tempestuoso desenvolvimento na cidade do Rio de Janeiro, o qual, no ponto de vista a cerca das mulheres, que em sua maioria submissas, dentro de duas *casas*, como afirma Adélia Soares (2006) se confinaram ao espaço doméstico, no lugar falsamente honroso de Rainha do Lar.

É importante levar em consideração o contexto anterior, no caso a escravidão, tal motivo leva as personagens a serem ainda estereotipadas de forma semelhante como os de antes, “escravos”, afirmando a existência de uma “raça superior” (a branca) e “inferior” (a negra).

É possível observar na obra o racismo, as descrições dos personagens negras são sempre tratadas de maneira a deixar o sujeito em nível de ridicularizados ou até corrupção, atendendo ao determinismo daquele século, em que as condições naturais determinam o comportamento humano, o que foi mais reforçado pelo discurso médico científico, e essa interferência médica, na época, era considerada indispensável.

Baseado nisso, para realizar esta pesquisa, tem-se como objetivo analisar a condição da mulher na referida obra, identificando seus corpos através dos estudos de Xavier (2006) como *disciplinados, subalterno, refletido, violento, degradado, envelhecido, erotizado e liberado*, levando em consideração que cada uma cumpre uma função diferente, mas dentro das mesmas regras, os mesmos deveres e submissões

Nesse romance é retratado um período marcado por uma produção de saberes sobre o sexo, porém destinado apenas aos homens, os quais tinham liberdade para a prática de tal e com quem quisesse, fortificando uma imagem, cujos resquícios ainda hoje são presentes no imaginário da população, e ainda colaboram para a permanência de uma visão distorcida da mulher e seus direitos.

O que nos leva a observar também, o mecanismo de tratamento representada *nO Cortiço*, em respeito a mulher e a sua naturalização do aviltamento, sendo considerado como comportamento padrão, em exemplo a Rita Baiana, “a arraia miúda dos cortiços, que mesmo quando etnicamente branca é socialmente negra” (CANDIDO, 2004, p. 117).

Como também traz a imagem degradante a qual a mulher era e ainda é submetida e quando decide se “libertar” revela a imagem estereotipada da mulher do que esperava-se e o que de fato realmente era e como é apresentada de forma naturalizada.

Esta pesquisa é bibliográfica e a abordagem é qualitativa. Segundo Denzin; Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, isso significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, buscando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. No caso deste estudo, a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (2019), será analisada de forma a interpretar possíveis significados presentes na obra relacionados ao papel da mulher, juntamente com as diferenças que são tidas devido ao gênero e à classe social.

O tipo de pesquisa é descritivo-analítica, a qual, segundo Silva; Menezes (2005), a pesquisa descritiva busca descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis e define sua natureza. As pesquisas descritivas caracterizam-se geralmente como estudos que procuram determinar *status*, opiniões ou projeções futuras nas respostas obtidas.

Nesta categoria de análise é baseada na proposta de tipologias de corpo por Xavier (2006), as quais serão apresentadas através de um mapeamento e serão evidenciados alguns aspectos principais como, a sexualidade, beleza, animalização, tom de pele e a categorização dos corpos dessas personagens, aqui selecionadas.

1.2 O CORPO COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL

Ao voltar o olhar para as personagens femininas, é visto o caráter degradante que lhes são atribuídas, nada mais do que um retrato da vida real, lutas e julgamentos que as mulheres passam, devido ao corpo.

O que pode se considerar que este corpo advém com diversos blocos nessa formação, vindo em especial, da cultural, na qual, cada qual convive, pois a construção de cada corpo se dá por meios específicos, como Xavier (2006) aponta que este corpo sofre pressão da estrutura sociocultural, podendo ser considerada um mapa da vida social naquele período.

É a personagem que aproxima o leitor do romance, exatamente porque este se identifica com a personagem, por ela parecer estar viva, pela existência de muitos traços verídicos da nossa realidade e esse é o objetivo. Afinal, quando o leitor não se identifica

com a personagem o romance para ele não tem nenhum significado, mesmo levando em consideração as constantes mudanças advindas do tempo, porém independente desse tempo, é certo que existe um paradigma sobre a mulher, como alega Del Priore (2011) que a mulher tinha que ser naturalmente frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais.

A obra apresenta diferentes formas como as personagens femininas apresentam seus corpos. Segundo os estudos de Xavier (2006), e nas personagens analisadas é possível perceber o quanto eram exploradas pelo meio e isso, Aluísio Azevedo, detalha ao retratá-las, mostrando nas mesmas, animalidades, sejam elas submissas ou independentes, naturais ou antinaturais. Hoje é possível perceber que após muito tempo de silêncio, de sofrimento e de agressões sexuais essas atribuições equivocadas são reforçadas naquela sociedade da época.

Em compensação, todas as particularidades dos corpos singulares devem ser amenizadas até o desaparecimento e à conformidade a um modelo impessoal. [...] A mulher "tal como deve ser", principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência. A mulher decente não deve erguer a voz. O riso lhe é proibido. Ela se limitará a esboçar um sorriso. (MATOS; SOIHET, 2003, p. 15)

Pode-se dizer que o século XIX foi o auge para o controle corporal e emocional das mulheres, em que cada parte do corpo era vista como algo que indicasse o pecado/desejo carnal. Como afirma Del Priore (2011) Quer na filosofia, quer na moral ou na ética do período, a mulher era considerada um ninho de pecados.

A mulher não era vista como um ser humano igual aos homens, mas sem dúvida, um ser humano criado para ser um adereço aos homens, uma bolsa tiracolo que se usa quando quer e se talvez combinar com a ocasião. Levantando as indagações, como: Não saia só, não sorria, cubra-se, não se exalte, não, não e não. Apenas respire, o demais lhe direi o que fazer, basicamente era isso que queriam e passaram para as pobres mulheres da época.

Esse corpo, procedente dessa construção sociocultural inscrevem-se múltiplos discursos, alguns vindos dos universos médico, psicológico, biológico, artístico, entre outros, que não apenas dizem sobre esse corpo, mas que também o constituem, uma vez que os padrões são normalizados, sexualidade, reprodução, higiene.

A educação feminina tornava-se um ponto-chave para a medicina, pois através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. [...] Assim, as jovens não deveriam abusar das atividades intelectuais, canalizando suas energias para o perfeito desenvolvimento de suas faculdades reprodutoras (MATOS e SOIHET, 2003, p. 110 e 115).

O saber médico construía sobre aquelas mulheres um discurso, ligado apenas ao lar e ao maternal, em que um passo fora desse caminho era considerado como desviante, desqualificando a mulher para o ambiente social. O século XIX também foi marcado por colocar o homossexual ao nível do patológico, o qual também foi alvo de estudos clínicos, mas chega-se o momento em que o:

Ontem como hoje, no Brasil e em toda a parte, a homossexualidade era o espaço privilegiado da mistura social. Nesse pequeno mundo, como acontece entre outras minorias oprimidas, faz-se pouco caso das diferenças sociais: cada qual procura o seu prazer, sem preocupar-se com a posição social do outro. (DEL PRIORE, 2011, p. 70)

Quando finalmente surge posições diferentes sobre a homossexualidade, caracterizando seus corpos como uma identidade, nota-se na obra, as homossexuais, como Leónie, Pombinha e Florinda, não são maltratadas ou julgadas por isso. Aqui se apresenta apenas a visão geral posta pelo autor, que como um modo pejorativo, era comum morar em um cortiço e após, ser uma homossexual ou prostituta, é como se fizesse parte de um ciclo vicioso do determinismo.

1.3 A PERSONAGEM FEMÍNINA E O CORPO

A personagem evidencia o seu corpo, na qual, através das suas descrições, é possível formatar uma linha de personalidade e a opressão das relações de poder sobre esse corpo/personagem, denotando nas transformações e mutações que eles passam, sendo possível observar no texto literário a visão da sociedade da época acerca de personagens homossexuais, adúlteras, guerreiras, prostitutas e aquelas que mesmo livres trabalham como prisioneiras.

É nos seus corpos ou por meio da construção deles que visualizamos e analisamos os valores ideológicos existentes neles, por intermédio da descrição linguística dos narradores e personagens. Assim sendo, também nos é igualmente permitido observar aspectos referentes ao gênero e à sexualidade mediados na construção do texto literário (FERNANDES; SILVA, 2018.)

Diante disso, nos faz remeter a vertente de estudos de Xavier (2006) sobre a categorização desses corpos estereotipados, havendo o corpo: *disciplinados*, referindo-se as personagens submissas sendo aviltadas, e a dominação sobre suas vidas e corpos são vistos com naturalidade. O corpo *subalterno* é um corpo discriminado, servir é seu sinônimo, este é marcado pelas questões culturais que se reproduz através dos tempos. No corpo *refletido*, refere-se a um corpo espelho que reflete todo Meio em que vive, se tornando vítima da sociedade da época, seus ritos, tradições e etc.

O corpo *violento*, neste corpo faz-se a representatividade das mulheres guerreiras, sedentas por justiça e com uma trajetória de vida, acoplada em sofrimentos. Ao *degradado*, é associado ao meio e ao sexo, são mulheres que tentam se libertar das amarras da sociedade opressora, do determinismo, do meio, mas precocemente acabam apenas, sendo submetidas e dominadas, por estes e resultando no seu declínio contínuo. O corpo *envelhecido* é aquele que sofre uma marginalização tremenda, levando em consideração os padrões de beleza jovial, imposto pelo sistema, vistas sempre em segundo plano.

O corpo *erotizado* é apresentado como um objeto de desejo sexual, uma mulher independente, vivendo em sua amplitude de sensualidade. O corpo *liberado*, faz jus a categorização, pois transcende a independência da mulher erotizada e passa-se a viver uma vida cheia de novidades, possibilitando-a ser a protagonista de sua própria história, através de sua autonomia, libertando-se das amarras socioafetivas e vivendo sem repreensões.

Também é notório que os corpos dessas personagens agravam fatos de uniformização socioculturais, fazendo com que houvesse um silêncio para manter uma ideologia de uma mulher ideal, “para casar ou apenas para o sexo”, em que as personagens aqui descritas serão avaliadas a que tipo de opressão patriarcal ela sofrera, resultante na incansável reflexão de que quantas e quantas mulheres reais foram retratadas na obra.

Quantas Bertolezas, Ritas, Piedades, Pombinhas, Leónies, Florindas (Marcianas) Dona Estelas, vagam por aí procurando suas alforrias, sendo julgadas pelos seus corpos, maltratadas pelos próprios maridos, pondo sua fé em seus filhos como única esperança de uma vida melhor, com medo de libertar-se sexualmente e viver sua própria vida. Quantas não queriam ter a coragem e determinação de Leónie, ignorando possíveis pensamentos negativos e apenas viver da maneira que lhe agrada. Quantas não foram forçadas a sair de casa, pois não se sentiam mais seguras.

Será que é possível contar quantas Marcianas existem? guerreiras, capazes de varar os céus pelos cuidados aos seus filhos, e outras tantas que vivem em um casamento infeliz, pois são rejeitas pelo marido e vistas apenas como adereço ou capital e ainda pensam em o que a sociedade iria pensar de uma mulher como tal, separada. E mais tantas outras que aceitaram palmadas e outros assédios porque precisam de seus empregos. Não é preciso ir longe para encontrá-las, a cada esquina existe uma dessas personagens estereotipadas pelos seus corpos, sexo e opressão das relações de poder.

Isso porque, de acordo com Soares (2006), com o apoio da moral sexual institucionalizada, ela se encarrega de fortalecer e universalizar as ideias essencialistas, em detrimento das diferenças reais. Assim, enfrentar uma ideologia de gênero que vem a séculos sendo naturalizada é de fato desafiador, mas algumas dessas personagens conseguiram da sua maneira.

1. ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS E SUAS CATEGORIZAÇÕES CORPORAIS

Neste tópico, será abordado e exposta a ligação do corpo com a personagem e sua índole de maneira a exemplificar através de um mapeamento com citações da obra para comprovação da mesma. Cientes que o romance é narrado em terceira pessoa do singular, o qual também é onisciente, sendo conhecedor de todo o enredo e seguindo um tempo cronológico de fatos e acontecimentos de todos os personagens.

BERTOLEZA

Mulher negra com aparência de trinta anos e escravizada, mesmo estando supostamente livre, com uma falsa carta de alforria, submete-se e continua trabalhando como uma prisioneira para o companheiro João Romão. A vida do português João Romão não teria mudado para melhor e o cortiço não existiria sem o dinheiro e o trabalho de Bertoleza, os dois passaram a morar juntos, eram cúmplices, ela conhecia as falcatruas de seu homem.

E esse relacionamento era mantido, porque segundo o narrador, mulheres “cafuzas” não se submetem a homens negros e buscam homens com “raça superior” à sua. Então depois que esta ajudou o seu parceiro a enriquecer, ela foi sendo desprezada por João Romão que almejava ser da nobreza e ascender na escala social.

O próprio narrador fala da relação entre eles indiretamente, mencionando diversas vezes como “o amigo de Bertoleza”, nota-se então, que não é nada “sério” e sim, apenas um meio, um degrau, que o tal homem encontrou para chegar a aristocracia. “João Romão subia e ela ficava cá embaixo” (AZEVEDO, 2019; p. 134), notamos então a diferença de lugares que cada um deles ocupavam.

O seu corpo de Bertoleza, segundo Xavier (2006), traz uma opressão decorrente de toda a sua caminhada como escravizada e assim, ela não conhecia a existência de outra maneira de se viver, por mais que ela achasse que estava “livre”, vivia como uma prisioneira, de sol a sol, de domingo a domingo.

É um corpo submisso, então não era possível questionamentos, não questiona e continua sempre a mesma crioula, “[...] em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo, pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava rasteira.” (AZEVEDO, 2019, p. 134).

Bertoleza vem marcada por essa opressão até sua morte/suicídio, que carregado de dramaticidade, mostra a autoimolação causada por um ato de desespero e renúncia, pela qual ser limitada por sua condição histórica, resultou em silenciamento não só de corpo mais também de alma, silenciamento este, que percorria há séculos, pois mostrava-se aqui o papel de tantas mulheres negras que trabalharam incansavelmente, mas nada obtiveram.

A opressão que vem silenciando seu corpo físico, desde muito cedo. Xavier (2006) menciona que o corpo disciplinado pode haver momentos de indisciplina e nota-se isso, quando a crioula ouve e sente que Romão mudou e está agindo contra ela. Vide no Quadro 1 o Aspecto evidenciado “O corpo e a opressão das relações de poder”.

Quadro 1 - Bertoleza - síntese de algumas características corporais¹⁰

Aspectos evidenciados	Citação
Animalização	Sempre suja e tisonada, sempre sem domingos e dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos. (AZEVEDO, 2019; p.51)
Tom de pele	Bertoleza, de saias arrepanhadas no quadril, o cachaço grosso e negro, reluzindo de suor, ia e vinha de uma panela à outra, fazendo pratos [...] (AZEVEDO, 2019; p.37)
Ocupação	Bertoleza representava agora, ao lado de João Romão, o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para

¹⁰ Este e todos os quadros foram elaborados pela autora, com fins de facilitar a exploração de fragmentos da obra aqui analisados. Essa metodologia de análise foi baseada em Fernandes; Silva (2018).

	os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinjal aos fundos da venda. (AZEVEDO, 2019; p.9)
O Corpo e a opressão das relações de poder	Ah! agora não me enxergo! agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e aguentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia pra um tudo; agora não presta pra mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! assim também Deus não manda! Pois se aos cães velhos não se enxotam, por que me hão de pôr fora desta casa, em que meti muito suor do meu rosto?... (AZEVEDO, 2019; p.200)

Na trama a imagem de Bertoleza é representada de modo a mostrar as péssimas condições que ela vivia, não tinha vez nem voz, era inferiorizada, descrita como suja, fedorenta, feia, assemelhava-se a um animal, sempre submissa, ignorante e sem emoções. Tal negra era marcada pela exploração do trabalho. Trabalhava de domingo a domingo, sem guardar feriados ou dias santos. “Vide Quadro 1 em aspectos evidenciados Animalização”.

Vindo da escravidão, trazia marcas disso pelo sofrimento que carregava consigo. Era muito dedicada ao seu trabalho, e na realidade a tal mulher era apenas usada. Quando João Romão chega próximo do seu sonho de nobreza, Bertoleza passa a ser um peso, um “trambolho”, “preta fedorenta a cozinha e bodum de peixe” (AZEVEDO, 2019; p 139), agora era vista com repugnância “Maldita preta dos diabos” (AZEVEDO, 2019; p 176), ele não precisava mais dela e por isso agora procurava uma maneira que ela ‘sumisse’.

No fim da trama é quando se ouve a voz de Bertoleza, “Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos!” (AZEVEDO, 2019; p 199), posteriormente ela descobre a traição do seu amante e prefere tirar sua própria vida ao invés de voltar ao antigo cativo. E é neste momento que ela finalmente grita, sente-se livre e controla o seu corpo.

RITA BAIANA

É possível perceber que temos na “mulata” Rita Baiana a representação da personalidade brasileira e da nacionalidade, foi através dela que o autor mostrou a maioria dos costumes populares da época, a música, a dança, a comida e a bebida (o café e o parati), e atribuiu-lhe também inúmeras qualidades por ser “mulata”, não era comparada nem aos negros nem aos brancos, tinha características mais elevadas que as dos negros e inferiores aos brancos. “Vide Quadro 2 em aspecto evidenciando Beleza”. Era livre, bela, sensual, asseada, perfumada, alegre, independente, solidária, rebelde e querida

por todos do cortiço, tinha bons sentimentos, sabia cantar e dançar. Tudo isso foi lhe conferido pela naturalidade baiana.

Ao contrário de Bertoleza que não tinha dias santos nem feriados, o narrador diz que “Para Rita todos os dias são santos”, (AZEVEDO, 2019; p 36) e isso é tema de conversação para as lavadeiras “- Aquela não endireita mais!... Cada vez fica até mais assanhada!... Parece que tem fogo no rabo! Pode haver o serviço que houver, aparecendo pagode, vai tudo pro lado!” (AZEVEDO, 2019; p 36) o qual, podemos relacionar ao corpo erotizado seguindo o modelo de Xavier (2007).

Desta forma, excitando-lhe todos os sentidos, ela extravasa sua sexualidade, no amor e na dança e nesta dança, Rita desperta um desejo ardente em um português, chamado Jerônimo, que é casado com Piedade, a qual percebendo que seu homem perdera o encanto por ela, coloca a culpa em Rita.

Nota-se um machismo advindo da mulher de Jerônimo, levando a entender que a mulher é a culpada, pela mudança do esposo vindo de traição. Rita é representada como a mulher sedutora, a qual para a sociedade, era a mulher ideal para ser amante fugindo dos padrões da mulher ‘casadoura’. O europeu via na mulata uma espécie de desejo e objeto sexual,

O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes. (AZEVEDO, 2019; p. 153).

O que historicamente não era nenhuma novidade, a “mulata” era erotizada e essa preconceito estabelecido ganha força durante todo o século de XIX, como podemos ver em Del Priore, 2011; p. 55

No século XIX, surge também o culto à beleza da mulata. Alexandre Mello Moraes Filho, nacionalista e compilador da poesia brasileira, escreveu um poema em que se explicita a visão do homem branco sobre a mulata: seu orgulho, seu senso de superioridade frente às brancas ciumentas, seus atrativos e inclinações amorosas.

A “mulata” Rita, pode ser retratada e vista desta forma, pela sociedade da época, em especial, pelo homem branco, mas ainda assim é admirada pelos moradores do cortiço, pela sua liberdade e maneira de viver a vida. No entanto perde-se todo esse encanto de

mulher livre e com poderes sobre os homens, quando ela aceita ser submissa e casa. O que ela no início do romance, tem certa aversão:

Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai filha do meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo: pensa logo que a gente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu! (AZEVEDO, 2005, p.53).

Nesse trecho, nota-se como o estereotípico interfere na construção da sua própria identidade, nos levando a reflexão que: Será que ela pensava dessa forma, por já ser tratada assim, um alguém apenas para o deleite sexual, sem perspectivas futuras?

O autor Aluíso Azevedo, traz também a esta personagem um grau elevado de sinestesia para a caracterização corporal, vejamos:

Quadro 2 - Rita Baiana - síntese de algumas características corporais

Aspectos evidenciado	Citação
Sexualidade	Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, (...). E viu Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. (...) Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como uma sofreguidão de gozo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. (AZEVEDO, 2019, p. 67).
Beleza	No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjeriço e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. (AZEVEDO, 2019, p. 52).
Animalização	Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, [...]. (AZEVEDO, 2019, p. 68).
Tom de pele	Mas Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada de baunilha, que lhe entontecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração. (AZEVEDO, 2019, p. 69)

O Corpo e a opressão das relações de poder	Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. (AZEVEDO, 2019, p. 67)
---	---

Na obra ela possui voz própria e por ser uma “mulata” também é diferenciada dos brancos, recebe características como imoral, infiel, irresponsável, preguiçosa, de comportamento malicioso e perverso, dominado pelo desejo e estímulos sensoriais. Ela sempre é apresentada como uma mulher com ideias diferenciadas das demais, porém se transforma e agora vive em “pé de guerra” com Piedade, por causa de um homem e assim o narrador volta a mencionar sobre a raça superior: “Rita preferiu no europeu o macho de raça superior” retratando o quanto aquela sociedade estava visando e rotulando possíveis “raças”.

Até quando Rita dança para mostrar sua cultura é erotizada (Vide Quadro em aspecto evidenciado ‘O corpo e a opressão das relações de poder’) e nada mais se enxerga além de um corpo mulato a “rebolar” objetivando a sedução, mas Rita, como o próprio narrador diz, não guarda rancor, e tem uma visão muito acertada acerca do amor: “O homem, se quisesse voltar para junto da mulher, que voltasse! Ela não o prenderia, porque amor não era obrigado!” (AZEVEDO, 2019; p. 184).

Notamos então, que o julgamento do seu corpo erotizado, pela a sociedade machista não revela a personalidade, que a personagem tem de fato. Formulamos então um Corpo erotizado, de acordo com a perspectiva de Xavier (2006) devido ela viver a sua sexualidade independente de como a sociedade a enxerga, ela não precisa de aprovação e ainda podemos acrescentar mais uma categoria, a de o corpo Liberado que passa de apenas viver sua sexualidade livremente, para de fato viver livre.

PIEADADE DE JESUS

A típica mulher europeia, esposa decente e empenhada no trabalho, acaba se entregando a bebida depois que o marido Jerônimo, a troca por Rita Baiana. Daí tudo começa a se degradar na sua vida e como última consequência de suas atitudes erradas, Piedade foi expulsa do cortiço. Como Bertoleza, também apresenta traços

psicológicos. “Piedade merecia bem o seu homem, muito diligente, sadia, honesta, forte, bem acomodada com tudo e com todos, trabalhando de sol a sol. (AZEVEDO, 2019, p. 48).

O autor apresenta Piedade como uma boa submissa, e a identifica não pelo nome, mas por “Jerônimo e **sua mulher**” (AZEVEDO, 2019, p. 58, grifo nosso) mostrando ainda, o quanto ambos eram felizes, mesmo morando fora de sua pátria “dispostos a passar a tarde ao lado um do outro, tranquilamente, como sempre, comendo em boa paz o seu cozido à moda da terra e bebendo o seu quartilho de verde pela mesma infusa.” (Ibid)

No romance naturalista, Piedade é usada e rebaixada pelo homem que já tinha sido mudado pelo Meio, ele passa a dizer que ela cheira mal, depois de conhecer Rita Baiana. Agora seu cheiro o incomodava: “notou-lhe o cheiro azedo do corpo” (AZEVEDO, 2019, p. 71), “deves tomar banho todos os dias e... mudar de roupa...” (AZEVEDO, 2019, p. 83); Ele não mais a deseja: “Muito boa criatura, mas... [...] Não digo mal, mas confesso que não encontro nela umas tantas coisas que desejava...” (AZEVEDO, 2019, p. 142) “bodum azedo que ela punha de si, fez uma careta de nojo” (AZEVEDO, 2019, p.155) e encerra ‘lavando suas mãos’ “Tenho eu culpa de que sejas infeliz?...” (AZEVEDO, 2019, p. 183).

Piedade, porém, acha estranho aquele comportamento, e reage de outra forma:

Ela, porém, coitada! fora assentar-se à beira da cama, humilde e solicita, a suspirar, vivendo naquele instante, para e exclusivamente, para o seu homem, fazendo-se muito escrava dele, sem vontade própria, acompanhando-lhe os menores gestos com o olhar, inquieta, que nem um cão que, ao lado do dono, procura adivinhar-lhe as intenções. (AZEVEDO, 2019, p. 71)

Jerônimo mudou e queria que ela também mudasse, ela sofre diante de afirmações como essas, ditas acima, que já passam a ser rotineiras o que historicamente, segundo Del Priore (2011, p. 15) “Hábitos de higiene, hoje associados ao prazer físico, eram inexistentes. Entre os habitantes da América portuguesa, a sujeira esteve mais presente do que a limpeza”.

É possível analisar, justamente isso, a falta de higiene que os portugueses retratados na obra, tinham, mas quando o meio começa a entrar em suas vidas, isso muda.

Quadro 3 - Piedade - síntese de algumas características corporais

Aspectos evidenciado	Citação
Animalização	“E o mugido lúgubre daquela pobre criatura abandonada antepunha à rude agitação do cortiço uma nota lamentosa e tristonha de

	uma vaca chamando ao longe, perdida ao cair da noite num lugar desconhecido e agreste.” (AZEVEDO, 2019, p. 161)
Tom de pele	Figura avelhantada, de peles vazias, de cabelos sujos e encanecidos. (AZEVEDO, 2019, p. 181)
O Corpo e a opressão das relações de poder	Pobre mulher! chegara ao extremo dos extremos. Coitada! já não causava dó, causava repugnância e nojo. Apagaram-se-lhe os últimos vestígios do brio; vivia andrajosa, sem nenhum trato e sempre ébria, dessa embriaguez sombria e mórbida que se não dissipa nunca.(AZEVEDO, 2019, p. 205).

A trama de Piedade, Rita e Jerônimo, vai sendo traçada pela modificação que o Meio causou ao seu amado ‘Jeromo’ e não há nada que ela possa fazer, mesmo procurando métodos, como a bruxa (S^a Paula), personagem que tinha esse apelido por ler ‘a sorte nas cartas’ e faz algumas receitas para Piedade, nessa passagem, porém, seu destino não muda e ela apenas vai caindo e caindo.

Essa primeira mudança em Jerônimo foi causada pela mulata Rita Baiana que a primeira vista já a desejou. E o romance vai sendo escrito e relatando essa situação sempre com uma rivalidade entre Piedade X Rita, Brasil X Portugal e seus costumes.

Quando, finalmente, Jerônimo abandona Piedade. Ela durante um bom tempo, fica a sua espera, aflita e impaciente. E no tom animalesco da obra, o autor descreve sua dor (Vide na Quadro em aspecto evidenciado Animalização). Depois de muita procura e algumas informações, desencadeou a ideia que ele realmente lhe tinha abandonado e Rita iria se mudar brevemente, então, decidiu confronta-la: “Diga-me uma coisa, inquiriu aquela; você muda-se? A mulata não contava com semelhante pergunta, assim à queimadura; ficou calada sem achar o que responder. - Muda-se, não é verdade? insistiu a outra, fazendo-se vermelha” (AZEVEDO, 2019, p. 165), causando uma “rivalidade nacional” (AZEVEDO, 2019, p. 166).

“Piedade de Jesus, ia agora se moldando pelo Meio, já tomara um trago de parati” (AZEVEDO, 2019, p.180). Passeava aos domingos com sua filha de nove anos, já apelidada pelos os moradores do cortiço, de “Senhorinha” (Ibid). Depois de perder, o que ela considerava de alicerce na sua vida, seu marido, ela abre-se para ser contagiada pelo Meio, pelos costumes locais e posteriormente é arqueada ao vício de bebida alcoólica.

Piedade “encontrou-a a dançar ao som de palmas, gritos e risadas, no meio de uma grande troça, a saia levantada, os olhos requebrados, a pretender arremedar a Rita no seu choradinho da Bahia ” (AZEVEDO, 2019, p.189) de certo, chegara ao fundo do poço e a narração descreve esse momento: “Pobre mulher! chegara ao extremo dos extremos.

Coitada! já não causava dó, causava repugnância e nojo” (AZEVEDO, 2019, p. 205). (vide Quadro em aspecto evidenciado Corpo e a opressão da relação de poder)

Caracterizando-a ao corpo degradado, dos estudos de Xavier (2007), como já foi descrito em toda sua trajetória de aviltamento, mesmo procurando soluções, não consegue fugir de seu destino fatídico, e fica cada vez mais escravizada por tal, onde “homens malvados abusavam dela, muitos de uma vez, aproveitando-se da quase completa inconsciência da infeliz.” (AZEVEDO, 2019, p. 205)

Se mantém com as esmolas que pombinha lhe passara, até não “cabem” mais no cortiço e ser refugiada no Cabeça-de-Gato, lugar que assemelhava-se ao antigo cortiço, mostrando que ao contrário das outras personagens, Piedade não progrediu, apenas regrediu ao extremo.

POMBINHA

Moça discreta, que encontrou na prostituição um meio de vida e de liberdade. Dona Izabel, sua mãe era viúva e lavadeira, esperava que o casamento da filha a tira-se definitivamente do cortiço, o que de fato a tirou, no entanto não definitivamente, pois Pombinha por fim decidiu escolher seu caminho, em que Leônia, prostituta de luxo, teve sua parcela de influência e daí então se tornaram companheiras. Em suma, transforma-se em prostituta e lésbica.

Seguindo os estudos de Xavier (2006), Pombinha se caracterizara no Corpo Liberado, onde é possível encontrar vários marcos na sua trajetória de tentativas de se liberar, de sair do Meio, de não seguir o determinismo, o primeiro momento é a sua puberdade, o segundo, são suas análises em relação ao poder que a mulher exercia sobre o homem e o terceiro, é que enfim, ela deixa sua mãe e desaparece decidida a seguir sua própria vida, sua sexualidade e sua proeminência.

O Cortiço apresenta o papel da mulher na literatura, em especial aqui, a personagem Pombinha, com nome tão animalesco e simbólico, reconhecendo sua sensualidade e as suas representações na sociedade. Devido estarem inseridas em uma obra realista com viés naturalista, e este é um dos motivos por ela ser chamada de Pombinha, ou seja, a presença da zoomorfização.(...) “A serpente vence afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída meter-se na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta. (AZEVEDO, 2012.p.204)

As personagens são vistas num nível baixo, pois são comparadas a animais. Pombinha, era retratada como pura e considerada a “flor do cortiço”, já que era muito querida e ajudava a todos. Ela a princípio não tinha algo, que era motivo de muitas conversas para as lavadeiras, Pombinha ainda não era “moça”, e todos os dias alguém pairava perto de sua casa, para perguntar as novas. Mas ainda assim era noiva do João da Costa, que o conheceu nas aulas de dança.

Quadro 4 - Pombinha - síntese de algumas características corporais

Aspectos Evidenciado	Citação
Sexualidade	[...] nem que se de improviso lhe inflamassem os desejos, precipitou -se lá de cima agitando as asas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuriosamente entorno da imensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados. E a donzela, sempre que a borboleta se aproximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe ascendia, gota a gota, todo o seu sangue de moça (AZEVEDO, 2019, p. 123)
Beleza	A filha era a flor do cortiço. Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermicha e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente. (AZEVEDO, 2019, p. 32)
Animalização	Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. (AZEVEDO, 2012, p. 205)
Tom de pele	Entretanto, notava que, em volta da sua nudez alourada pela luz, iam-se formando ondulantes camadas sangüíneas, que se agitavam, desprendendo aromas de flor. (AZEVEDO, 2019, p. 123)
O Corpo e a opressão das relações de poder	Pombinha desapareceu da casa da mãe. Dona Isabel quase morre de desgosto. Para onde teria ido a filha?... “Onde está? onde não está? Procura daqui! procura daí!” Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie. (AZEVEDO, 2019, p. 204)

Pombinha era cobiçada pela cocote Leónie, o autor retrata na sua obra o abuso sexual por Leónie, um alguém de confiança da Dona Isabel. Leónie sempre teve imenso carinho público por pombinha. Em uma visita de domingo, enquanto a mãe descansava, Leónie aproveita a oportunidade a sós. Há, na obra, a exposição detalhada de uma experiência homossexual:

Bem! Agora estavam perfeitamente a sós! - Vem cá, minha flor! ... disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais! ... Estou louca por ti! E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua

simplicidade, não podia saber qual era. (...) Até que, com um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo, ganindo ligeiros gritos, secos, curtos, muito agudos, e afinal desabou para o lado, exânime, inerte, os membros atirados num abandono de bêbedo, soltando de instante a instante um soluço estrangulado. (AZEVEDO, 2019, p. 118)

A partir daí é possível acompanhar a transformação de Pombinha que começa nesse momento em que é abusada; na sequência ela finalmente fica menstruada, é narrado um momento encantador, com fantasias sensuais, a qual, a cor vermelha reinava e os aromas de flores pelo ar:

E, rodando o olhar, percebeu, cheia de encantos, que se achava deitada entre pétalas gigantescas, no regaço de uma rosa interminável [...] A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegre as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo. (AZEVEDO, 2019, p. 123 - 124)

Foi motivo de muita alegria para as lavadeiras e principalmente para a mãe, que só a daria em casamento quando ela pudesse gerar um filho, e assim também, é motivo de comemoração, o que se estabelece um conflito entre a liberdade de se exercer a sexualidade livremente e a disciplina ao corpo da mulher para casar e é neste aspecto que Pombinha não aceita as imposições dessa disciplina sobre seu corpo. Mesmo casando por amor à sua mãe e não ao homem, não se manteve nele.

Mas antes de casar-se, fez uma carta, como era de costume, uma carta de Bruno para Leocádia, o que lhe fez refletir sobre o sexo feminino e o seu poder “Que estranho poder era esse, que a mulher exercia sobre eles, a tal ponto, que os infelizes, carregados de desonra e de ludíbrio, ainda vinham covardes e suplicantes mendigar-lhe o perdão pelo mal que ela lhes fizera?...” (AZEVEDO, 2019, p. 129)

Também analisou a respeito da vantagem da prostituição, a qual Léonie apresentara.

Compreendeu como era que certos velhos respeitáveis, cujas fotografias Léonie lhe mostrara no dia que passaram juntas, deixavam-se vilmente cavalgar pela loureira, cativos e submissos, pagando a escravidão com a honra, os bens, e até com a própria vida, se a prostituta, depois de os ter esgotado, fechava-lhes o corpo. E continuou a sorrir, desvanecida na sua superioridade sobre esse outro sexo, vaidoso e fanfarrão, que se julgava senhor e que no entanto fora posto no mundo simplesmente para servir ao feminino; escravo ridículo que, para gozar um pouco, precisava tirar da sua mesma ilusão a substância do seu gozo; ao passo que a mulher, a senhora, a dona dele, ia tranquilamente desfrutando o seu império,

endeusada e querida, prodigalizando martírios, que os miseráveis aceitavam contritos, a beijar os pés que os deprimiam e as implacáveis mãos que os estrangulavam. - Ah! homens! homens!... sussurrou ela de envolta com um suspiro. (AZEVEDO, 2019, p. 129)

Diante de todas essas reflexões, ela passa a avaliar os comportamentos de “machos e fêmeas” do cortiço, e chega à conclusão de antemão que:

Pressentiu que nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida; que nunca lhe votaria entusiasmo, e por conseguinte nunca lhe teria amor; desse de que ela se sentia capaz de amar alguém, se na terra houvera homens dignos disso (...) E não obstante, até então, aquele matrimônio era o seu sonho dourado. Pois agora, nas vésperas de obtê-lo, sentia repugnância em dar-se ao noivo, e, se não fora a mãe, seria muito capaz de dissolver o ajuste. (AZEVEDO, 2019, p. 130)

Casou então com seu noivo Costa, porém não vive feliz e começa a traí-lo, como ela presumira não se conteria naquela vida de casada e após a descoberta da traição, “já não podia suportar o marido” (AZEVEDO, 2019, p. 203) o seu marido a abandona. Sua mãe até tenta, mais uma vez, colocar sua filha nos eixos declarando que se responsabiliza por ela e que ele deveria voltar. Mas Pombinha, tinha outros planos já elaborados. Ela se junta a Léonie e segundo o narrador, dominam todos os prostíbulos da região e assim, também se torna uma prostituta. (vide Quadro em Animalização).

Dona Isabel, mãe de Pombinha, continuou a ser sustentada, mas pelo ganho da prostituição e Pombinha ainda ajudava Piedade, “a cuja filha, sua protegida predileta, votava agora, por sua vez, uma simpatia toda especial, idêntica à que noutra tempo inspirara ela própria à Léonie.” (AZEVEDO, 2019, p. 205) e a narração segue com a seguinte frase: “A cadeia continuava e continuaria interminavelmente” (AZEVEDO, 2019, p. 205), pois seguia-se a lógica do determinismo social, pretendendo demonstrar que o indivíduo se torna cada vez mais elementar a ruptura de algo já determinado, em que é fruto do meio em que vive.

LEÓNIE

Leónie era uma mulher de luxo e muito glamour, sempre muito bem vestida e cheia de extravagância “com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras”. (AZEVEDO, 2019, p. 92) ela traz consigo um exemplo de liberdade feminina, de

autossuficiência. Ela sim é protagonista da sua própria história, não há em quem se esconder, ela é independente e admirada por isso.

Ela é explicitamente a retratação do corpo Liberado de Xavier (2006), alguém da alta sociedade, mas que não se importa sobre o que vão pensar dela, não se importa com possíveis julgamentos, como veremos na citação, vide tabela em 'o corpo e a opressão da relação de poder', ela não se aprisiona nas amarras culturais existentes na época, apesar que o narrador não cita nenhum tipo de discriminação para com ela, pelo contrário, mostra-se bem-apegoada, amiga de todos, e traz aquele ar, não de estranheza, mas de admiração pelas suas roupas e comportamentos.

Apresenta-se liberado para mostrar o fato que no século XIX, no Brasil existia o sexismo muito intenso, pois como foi dito, não é levantado nenhuma questão de discriminação pela a personagem ser lésbica, porque era como que sua posição social, escondesse isso, já que no cortiço havia apenas pessoas em classe social baixa e ser lésbica ou não, era o que menos importava, diante de tanta exuberância e exacerbação de gastos com eles. (vide quadro em Tom de pele)

Quadro 5 - Léonie - síntese de algumas características corporais

Aspectos Evidenciado	Citação
Sexualidade	Depois, como que distraidamente, começou a desabotoar-lhe o corpinho do vestido. - Não! Para quê!... Não quero despir-me... - Mas faz tanto calor... Põe-te a gosto... - Estou bem assim. Não quero! - Que tolíce a tua...! Não vês que sou mulher, tolinha?... De que tens medo?... Olha! Vou dar exemplo! E, num relance, desfez-se da roupa, e prosseguiu na campanha. (AZEVEDO, 2019, p. 118)
Beleza	Léonie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as suas lavas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com grande cabo cheio de arabescos extravagantes; o seu pantafaçudo chapéu de imensas abas forradas de velado escarlata, com um pássaro inteiro grudado à copa; as suas jóias caprichosas, cintilantes de pedras finas; os seus lábios pintados de carmim; suas pálpebras tingidas de violeta; o seu cabelo artificialmente louro; (AZEVEDO, 2019, p. 92)
Animalização	Léonie saltara para junto dela e pôs-se a beijar-lhe, à força. os ouvidos e o pescoço, fazendo se muito humilde, adulando-a, comprometendo-se a ser sua escrava, e obedecer-lhe como um cachorrinho, contanto que aquela tirana não se fosse assim zangada. (AZEVEDO, 2019, p. 120)
Tom de pele	E aquelas mulheres, aliás tão alegres e vivazes, não se animavam, defronte dela, a rir nem levantar a voz, e conversavam a medo cochichando, a tapar a boca com a mão, tolhidas de respeito pela cocote, que as dominava na sua

	sobranceria de mulher loura vestida de seda e coberta de brilhantes. (AZEVEDO, 2019, p. 94)
O Corpo e a opressão das relações de poder	Prostituta de casa aberta, prezava todavia com admiração e respeito a honestidade vulgar da comadre; sentia-se honrada com a sua estima; cobria-a de obséquios de toda a espécie. Nos instantes que estava ali, entre aqueles seus amigos simplórios, que a matariam de ridículo em qualquer outro lugar, nem ela parecia a mesma, pois até os olhos lhe mudavam de expressão. E não queria preferências: assentava-se no primeiro banco, bebia água pela caneca de folha, tomava ao colo o pequenito da comadre e, às vezes, descalçava os sapatos para enfiar os chinelos velhos que encontrasse debaixo da cama. (AZEVEDO, 2019, p. 93)

Em uma visita ao cortiço, a cocote vai logo perguntando por Pombinha que, no entanto, tinha saído com sua mãe, D. Isabel, então a prostituta faz algumas perguntas sobre ela, curiosidades, mostrando-se cada vez mais interessada:

– E a Pombinha?... – perguntou a visita. – Não me apareceu ainda!... – Ah! – esclareceu Augusta. – Não está aí, foi à sociedade de dança com a mãe. E, como a outra mostrasse na cara não ter compreendido, explicou que a filha de D. Isabel ia todas as terças, quintas e sábados, mediante dois mil-réis por cada noite, servir de dama numa sociedade em que os caixeiros do comércio aprendiam a dançar. – Foi lá que ela conheceu o Costa... – acrescentou. – Que Costa? – O noivo! Então a Pombinha já não foi pedida? – Ah, sei... E a cocote perguntou depois, abafando a voz: – E aquilo?... Já veio afinal?... – Qual! Não é por falta de boa vontade da parte delas, coitada! (AZEVEDO, 2019, p. 94).

Quando finalmente, Pombinha e sua mãe chegam na estalagem, a pequena é recebida com muito apreço e nota-se um interesse a florado por parte da cocote, um interesse mais que amigável, após este momento saudoso de ambas, Léonie as convida para uma visita, parecia ter-lhe pressa, sede por algo, mas Dona Isabel adia para o domingo subsequente. Já em sua casa:

[...] e assentou-se ao lado da menina, bem juntinho uma da outra, tomando-lhe as mãos, [...] e pedindo-lhe beijos, que saboreava gemendo, de olhos fechados. “[...] sem se descuidar um instante da rapariga, tinha para ela extremas solitudes de namorado; levava-lhe a comida à boca, bebia do seu copo, apertava-lhe os dedos por debaixo da mesa (AZEVEDO, 2019, p. 117-118).

Porém, nada se notava entre as personagens, que pudesse ser algo além da cordialidade desta, assim, D. Isabel se sentia à vontade para descansar ali mesmo e deixar sua filha a sós com a prostituta, foi então que Léonie, esvaziou os seus desejos e reais anseios pela menina, numa experiência homoerótica entre as personagens Pombinha e Léonie.

Mesmo a menina entre soluços, choros e alegando que não queria, como vimos na tabela em 'sexualidade', ela continuava a insistir, tentando convencê-la que aquilo era uma bobagem. Isto deveras marcou a vida de Pombinha, porém em um de seus marcos de libertação, ela está junto com Léonie a então libertadora de Pombinha. Ela é o início da transformação e posteriormente o clímax/fim. Ambas acabam juntas e inseparáveis.

MARCIANA E SUA FILHA FLORINDA

Mãe e filha são lavadeiras no cortiço. Marciana enlouquece depois que Florinda engravida de um balconista da loja de João Romão. Marciana é uma "mulata" respeitável e obcecada pela limpeza de sua casa. Florinda é uma morena bonita, é cobiçada por seus atributos físicos e por ser virgem, era constantemente assediada. No entanto Florinda engravida e deixa sua mãe louca e isso a leva para a morte.

Assim, Marciana e Florinda apresentam caracterização de corpos diferentes uma da outra. Segundo Xavier (2006), nota-se na mãe uma característica própria desta opressão do ponto de vista retratado na obra, corpo violento, advindo de uma trajetória de sofrimento, mãe solteira, mas com uma sede de justiça, uma mulher guerreira.

Já Florinda, assemelhando-se a Rita, é manifesto um corpo erotizado, a qual é assediada e culpada. Quando engravida, decide fugir e dirigir sua vida, quando a obra cita seu nome novamente, ela está bem e vive exitosa da sua sensualidade, o erotismo estava presente na sua vida desde menina e agora permeava na sua vida adulta. (vide Quadro em 'O corpo e a opressão da relação de poder'). A hipersensualidade aqui está ligada não só ao corpo, mais também a cor, com o objetivo de mostrar um discurso ligado ao erotismo e a coisificação da mulher negra.

Quadro 6 - Marciana e Florinda - síntese de algumas características corporais

Aspectos evidenciado	Citação	Contexto (Quem disse a quem?)
Sexualidade	Em lhe apanhando o mau humor, punha-se logo a espanar, a varrer febrilmente e, quando a raiva era grande, corria a buscar um balde de água e descarregava-o com fúria pelo chão da sala. A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. (AZEVEDO,2019, p. 32).	Narrador – personagem - Marciana
Beleza	A Florinda, alegre, perfeitamente bem com o rigor do sol, a rebolar sem fadigas, assoviava os chorados e lundus que se tocavam na estalagem. (AZEVEDO, 2019, p. 40)	Narrador – personagem - Florinda

Animalização	Não pregou olho durante toda a noite; saíra e entrara na estalagem mais de vinte vezes, irrequieta, ululando, como uma cadela a quem roubaram o cachorrinho. (AZEVEDO, 2019, p. 105)	Narrador – personagem - Marciana
Tom de pele	A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. (AZEVEDO, 2019, p. 32)	Narrador – personagem - Florinda
O Corpo e a opressão das relações de poder	O vendeiro, ao passar por detrás da Florinda, que no momento apanhava roupa do chão, ferrou-lhe uma palmada na parte do corpo então mais em evidência. – Não bula, hein? ... gritou ela, rápido, erguendo-se tesa. E, dando com João Romão: – Eu logo vi. Leva implicando aqui com a gente e depois, vai-se comprar na venda, o safado rouba no peso! Diabo do galego! Eu não te quero, sabe? (Azevedo, 2019, p. 40).	Narrador – personagem - Florinda

Marciana era uma mulher forte, com a notícia de sua filha grávida, sendo ela menor de idade, procurou todos os meios de justiça e todo o cortiço estava do seu lado, ao encontrar com o Domingos responsável por engravidar a jovem, ele alega que não casa e as lavadeiras que estava ali em apoio, soltam um urro de reprovação e indagações, mas de nada adianta, Marciana e sua filha são enganadas. Ela não desiste e procura os meios legais, o que aflora uma catarse muito grande em relação a personagem Marciana e sua figura materna.

Marciana foi com a pequena à procura do subdelegado e voltou aborrecida, porque lhe disseram que nada se poderia fazer enquanto não aparecesse o delinqüente. Mãe e filha passaram todo esse sábado na rua, numa roda-viva, da secretaria e das estações de polícia para o escritório de advogados que, um por um, lhes perguntavam de quanto dispunham para gastar com o processo, despachando-as, sem mais considerações, logo que se inteiravam da escassez de recursos de ambas as partes. (AZEVEDO, 2019, p.99)

Essa opressão era pesada demais, Florinda não suportou e fugiu, o que a conduziu à prostituição, sua mãe sofreu com o fato e o narrador escreve de modo animalesco (vide Quadro em ‘Animalização’) e tudo começa a desmoronar em sua vida, foi despejada, presa e já não protestava mais, posteriormente é sabido que ela foi parar no hospício e lá mesmo, veio a falecer.

Quando finalmente Florinda é vista, fala sobre seu aborto e que está “amigada”. Voltando à Avenida São Romão, ela mantenha sua casa sempre limpa, assim como sua mãe e segue o exemplo e traços da amiga Rita Baiana.

DONA ESTELA

Dona Estela, mulher rica, casada com Miranda, mercante português que apreciava, na realidade, o seu destaque na sociedade burguesa e que se casou, pelo dote, viviam numa relação de altibaixos e não sabia se era mesmo, de fato, o pai de sua filha, Zulmirinha.

Quadro 7 - Dona Estela - síntese de algumas características corporais

Aspectos Evidenciado	Citação
Sexualidade	Botelho [...] recolhendo-se à casa incomodado, em hora que não era do seu costume, ouviu, ao passar pelo quintal, sussurros de vozes abafadas que pareciam vir de um canto afogado de verdura, onde em geral não ia ninguém. Encaminhou-se para lá em bicos de pés e, sem ser percebido, descobriu Estela entalada entre o muro e o Henrique. Deixou-se ficar espiando, sem tugar nem mugir, e, só quando os dois se separaram, foi que ele se mostrou. (AZEVEDO, 2019, p. 26)
Animalização	Descobriu-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca lhe sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação de animal no cio. (AZEVEDO, 2019, p. 13)
Tom de pele	Dona Estela, coitada! é que se precipitava, a passos de granadeiro, para a velhice, a despeito da resistência com que se rendia; tinha já dois dentes postiços, pintava o cabelo, e dos cantos da boca duas rugas serpenteavam-lhe pelo queixo abaixo, desfazendo-lhe a primitiva graça maliciosa dos lábios; ainda assim, porém, conservava o pescoço branco, liso e grosso, e os seus braços não desmereciam dos antigos. (AZEVEDO, 2019, p. 138).
O Corpo e a opressão das relações de poder	- Uma mulher naquelas condições, dizia ele convicto, representa nada menos que o capital, e um capital em caso nenhum a gente despreza! Agora, você o que devia era nunca chegar-se para ela... - Ora! explicava o marido. Eu me sirvo dela como quem se serve de uma escarradeira! O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher [...] (AZEVEDO, 2019, p. 25-26)

Preso pela sociedade que julgava mulheres separadas, ela tinha que aturar aquele homem, então que fosse da sua forma.

Dessa maneira, formulando O corpo refletido, onde sua preocupação também estava no *status*, que era apenas com a elite, já que todo cortiço sabia de suas infidelidades. O Corpo refletido aceita a situação em prol do que a sociedade burguesa poderia pensar, se tornando vítima, sem perceber, da manipulação de paradigmas e assim, aceita e se submete fielmente, vivendo um drama de infelicidade.

- Juro-lhe, porém, que, se consinto que o Miranda se chegue às vezes para mim, é porque entendo que paga mais à pena ceder do que puxar discussão com uma besta daquela ordem! (AZEVEDO, 2019, p. 26)

Seguindo assim, um ideal de vida preestabelecido na sociedade do século XIX, resultando como desfecho deste processo de aviltamento, por parte da sociedade e do marido, (vide tabela em O corpo e a opressão das relações de poder), uma desconstrução da própria identidade, que reflete automaticamente no corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi trabalhado no decorrer de todo esse trabalho, mostrando a visão da obra e a análise corporal das personagens aqui selecionadas, foi perceptível que em sua maioria as personagens, viviam as custas e nas sombras de seus homens ou algum familiar, até procurarem um meio de se satisfazerem emocionalmente e sexualmente, posteriormente sendo julgadas por aquilo, seja por adultério, prostituição ou simplesmente pelo desejo de serem livres.

Esse processo de analisar corpos, assim como Xavier (2007) trata que é possível se envolver, conhecer os valores e crenças próprios daquela sociedade responsáveis pela produção daquele corpo. Nos leva a conhecer o século de XIX e suas particularidades, costumes culturais e sociais o que enseja a nossa atualidade. Foi utilizado Xavier (2006) como cerne para categorização de cada corpo, o qual, podemos apresentar de modo sumarizado a classificação de cada personagem:

Quadro 8 - Classificação do Corpo das personagens, conforme Xavier (2006)

Personagens	Tipo (s) de corpo classificado
Bertoleza	Disciplinado
Rita	Erotizado e Liberado
Piedade	Degradado
Pombinha	Liberado
Leónie	Liberado
Marciana	Violento
Florinda	Erotizado
Dona Estela	Refletido

Os demais estudos aqui citados serviram de auxílio para formação crítica da sociedade, e assim foi possível traçar suas personalidades e como isso era refletido nos seus corpos, a exploração da força de trabalho e do corpo dessas mulheres é posta de maneira a verificar as marcas de opressão e com o objetivo ainda de expor as personagens femininas silenciadas para serem vistas como o autor concordava, diferente das

personagens masculinas, essas mulheres de papel carregam um peso maior na idéia decadentista de que são fruto do ambiente, da raça e do clima. Tudo fica explícito na subalternização e erotização de seus corpos. De Bertoleza a Pombinha, as personagens femininas d'O cortiço refletem, por um lado uma postura individualizada e firme e por outro todo peso do patriarcado no julgamento que o narrador faz de suas atitudes e desejos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.

CANDIDO, Antonio. **De cortiço a cortiço**. In: O discurso e a cidade. 3. Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. IN: __. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011.254p.

FERNANDES, C. E. A.; SILVA, M. R. O corpo como instância de convencionalização de personagens travestis na narrativa brasileira. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, v. 24, n. 1, p. 52-64, 12 jan. 2018.

MATOS, Maria Izilda S. De, e SOIHET, Rachel (org.). 2003. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp. 221 pp.

SILVA, Edna; MENEZES, Estera. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

SOARES, Angelica. **Adélia Soares: questões ideológicas de gênero no memorialismo de Bagagem**. In.: SILVA, A. P. D. (org) Gênero em questão – ensaios de literatura e outros discursos. Campina Grande: EDUEPB, 2006, p. 21 – 37.

Xavier, Elódia. **Representação do corpo: uma tipologia**. In.: SILVA, A. P. D. (org) Gênero em questão – ensaios de literatura e outros discursos. Campina Grande: EDUEPB, 2006, p. 313 – 321.



Capítulo 5
ENTRELUGAR DA LITERATURA INFANTIL NA
POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO:
DESVELANDO INTENCIONALIDADES

Adna Jesus Chaves
Cecilia Maria Mourão Carvalho
Madielle Figueiredo Da Silva
Raine Oliveira Silva

ENTRELUGAR DA LITERATURA INFANTIL NA POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO: DESVELANDO INTENCIONALIDADES

Adna Jesus Chaves

Pedagoga, Professora da Educação Básica em Teixeira de Freitas. Egressa da Universidade do Estado da Bahia – Uneb - Campus X. E-mail: adna2016chaves@gmail.com

Cecilia Maria Mourão Carvalho

Mestra em Educação e Contemporaneidade, pedagoga, especialista em Supervisão Escolar e Educação Infantil. Professora na Universidade do Estado da Bahia, Campus X. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL. Coordenadora Pedagógica em Mucuri BA. E-mail: cmourao@uneb.br

Madielle Figueiredo Da Silva

Pedagoga, Professora da Educação Básica em Teixeira de Freitas. Egressa da Universidade do Estado da Bahia – Uneb - Campus X. E-mail: madielle0303@gmail.com

Raine Oliveira Silva

Pedagoga, Professora Auxiliar da Educação Básica em Teixeira de Freitas. Egressa da Universidade do Estado da Bahia – Uneb - Campus X. E-mail: oliveiraraine162@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar o lugar da literatura infantil na Política Nacional de Alfabetização - PNA (2019). Partiu-se da seguinte questão norteadora: Sendo a literatura infantil um elemento importante no processo de formação leitora/escritora das crianças, qual lugar ocupa na Política Nacional de Alfabetização (2019)? O percurso metodológico trilhado visou atender às demandas da pesquisa que é de caráter bibliográfico e documental com abordagem qualitativa e exploratória. Os referenciais teóricos que sustentam a discussão dessa temática são Coelho (2000), Cosson (2009), Freire (1992), Mortatti (2019), Soares (2004; 2018), Kleiman (1995), Ramalhete (2020) dentre outros. Os resultados da pesquisa apontam que, no bojo da atual Política Nacional de alfabetização, a literatura infantil ocupa um lugar bastante periférico de forma que não atende aos objetivos traçados, ignora as

práticas de letramento, dificultando e negando, às crianças das camadas populares, oportunidades de vivenciarem experiências literárias que viabilizem e enriqueçam o ato de aprender a ler e escrever nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Política Nacional de Alfabetização; Programa Conta pra mim; Alfabetização/Letramento.

ABSTRACT

The present work aimed to analyze the place of children's literature in the National Literacy Policy - PNA (2019). The starting point was the following guiding question: Since children's literature is an important element in the process of training children to read/write, what place does it occupy in the National Literacy Policy (2019)? The methodological route taken was aimed at meeting the demands of the research, which is bibliographical and documentary in nature with a qualitative and exploratory approach. The theoretical references that support the discussion of this theme are Coelho (2000), Cosson (2009), Freire (1992), Mortatti (2019), Soares (2004; 2018), Kleiman (1995), Ramallete (2020) among others. The results of the research show that, in the midst of the current National Literacy Policy, children's literature occupies a very peripheral place in a way that does not meet the objectives outlined, ignores literacy practices, making it difficult and denying opportunities for children from the lower classes. to experience literary experiences that enable and enrich the act of learning to read and write in the early years of elementary school.

Keywords: Children's Literature; National Literacy Policy; Tell Me Program; Literacy/Literacy.

1 INTRODUÇÃO

A função social da literatura é facilitar ao homem compreender e assim emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo. (CALDIN, 2003, p. 51)

A sociedade modificou-se ao longo dos anos e tais mudanças afetaram diretamente o sistema educacional e como a criança tem sido vista pelo mesmo. No atual ordenamento jurídico brasileiro, a criança é reconhecida como sujeito de direitos, dentre eles: o direito à educação de qualidade social para todas.

Nesse contexto de transformações sociais, a literatura passou a ser percebida como direito, destinada a todos os públicos, inclusive infantil, constituindo um importante elemento formativo e condição indispensável ao processo de alfabetização e letramento

das crianças, devido ao expressivo papel exercido na formação cidadã e reflexiva dos sujeitos sociais. (SOARES, 2018, 2020; FREIRE, 1992; KLEIMAN, 1995; COSSON, 2009).

Os currículos e as políticas de alfabetização e letramento, iniciaram o reconhecimento da literatura como direito, incorporando aos programas destinados às escolas públicas, além dos livros didáticos, acervos de obras literárias, a serem utilizados em todas as etapas da Educação Básica. Logo, a literatura infantil, ao ser contemplada pelas políticas públicas da educação que promovem a democratização do acesso ao livro e à leitura, torna-se elemento formativo presente no cotidiano das escolas e nas salas de aula.

As políticas públicas são emanadas do Estado para assegurarem o direito à cidadania a todos os brasileiros/as, embora não sejam de iniciativa exclusiva dos governantes, pois há também intervenções de grupos sociais, movimentos e instituições. Dessa forma, é essencial refletir sobre os reais interesses que uma política revela à sociedade, pensar se esses interesses estão de fato a favor da coletividade ou atrelados a grupos empresariais com fins majoritariamente econômicos. Acreditamos que seja necessário também refletir sobre o contexto social e econômico no qual essa política foi pensada e implementada.

A partir dessas considerações iniciais, situamos este trabalho, que tem como objetivo analisar o lugar da literatura infantil na Política Nacional de Alfabetização - PNA (2019) e no Programa “Conta pra mim”, na perspectiva da formação leitora/escritora das crianças. O percurso metodológico trilhado segue a abordagem qualitativa e as perspectivas bibliográficas e documental.

Na medida em que se discute a temática em questão, é necessário mencionar alguns marcos normativos do contexto das políticas públicas educacionais brasileiras, como a Constituição Federal de 1988 (CF 88), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB) e a Emenda Constitucional 59/2009 (EC 2009). Todos eles afirmam que a educação é um direito de todos e é dever do estado e da família, com o intuito de auxiliar no processo de desenvolvimento pleno do sujeito.

Saviani (2016), considera que uma das principais medidas em relação à política educacional, sequente à LDB, é o Plano Nacional de Educação (PNE). Assim, para destacar essa importância, aponta o caráter global e operacional do mesmo. O PNE em vigência foi sancionado pela Lei nº 13.005/2014 e determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional de 2014 a 2024. Dentre elas, a alfabetização ocupa lugar expressivo

(Metas 5 e 9), dessa forma, é pertinente analisar as políticas associadas ao alcance dessas metas.

No contexto de gestão do governo brasileiro (2019-2022) foi criada, na estrutura do Ministério da Educação (MEC), a Secretaria de Alfabetização (SEALF), por meio do Decreto N° 9.665, em 2 de janeiro de 2019, compondo o novo sistema organizacional do Ministério da Educação (MEC). Tal criação ocorre após dissolução da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), criada em 2004, por demanda dos movimentos sociais, o que consistiu num retrocesso na análise de vários coletivos de luta pelo direito à educação (TAFFAREL; CARVALHO, 2019).

A SEALF é composta por três diretorias, Alfabetização Baseada em Evidências – DABE, Suporte Estratégico à Alfabetização – DSEA e Desenvolvimento Curricular e Formação de Professores Alfabetizadores – DCFP. Portanto, entre as competências dessas diretorias estão o planejamento, bem como a orientação e a coordenação da implementação de políticas para alfabetização de crianças e adultos, dentre outras, como, a elaboração de programas voltados para a formação de professores alfabetizadores, além de programas que incentivem a leitura e escrita.

Entender essa estrutura organizacional da SEALF é fundamental para compreender o lugar da literatura infantil na política nacional de alfabetização. Para tanto, na primeira seção do trabalho, discutimos a Política Nacional de Alfabetização de 2019, em seguida o Programa Conta pra mim e as considerações finais.

2 A POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO DE 2019

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) foi instituída oficialmente pelo Decreto nº 9.765 em de 11 de abril de 2019, elaborada pelo Ministério da Educação. De acordo o documento da PNA (2019), seu objetivo é contribuir com a consecução das metas 5 e 9 do PNE (2014-2024) de maneira a elevar a qualidade da alfabetização no Brasil e diminuir o percentual de analfabetismo. Dessa forma, são contemplados como público alvo: crianças na primeira infância, alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, alunos da Educação Básica regular que apresentam níveis insatisfatórios de alfabetização, alunos da educação de jovens e adultos, jovens e adultos sem matrícula no ensino formal e alunos das modalidades especializadas de educação.

O documento justifica a importância da Política a partir dos resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA)¹¹ de 2016, que constatou que cerca de 54,73%, de mais de 2 milhões de alunos concluintes do 3º ano do ensino fundamental, apresentaram desempenho insuficiente no exame de proficiência em leitura, mostrando a grande quantidade de alunos com dificuldades no processo da alfabetização, que não distinguem as tipologias textuais e não escrevem de forma legível, apresentando dificuldades em compreender textos curtos e também na área de matemática.

De acordo com o documento, esse cenário de déficits no processo de aprendizagem dos alunos, afeta diretamente na trajetória escolar dos mesmos, trazendo consequências futuras como altas taxas de reprovação, distorção idade-série e evasão escolar.

A PNA (BRASIL, 2019) traça uma linha do tempo de marcos históricos e normativos relacionados ao direito à educação. Entre os marcos, está presente o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, que apresenta em suas metas, alfabetizar todas as crianças até o final do terceiro ano do ensino fundamental, elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir a taxa de analfabetismo funcional em 50%.

Em 2017, é homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma normativa para os currículos das escolas públicas e privadas que propõe conteúdos mínimos para cada etapa da escolarização, em que se espera que a criança seja alfabetizada no 1º e 2º ano do ensino fundamental, processo que será complementado por outro, a partir do 3º ano, denominado “ortografização”.

O documento da PNA (BRASIL, 2019) ressalta que a proposta da política é propor uma alfabetização baseada em evidências científicas. São destacados no documento os termos literacia e numeracia, além da menção às ciências cognitivas da leitura com ênfase no ensino de seis pilares para a alfabetização: a Consciência Fonêmica, a Instrução Fônica Sistemática, a Fluência em Leitura Oral, o Desenvolvimento de Vocabulário e a Compreensão de Textos e a Produção de Escrita. Tais pilares estão

¹¹ A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) é um dos instrumentos do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) criada em 2012 e realizada pela primeira vez no ano de 2013. Tem como propósito aferir os níveis de alfabetização e letramento em língua portuguesa, a alfabetização em matemática e as condições de oferta do ciclo de alfabetização das redes públicas. Passam pela avaliação todos os estudantes do terceiro ano do ensino fundamental matriculados nas escolas públicas no ano da aplicação.

Contidos no relatório do “National Reading Panel” (2000) e passaram a amparar os programas de alfabetização e serem indicados em vários países, de acordo com o documento da PNA.

A Política Nacional de Alfabetização (2019), na percepção de Gontijo (2019) valoriza as pesquisas baseadas em “evidências científicas” em detrimento das pesquisas qualitativas, no entanto “no que diz respeito às pesquisas científicas, a questão não é teórica e nem metodológica. A questão é política [...]” (GONTIJO, 2019, p. 33).

Na análise de Mortatti (2019), a Neurociência e a Ciência Cognitiva da Leitura como únicos fundamentos científicos da alfabetização constitui uma falsa premissa, já que não são capazes de explicar os problemas de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita “especialmente quando essa ciência é utilizada com finalidade de ocultação de interesses indistintamente ideológicos de um grupo político pretensamente neutro” (MORTATTI, 2019, p. 28).

Assim, o conceito de alfabetização é descrito como:

A palavra alfabetização é muitas vezes usada de modo impreciso, resultando confusão pedagógica e didática, dificuldade de diálogo entre as pessoas envolvidas na educação, além de desconhecimento para os pais, que muitas vezes acreditam que seus filhos foram alfabetizados, quando, na verdade, mal sabem ler palavras. A PNA, com base na ciência cognitiva da leitura, define alfabetização como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético. (BRASIL, 2019, p. 18)

Pode-se perceber que a definição de alfabetização é apresentada como o ensino das habilidades de leitura e de escrita. Nota-se que a PNA apresenta uma percepção reduzida de alfabetização, que não envolve o letramento, ou seja, o uso social da escrita e da leitura. De acordo com Soares (2009, p.118), o “Letramento pode ser considerado como o “resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Assim, Soares (2009) diferencia o sujeito letrado do alfabetizado, o alfabetizado consiste naquele que sabe ler e escrever, já o letrado é aquele que é capaz de utilizar a leitura e a escrita de acordo com as demandas da sociedade.

Ao discutir o analfabetismo, Paulo Freire considera-o “[...] uma das expressões concretas de uma realidade social injusta. Não é um problema estritamente linguístico nem exclusivamente pedagógico, metodológico, mas político, como a alfabetização por meio da qual se pretende superá-lo.” (FREIRE, 2001, p. 18)

A política propõe apenas uma perspectiva metodológica para alfabetização, ignorando a produção acadêmica das últimas décadas e trabalhos que têm sido desenvolvidos ao longo dos anos por professores alfabetizadores, como também as políticas elaboradas anteriormente. Ao desconsiderar o processo de aprendizagem de cada criança como ser singular, compreende-se que o sujeito não reflete sobre o sistema alfabético de escrita, apenas internaliza instruções, tornando esse processo mecânico.

Vê-se também que a PNA aposta no ensino da leitura e escrita com base em um único método – o Fônico – demonstrando uma visão reduzida do processo de ensinar a ler, dicotomizando o ensino da leitura e da escrita e trata literacia apenas dentro da família. Ainda que a ciência cognitiva venha ampliar caminhos para a escrita e a leitura, não se pode considerar apenas uma forma de ensinar como transparece no documento, um único método a ser utilizado, como já discutido por Soares (2018).

O documento da PNA (2019) apresenta os termos Literacia, Literacia Familiar e Numeracia. Segundo a PNA a “literacia é termo usado comumente em Portugal e em outros países lusófonos, equivalente a literacy do inglês e a littératie do francês”. Assim literacia é definido como:

o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática productiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades, empregando-as na aquisição, na transmissão e, por vezes, na produção do conhecimento. (MORAIS, 2014, apud BRASIL, 2019, p. 21)

A concepção de literacia familiar é destacada como práticas e experiências das crianças relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita no meio familiar, antes do ingresso no ensino formal. O documento da PNA relaciona o sucesso das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita às experiências vivenciadas no ambiente familiar vinculadas à linguagem, à leitura e à escrita.

Ao analisar a referida política, percebe-se que a literatura infantil é vista como elemento incipiente, sendo que essa contribui de forma determinante no processo de ensino e aprendizagem do leitor, de acordo com estudos de Coelho (2000) e Cosson (2009).

O termo letramento não é citado no documento, desconsiderando, dessa maneira, as várias pesquisas brasileiras sobre o processo de alfabetizar letrando, como manifesta Soares (2020). O mesmo é substituído por um novo conceito, a literacia, que de acordo

com a PNA (2019) se refere aos aspectos relacionados a habilidades de ler e escrever e ao exercício dessas habilidades de forma produtiva. Assim, sente-se a necessidade de entender o porquê desse novo termo literacia e por que não letramento. Para Ramalhete (2020a)

o uso desse termo no programa parece reduzir as práticas de leitura, oralidade e escrita às experiências do cotidiano. Além disso, vincado a uma ideia de ludicidade, brincadeira, despolitiza as práticas de leitura, apartando-as, destarte, de suas vertentes sociais, culturais, críticas, estéticas e políticas. (RAMALHETE, 2020a, p. 156)

Contribui para essa compreensão a afirmação de Silva et al. (2019), quando manifestam que o documento, como um produto de uma sociedade, expressa um jogo de força que sustenta um poder. Sendo assim, os documentos não são neutros, não são produções ingênuas, nesses escritos estão a leitura e também valores interpretativos de um dado grupo de sujeitos, de um determinado tempo e espaço.

Analizou-se que, no decorrer do documento, o termo Literacia aparece 73 vezes, portanto, é pertinente refletir sobre o apagamento do termo letramento, pois esse conceito já faz parte do cotidiano das escolas, decorrente das diversas pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil, e das diversas formações do MEC para professores alfabetizadores. Além disso, termo Literacia abordado pela política é comumente utilizado no contexto europeu. Assim como ocorre um apagamento das pesquisas nacionais, não é levada em consideração a realidade sociocultural do país e da população público-alvo da PNA.

O documento da PNA (2019) destaca que o processo de aprendizagem de leitura e escrita depende de vários fatores, de forma que as referências que a criança recebe em casa é um deles e é na educação infantil que são desenvolvidas habilidades fundamentais. De acordo com o NATIONAL EARLY LITERACY PANEL (2009; OEA, 2018) as experiências na educação infantil e no convívio familiar são essenciais para ao aprendizado da leitura e escrita.

A PNA prioriza as pesquisas e relatórios internacionais mencionados. O texto do documento afirma que as escolas que fundamentaram suas políticas públicas nas evidências mais atuais da ciência cognitiva e ciência cognitiva da leitura, melhoraram de forma significativa a alfabetização em sua localidade, e completa que para que aja um resultado satisfatório no processo de aprendizagem, é necessário um ensino pautado nas evidências científicas mais recentes.

É dessa forma que a compreensão da alfabetização baseada em evidência científica, na PNA, é reducionista, pois contempla apenas as ciências cognitivas e seus pesquisadores. Ao priorizar uma área específica do conhecimento, caracteriza a psicologia cognitiva como uma disciplina homogênea, dicotomizando emoção e cognição, biológico e cultural, pessoa e meio.

3 O PROGRAMA CONTA PRA MIM

O programa “Conta Pra Mim” é vinculado à atual Política Nacional de Alfabetização e tem como objetivo a ampla promoção da literacia familiar. Portanto, é destinado aos pais ou responsáveis pelas crianças. Lançado em dezembro de 2019, pela Secretaria de Alfabetização, é disciplinado pela Portaria MEC nº 421, de 2020. Conforme a portaria, Art. 2º “É considerado público-alvo do programa todas as famílias brasileiras, tendo prioridade aquelas em condição de vulnerabilidade socioeconômica”.

Esse programa tem por objetivo a ampla promoção da Literacia Familiar, ou seja, busca incentivar a leitura no seio familiar, de pais para filhos. O documento é um guia que apresenta orientações de como praticar a literacia familiar, onde está incluso uma série de vídeos explicando o que é a literacia familiar, a importância e como colocá-la em prática. A coleção “Conta Pra Mim” é composta por quarenta livros digitais, segundo consta no “Guia de Literacia” disponibilizado no site do MEC (BRASIL, 2020b).

Conforme o Documento (2020), é na família que a criança tem o primeiro contato com o mundo, a mesma aprende valores, cria hábitos, é o lugar onde se desenvolve a construção das relações sociais. É destacado que não é necessário ter muitos estudos, ter uma casa grande ou materiais caros, pois “as práticas de literacia familiar são acessíveis a todos! Bastam duas coisas: “você e seu filho” (BRASIL, 2019, p.13). Ainda nessa perspectiva, afirmam que “literacia familiar é o reconhecimento de que os pais são os primeiros professores de seus filhos” (BRASIL, 2019, p.13) e “é um instrumento poderoso para romper o ciclo da pobreza” (BRASIL, 2019, p.17).

Destaca que “As práticas de Literacia Familiar contribuem para o desenvolvimento dos Facilitadores da Alfabetização. São a mola propulsora para aprender a ler, a escrever e a calcular” (BRASIL, 2019, p.17) e acrescentam que as famílias e escolas trabalhem para que as crianças cheguem ao final do primeiro ano do ensino fundamental alfabetizadas “pois, nos anos seguintes, a leitura se tornará um instrumento essencial para elas

continuarem aprendendo outras matérias, como Ciências, História, Geografia e Matemática” (BRASIL, 2019, p.17).

No corpo do documento da PNA estão especificadas as práticas de literacia familiar, as quais são denominadas: Interação Verbal, Leitura Dialogada, Narração de Histórias, Contatos com a escrita, Atividade diversas e Motivação. De acordo com o Programa a Interação Verbal é uma outra estratégia que pode ser usada no contexto da literacia familiar, assim visa proporcionar o diálogo entre adultos e crianças. Ressalta que a interação verbal serve para orientar aos pais sobre como utilizar de forma proveitosa as oportunidades de convivência com seus filhos, aproveitando tais situações de convívio para estimular o desenvolvimento linguísticos de seus filhos.

A Leitura Dialogada “consiste na conversa entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta” (BRASIL, 2019, p.35). Diante disso, o documento sugere que os pais leiam em voz alta para as crianças e os estimulem por interação fazendo perguntas sobre a história contada, assim será reforçado o que se aprendeu na escola. “A Leitura Dialogada praticada com crianças maiores e com adolescentes reforça conhecimentos e habilidades adquiridos na escola, além de continuar estimulando o desenvolvimento da linguagem e o amor pela leitura” (BRASIL, 2019, p.36).

A Narração de Histórias conforme o guia, é definido como “A Narração de Histórias é a boa e velha arte de contar histórias em voz alta” (BRASIL, 2019, p.51), uma boa história pode transmitir valores, sua leitura proporciona um momento especial para vivenciar com os filhos e também favorece o desenvolvimento de habilidades relacionadas à compreensão oral.

Ainda de acordo com o documento, a prática de literacia familiar chamada Contatos com a Escrita é permite à criança ter familiaridade com a escrita. Os contatos com a Escrita se dividem em dois grupos: Exposição à Escrita e Práticas da escrita.

Nas Atividades Diversas o documento sugere que os pais levem os filhos aos parques, fazendo com que possa interagir com outras crianças, faz também a sugestão de jogos e brincadeiras que ajudam para o desenvolvimento dos facilitadores da educação, como: bingos e dominós de rimas. Ainda destaca que façam atividades artísticas e esportivas e passeio em família.

No item Motivação, o guia oferece aos pais sugestões para motivarem os filhos, é importante que os pais “Estejam atentos para não fazerem cobranças irrealistas, que gerem ansiedade nas crianças. Não peça mais do que a criança pode dar naquele

momento. Todas as práticas de Literacia Familiar devem ser agradáveis, sem pressão por resultados (BRASIL, 2019, p.63), “Jamais deboche ou zombe dos erros, dificuldades e características físicas de seu filho. Não o chame de “burro” e de “preguiçoso” (BRASIL, 2019, p.63) dentre outras sugestões.

Segundo o guia, as evidências científicas dizem que na literacia familiar “Os pais são os principais responsáveis por tornar os filhos leitores ávidos” (BRASIL, 2019, p.66), dessa forma a prática de literacia familiar traz aspectos positivos, pois ajuda a diminuir a hiperatividade e os comportamentos arredios, aumenta o bem estar da criança. Por fim, salientam que a leitura realizada antes de dormir melhora a qualidade do sono infantil, fazendo com que reduza a agressividade e a ansiedade.

Ao analisar o Guia de Literacia Familiar, proposto pelo Programa Conta Pra Mim (Brasil, 2019), nota-se que há muitos aspectos para serem problematizados. Um deles diz respeito ao acesso de “todas” as famílias brasileiras ao programa. Ao desconsiderarem a realidade social do seu público-alvo, visto que a sociedade brasileira é demarcada pela desigualdade social, o Conta pra mim torna-se ineficaz em relação ao objetivo proposto. O Programa não dispõe de livros impressos, disponibilizam na plataforma uma coleção com 40 livros digitais. Como vai acessá-la as famílias que não têm conexão à internet? Dessa forma, qual a efetividade dessa política no sentido de atender a todas as famílias brasileiras, principalmente as com baixo nível socioeconômico?

Nesse sentido, o guia evidencia a participação da família no processo de alfabetização, responsabiliza-os pela educação das crianças, na perspectiva do “homeschooling” e não levam em conta a realidade social. Quantas crianças ainda lidam com o fato dos pais/avós não serem alfabetizados?

A PNA, embora mencione jovens, adultos e idosos como seus destinatários, não prevê ações para alfabetização de jovens e adultos. Alfabetização é tarefa da escola, o papel da família é colaborativo, uma vez que não dispõe de formação e recursos suficientes para tal. Além disso, quando se atribui às famílias a responsabilidade de alfabetizar a criança, percebe-se que o estado quer se isentar de sua responsabilidade, típico do neoliberalismo que propaga um estado mínimo. É pertinente a consideração de Ramalhete (2020) ao expor que

em um Estado neoliberal sustentado por reformas, retiradas de direitos, jornadas exaustivas de trabalho, uberização da atividade laboral, precarização da classe trabalhadora, pouquíssimos pais têm condições de

se dedicarem, minimamente, à leitura com as crianças. (RAMALHETE, 2020a, p. 156)

O papel da família no processo de formação das crianças é incontestável, assim como a importância da leitura no ambiente familiar, mas, é preciso reiterar que a garantia do direito ao letramento literário desagua sobretudo no contexto da educação escolar. Embora haja lacunas, acerca do desempenho da escola no tocante à alfabetização e ao letramento, não se pode tirar a responsabilidade da mesma, antes precisa-se oferecer as condições para que avance em sua função social.

Importante retomar as considerações de Soares (1996) quando explica que a escola tem se mostrado insuficiente quando se trata em ofertar educação às camadas populares, o que acaba por gerar cada vez mais desigualdades sociais. A mesma aborda sobre a ideologia da deficiência que se originou nos Estados Unidos e passou a ser aceita e adotada por outras sociedades capitalistas.

Para Soares (1996) a teoria do déficit responsabiliza a própria criança e a sua realidade social, rotulando a pobreza como algo “patológico”, ou seja, a pobreza que é responsável por gerar as “doenças”, bem como as “deficiências”. E com isto de forma dissimulada deixou-se de analisar as reais razões sociais e políticas que disseminam as desigualdades.

É notório que as crianças que possuem oportunidades de conviver com as experiências correlacionadas à leitura, principalmente no âmbito familiar, tendem a ter um bom desempenho na fase da alfabetização, pois já têm certas aptidões necessárias a esse processo. Contudo, é necessário que haja um olhar mais aguçado por parte das esferas públicas, pois muitas dificuldades na alfabetização estão relacionadas ao nível socioeconômico de algumas famílias, e isso interfere na educação de crianças, uns avançam e outros não, devido a sua condição social. Por essa razão é importante que sejam ofertadas a todas crianças experiências que viabilizem o ato de aprender a ler e escrever nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os estudos acadêmicos brasileiros em relação à leitura estão ausentes no documento, em nenhum momento é citado no guia escritores e pesquisadores da área de alfabetização, letramento e literatura infantil do Brasil. Para Ramalhete (2020b)

Quando a PNA apresenta como diretriz um simulacro de educação literária, ela não o faz por ingenuidade; a destreza recai justamente na proposição de uma diretriz volátil que assegure a constância das normas, a contumácia da injustiça [...]. Afinal, uma política pública educacional, ao

renunciar ao literário, abandona, por consequência, o ensino, o debate, a mediação [...]. (RAMALHETE, 2020b, p. 14)

Outro aspecto que merece ser analisado no referido programa é a linguagem que compõem os livros infantis ofertados pelo Conta Pra mim. Na análise da coleção há vários títulos, contos e fábulas, em sua maioria: O jovem gigante, A cegonha e a raposa, As árvores e o machado, O galo e a Pérola, O Carvalho e o caníço, dentre outros.

Nos livros do programa, a linguagem apresentada é simplificada, o cunho moralista é predominante nas narrativas e estas se dão de forma fragmentada. Tal vertente revela retrocessos nas políticas de leitura, expondo o cunho formador que a literatura infantil apresentava em seus primórdios, reforçando modelos de comportamento e os valores sociais dominantes. A literatura infantil contemporânea, ao contrário, “oferece uma nova concepção de texto escrito, aberto a múltiplas leituras, questionamentos e reflexões.” (CALDIN, 2003, p. 50).

Nessa perspectiva, é importante que as crianças tenham possibilidades de acesso a livros de qualidade para que vivenciem uma formação leitora e possam participar de mediações significativas. Sendo assim o letramento literário é de suma importância para a formação de uma comunidade leitora, sendo que o acesso a livros literários, para a maioria das crianças brasileiras, só acontece no ambiente escolar. Privá-las de uma literatura de qualidade é negar-lhes a oportunidade de desenvolvimento pleno de suas capacidades criativas, críticas e reflexivas.

Ramalhete (2020a) afirma que a coleção de livros do Programa Conta pra mim “parece nutrir uma postura antidemocrática, pois é rechaçada do programa a fortuna teórica e crítica de estudos historicamente direcionados à produção de obras que versam sobre as políticas públicas para leitura, sobre a literatura infantil e juvenil”. (RAMALHETE, 2020a, p. 159)

Outra linha é adotada pela PNA em análise, percebe-se que a literatura infantil é tratada de forma simplificada. “Trata-se de um processo imenso de simplificação, baseado em uma concepção leitura endereçada às crianças subserviente à reprodução de normas de conduta e valores caros a uma perspectiva de mundo ultraconservadora, antidemocrática e desigual” (RAMALHETE, 2020a, p. 160).

O programa Conta Pra Mim, sendo uma das ações dessa política, demonstra várias fragilidades no trabalho na perspectiva do letramento literário, sobretudo ao deslocar para o contexto familiar uma das funções precípua da escola, a formação leitora e

escritora. Na análise de Ramalhete (2020a p. 151), a proposta, nos moldes da literacia familiar apresentados, “nega o acesso à arte e está confinada a finalidades utilitaristas, imediatistas, moralizadoras, que não contribuem com transformação da sociedade, mas com a sua reprodução.” Concordamos com a afirmação, uma vez que o programa se furta a admitir que a educação literária também é importante, tendo por base nos princípios éticos, estéticos e políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se analisar como a literatura infantil é considerada na Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019) para verificar se essa política destaca a relevância da literatura no processo de alfabetização e letramento, na perspectiva de formação leitora/escritora das crianças.

Alguns fatores foram refletidos em relação a essa política, como por exemplo, em qual contexto político foi produzida e quem foram os responsáveis por elaborá-la? Qual a concepção de literatura infantil subjacente à PNA? E quais são as teorias que a embasam?

Por fim, os resultados da pesquisa apontam que, no bojo da Política Nacional de alfabetização de 2019, a literatura infantil ocupa um lugar bastante periférico, de forma que não atende aos objetivos traçados, ignora as práticas de letramento, dificultando e negando, às crianças das camadas populares, oportunidades de vivenciarem experiências literárias que viabilizem e enriqueçam o ato de aprender a ler e escrever nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diante dos dados apresentados, fruto do processo de leitura, pesquisa e análise sobre as vertentes que envolvem a temática, pode-se afirmar a necessidade e urgência de recolocar a literatura infantil num lugar de centralidade no processo educativo, para formação leitora e escritora das crianças.

Nesse sentido, almeja-se também que esse estudo possa provocar inquietações nos professores da Educação Básica pública, permitindo a ressignificação das práticas pedagógicas, na perspectiva da alfabetização e do letramento da classe trabalhadora e de resistência a esse modelo que nega o direito do acesso à literatura infantil às crianças, com o que de melhor ela suscita na formação dos sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO – ANA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36188>. Acesso em 22 nov. 2021.

BRASIL. EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 59, de 11 de novembro de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm. Acesso em: 25 de ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. *Diário Oficial* da União [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conta pra Mim**: Guia de Literacia Familiar. Brasília: MEC, SEALF, 2019b.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 15, 1º sem. 2003. p. 47-58. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47>. Acesso em: 15 set. 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Contexto 2009.

DHOME, Vania D'Angelo, **Técnicas de contar histórias**. São Paulo: Informal Editora, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 27. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo, MACEDO, Donald. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GONTIJO, Claudia. M. M.; ANTUNES, Janaína S. C. Diálogos com o Plano Nacional de Alfabetização (2019): contrapalavras. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf**. Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 10 (Edição Especial) | p. 32-38 | jul./dez. 2019

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61

MORTATTI, Maria do Rosário L. A “Política Nacional de Alfabetização” (Brasil, 2019): uma “guinada” (ideo) metodológica para trás e pela direita. **Revista Brasileira de**

Alfabetização – ABAIf. Belo Horizonte, MG | v. 1 | n. 10 (Edição Especial) | p. 26-31 | jul./dez. 2019.

RAMALHETE, Mariana Passos. O retrocesso empurra a porta: a literatura infantil e o programa Conta pra mim. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 38, pp.151-167, set-dez 2020a

RAMALHETE, M. P. A diretriz de educação literária na Política Nacional de Alfabetização: contrapontos. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1-21, 2020b. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.15264.052. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15264>. Acesso em: 26 out. 2022.

SAVIANI, Demerval. **Da LDB (1996) ao novo PNE (2014-2024):** por uma outra política Educacional. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da et. al. Pesquisa Documental: alternativa investigativa na formação docente. **IX Congresso Nacional de Educação - Educere**. PUCPR, 2009. p. 4554-4566. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3124_1712.pdf. Acesso em: 05 ago. 2021.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola:** uma perspectiva social. 14. ed. São Paulo: Ática, 1996.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. Belo Horizonte: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TAFFAREL, C. N. Z.; CARVALHO, M. S. A extinção da SECADI: um golpe fatal nas conquistas no campo da educação: . **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 84-90, 2019. DOI: 10.33241/cadernosdogposshe.v2i1.1523. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/1523>. Acesso em: 14 nov. 2022.



AUTORES

Adna Jesus Chaves

Pedagoga, Professora da Educação Básica em Teixeira de Freitas. Egressa da Universidade do Estado da Bahia – Uneb - Campus X. E-mail: adna2016chaves@gmail.com

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, graduado em Letras pela mesma instituição.

Cecilia Maria Mourão Carvalho

Mestra em Educação e Contemporaneidade, pedagoga, especialista em Supervisão Escolar e Educação Infantil. Professora a Universidade do Estado da Bahia, Campus X. Foi formadora nos Programas PNAIC e TOPA. É membra do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL. Coordenadora Pedagógica em Mucuri BA. E-mail: cmourao@uneb.br

Daniel Moreira da Silva

Bacharelado de Ciência e Tecnologia da UFMA.

Fernando Mendes Barcelos Segundo

Bacharelado de Ciência e Tecnologia da UFMA.

Jessika Kétula Rodrigues Vilela

Licenciada em Letras – Português/Inglês (UFRPE).

Larissa Camargo Castro Alves Muranaka

Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Historiografia literária pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Graduada em Direito pela Universidade para o Desenvolvimento da região e do Estado do Pantanal (UNIDERP) (2006). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Madielle Figueiredo Da Silva

Pedagoga, Professora da Educação Básica em Teixeira de Freitas. Egressa da Universidade do Estado da Bahia – Uneb - Campus X. E-mail: madielle0303@gmail.com

Márcia Antonia Guedes Molina

Possui mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, doutorado em Linguística e Semiótica, pela Universidade de São Paulo, e pós-doutorado também na Pontifícia Universidade de São Paulo. Faz parte do banco de avaliadores do INEP e é avaliadora ad hoc do Instituto Federal do Maranhão. É professora associada do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão. Trabalhou por muitos anos na iniciativa privada, em especial, na Universidade de Santo Amaro, onde lecionou várias cadeiras ligadas à Língua Portuguesa e Linguística, coordenou licenciaturas tanto na modalidade presencial quanto a distancia. Coordenou e ministrou também cadeiras em pós graduação latu-sensu. É autora de obras ligadas à Linguística e de conteúdos interdisciplinares e vários artigos de âmbitos nacional e internacional.

Mariana Brito Ribeiro

Bacharelado de Ciência e Tecnologia da UFMA.

Marieli Rosa

Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Grupo de pesquisa em Linguística Forense e do Grupo de pesquisa Ensino de língua e literatura, ambos coordenados pela Doutora Claudia Maris Tullio (Unicentro). Tem experiências com Educação Histórica, Literaturas Africanas de língua portuguesa e linguística aplicada ao ensino. Suas produções e discussões permeiam as áreas da História das Mulheres, Estudos de Gênero e Classe, Estudos em Linguística e Direito e Análise de Discurso.

Micheli Rosa

Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília. Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Grupo de Pesquisa Linguística Forense (UNICENTRO). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social e experiência na área de Estudos da Linguagem, com ênfase em Análise Crítica do

Discurso. Atuando principalmente nos seguintes temas: Mídia e Discurso; Linguagem e Direito: violência doméstica, Poder e ideologia; Ensino-aprendizagem de História e Língua Portuguesa.

Raine Oliveira Silva

Pedagoga, Professora Auxiliar da Educação Básica em Teixeira de Freitas. Egressa da Universidade do Estado da Bahia – Uneb - Campus X. E-mail: oliveiraraine162@gmail.com

EDITORA
UNION

ISBN 978-658488530-1



9

786584

885301